



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



José Emerson Tavares de Macêdo

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

JOSÉ EMERSON TAVARES DE MACÊDO

**A LINGUAGEM HUMORÍSTICA DAS CHARGES E AS
“DIRETAS JÁ” NO TRAÇO DOS CHARGISTAS DOS
JORNAIS: DIÁRIO DA BORBOREMA E JORNAL DA
PARAÍBA**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História, da
Universidade Federal de Campina
Grande, junto à Linha II de Pesquisa:
Cultura, Poder e Identidades. Como
parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em História.

ORIENTADORA: Dr.^a ELIZABETH CHRISTINA DE ANDRADE LIMA

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

DIGITALIZAÇÃO:
SISTEMOTECA - UFCG

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

- M1341 Macêdo, José Emerson Tavares de.
A linguagem humorística das charges e as "Diretas Já": no traço dos
Chargistas dos jornais: Diário da Borborema e Jornal da Paraíba / José
Emerson Tavares de Macêdo. - Campina Grande, 2012.
135f.: il.
- Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina
Grande, Centro de Humanidades.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elizabeth Christina de Andrade Lima.
Referências.
1. Política - História. 2. Charge. 3. "Diretas Já". 4. Emenda Dante de
Oliveira. 3. Imprensa. I. Título.

CDU 94:32(043)

JOSÉ EMERSON TAVARES DE MACÊDO

**A LINGUAGEM HUMORÍSTICA DAS CHARGES E AS “DIRETAS JÁ” NO TRAÇO
DOS CHARGISTAS DOS JORNAIS: DIÁRIO DA BORBOREMA E JORNAL DA
PARAÍBA**

Dissertação aprovada com distinção em: 29 de Março de 2012

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Elizabeth Christina Andrade de Lima (CH- UFCG)
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Maria Lindaci Gomes de Souza (DH – UEPB)
(Examinador Externo)

Prof^a. Dr^a. Maria Lucinete Fortunato (CH – UFCG)
(Examinador Interno)

Prof^a. Dr^a. Sandra Raquew dos Santos Azevêdo (DAM – UFCG)
(Examinador Externo - Suplente)

Prof^a. Dr^a. Marinalva Vilar de Lima (CH – UFCG)
(Examinador Interno - Suplente)

**Campina Grande – PB
2012**

DEDICATÓRIA

Para minha mãe, Judite Pereira de Macêdo, ao meu pai, Benigno Tavares de Arruda mesmo não estando entre nós, mas presente em nossas lembranças e sentimentos que seja possível observar o "sucesso" do seu filho. Dedico ainda, ao meu irmão, Edson Carlos Tavares de Macêdo. A minha família de forma geral por incentivar e financiar os meus estudos. A minha companheira Thatianne Barros Medeiros por me ajudar sempre de forma direta e indiretamente na construção desse trabalho e no apoio que me foi dado. Dedico esse trabalho para estas pessoas, por terem me mostrado a importância de ir à escola e dos estudos, em um tempo em que vivenciamos um mundo que exige a qualificação do profissional, independente da área de trabalho. Este trabalho resulta não apenas pelos meus méritos, mas pelo incentivo e apoio da minha família, amigos e professores em chegar até aqui, a todos vocês compartilho esse fruto de uma semente que foi plantada lá no início da minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, a Deus primeiramente. Aos professores, Maria Lindaci Gomes de Souza, José Luciano de Queiroz Aires, Patrícia Cristina de Aragão Araújo e Kyara Maria de Almeida Vieira, estes que fizeram parte da minha graduação, bem como tiveram tamanha importância na aprovação da seleção do PPGH – UFCG 2010. Agradeço ainda aos meus amigos da graduação; Bruno Gaudêncio, Liélia Barbosa, Sâmala Sonaly e Cibelle Leal, pela união que foi adquirida durante o processo seletivo, sem esquecer mesmo de forma indireta o apoio do grande amigo Eraldo Eronides Maciel, Thomas Bruno Oliveira e Michelly Sobral. Agradeço ao PPGH – UFCG, pela oportunidade e o espaço concedido para concretização de mais um sonho na minha profissão. Agradeço profundamente a gentileza, a confiança e o apoio depositado pela minha orientadora Elizabeth Christina de Andrade Lima na execução deste trabalho. Aos nossos colaboradores, atuais e ex-cronistas do traço que nos concedeu tamanha informação através de entrevistas; Júlio César, Fred Ozanan, Kennyo Alex e Afonso Marreiro. Agradecemos ainda, ao apoio financeiramente oferecido pela CAPES ao longo de onze meses. Aos colegas da turma do mestrado como: Karina Souto, Cláudio Barroso, Inairan Cunha, Fernanda Piris, Ivone Brandão, Maria Aparecida, Cleryston Medeiros, Francisca Kelly, Auriane Ferreira, Raimilson Tavares e todos(as) os demais que fizeram parte do programa. Agradeço por fim ao corpo docente do Mestrado em História da UFCG, que contribuiu em nossa formação, bem como aos professores do Programa de Mestrado em História da UFPB, Prof. Elio Chaves Flores e Prof.ª Regina Behar que deram suas contribuições ao nosso trabalho, quando participamos da sua disciplina, Linguagens Historiográficas. Agradecemos por fim a banca examinadora do nosso trabalho, tanto da qualificação como na defesa, por participar e assim fomentar o enriquecimento desse estudo, obrigado a todos.

RESUMO

Este trabalho dissertativo analisa algumas das representações cômicas sobre as "Diretas Já", que foi um movimento de cunho político, que se espalhou pelo País em busca de um novo representante político que fosse escolhido através de eleições diretas. Em meados de 1983 as oposições lançam a campanha por eleições diretas para Presidente da República. Essas mudanças foram apropriadas e representadas de forma cômica pelos cronistas do traço dos quais destacamos: Afonso Marreiro, Fred Ozanan e Kennyo Alex. O modo como esses chargistas representaram os eventos e personagens da política brasileira, nos ajuda a compreender o governo da época e o movimento das "Diretas Já". Propomo-nos a analisar os desenhos desses jornais, Diário da Borborema e Jornal da Paraíba para identificar a intenção destes cartunistas através de seu traço respectivo. Para análise e interpretação das fontes visuais nos fundamentamos na abordagem metodológica proposta por Carlos Ginzburg, o método indiciário, que trabalha com a interpretação, ancorado em pistas, indícios, sinais, que nos permite fazer inúmeras leituras das fontes históricas, dentre elas, a charge. Fizemos uso ainda do método da hermenêutica visual, que considera a imagem como objeto principal de estudo. Neste sentido tomando o humor como um texto político, analisamos as representações sobre as "Diretas Já" nas charges elaboradas pelos citados chargistas.

PALAVRAS-CHAVES: Charge. "Diretas Já". Emenda Dante de Oliveira. Imprensa.

ABSTRACT

This paper analyse some of the comic representations on "Diretas Já", which was a political movement that has noticed all of the country in search of a new political representative that is elected through direct elections. At about 1983 the oppositions launch the campaign for direct elections for president. These changes were appropriate and represented in a comic by chroniclers as: Afonso Marreiro, Fred Ozanan e Kenno Alex. The way these cartoonists represented the events and characters of Brazilian politics, helps us understand the government of the time and the movement of "Diretas Já". We propose to analyze the cartoons of these newspapers, Diário da Borborema and the Journal of Paraíba to identify the intent of these cartoonists through their respective trait. For analysis and interpretation of visual sources we have considered the methodological approach proposed by Carlos Ginzburg, the evidentiary method, which works with the interpretation, anchored on tracks, signs, signals, allowing us to make numerous readings of historical sources among them the charge. We still use the visual method of hermeneutics, which considers the image as the main object of study. In this sense taking humor as a political text, analyze the representations of the "Diretas Já" by these cartoonists.

KEYWORDS: Charge. "Diretas Já". Dante de Oliveira Amendment. Press.

RESUMEN

Este artículo examina algunas de las representaciones dissertative cómico sobre "Elecciones Directas Ya", que era un movimiento político que se ha extendido por todo el país en busca de un representante político nuevo que es elegido mediante elecciones directas. A mediados de 1983 las oposiciones lanzar la campaña para las elecciones directas para presidente. Estos cambios fueron apropiadas y representado en un cómic por Trace cronistas que incluyen: Marreiro Afonso, Fred Ozanan Kenyo y Alex. La forma en que estos caricaturistas representaban a los acontecimientos y personajes de la política brasileña, nos ayuda a entender el gobierno de la época y el movimiento de "elecciones directas ya". Nos proponemos analizar las caricaturas de los periódicos mencionados, Diário da Borborema y el Diario de Paraíba a conocer el propósito de estos dibujantes a través de su rasgo correspondiente. Para el análisis e interpretación de las fuentes visuales hemos considerado el enfoque metodológico propuesto por Carlos Ginzburg, el método de prueba, que trabaja con la interpretación, anclado en las pistas, signos, señales, lo que nos permite hacer numerosas lecturas de fuentes históricas, entre ellas la carga. Seguimos usando el método visual de la hermenéutica, que considera la imagen como el principal objeto de estudio. En este sentido, teniendo el humor como un texto político, analizar las representaciones de las "Elecciones Directas Ya" citados en las historietas dibujadas por caricaturistas.

PALABRAS CLAVE: Cargo. "Elecciones Directas Ya". Enmienda Dante de Oliveira. Pulse.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	03
AGRADECIMENTOS	04
RESUMO	05
ABSTRACT	06
RESUMEN	07
INTRODUÇÃO	12
❖ CAPÍTULO 1 – Uma breve incursão sobre os significados do termo charge	31
1. A charge.....	31
1.1. A historicidade da charge.....	35
1.2. Considerações sobre a charge.....	49
1.3. A charge política.....	54
❖ CAPÍTULO 2 – A esperança e o desejo vestido de amarelo contra a força do regime militar nas charges dos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba	58
2.1 O governo de João Baptista Figueiredo (1979 – 1985).....	59
2.2 O movimento “Diretas Já” nas charges dos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba.....	65
❖ CAPÍTULO 3 – A hora da (D)ecisão: No traço dos chargistas do Diário da Borborema e do Jornal da Paraíba	88
3.1 As campanhas Pró Diretas.....	88

3.2 O Mês “D” da Democracia	99
3.3 O Dia “D” da Democracia.....	104
3.4 Morre a esperança amarela.....	110
3.5 “Diretas Já” na Paraíba.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	130

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 01 DIÁRIO DA BORBOREMA 03 JUL. 1958.....	45
Fig. 02 ANO I – Nº 1 AS AVENTURAS DO FLAMA.....	46
Fig.03 DIÁRIO DA BORBOREMA 04 SET. 1980.....	66
Fig. 04 DIÁRIO DA BORBOREMA 14 SET. 1980.....	67
Fig. 05 DIÁRIO DA BORBOREMA 08 OUT. 1980.....	68
Fig. 06 DIÁRIO DA BORBOREMA 25 DEZ.1980.....	69
Fig. 07 DIÁRIO DA BORBOREMA 11 DEZ. 1982.....	70
Fig. 08 DIÁRIO DA BORBOREMA 16 DEZ 1982.....	71
Fig. 09 DIÁRIO DA BORBOREMA 26 MAR 1983.....	74
Fig. 10 JORNAL DA PARAÍBA 08 JUN 1983.....	76
Fig. 11 DIÁRIO DA BORBOREMA 24 NOV 1983.....	81
Fig. 12 JORNAL DA PARAÍBA 27 NOV.1983.....	82
Fig. 13 DIÁRIO DA BORBOREMA 6 DEZ 1983.....	83
Fig. 14 DIÁRIO DA BORBOREMA 07 DEZ. 1983.....	84
Fig. 15 DIÁRIO DA BORBOREMA 08 DEZ. 1983.....	85
Fig. 16 DIÁRIO DA BORBOREMA 18 DEZ. 1983.....	86
Fig. 17 DIÁRIO DA BORBOREMA 12 JAN. 1984.....	89
Fig. 18 DIÁRIO DA BORBOREMA 22 JAN. 1984.....	90
Fig. 19 JORNAL DA PARAÍBA 26 JAN. 1984.....	91
Fig. 20 DIÁRIO DA BORBOREMA 27 JAN 1984.....	92
Fig. 21 DIÁRIO DA BORBOREMA 02 FEV. 1984.....	94
Fig. 22 JORNAL DA PARAÍBA 24 MAR. 1984.....	94
Fig. 23 DIÁRIO DA BORBOREMA 11 MAR 1984.....	95
Fig. 24 DIÁRIO DA BORBOREMA 23 MAR. 1984.....	97
Fig. 25 DIÁRIO DA BORBOREMA 25 MAR. 1984.....	98
Fig. 26 DIÁRIO DA BORBOREMA 01 ABR. 1984.....	99
Fig. 27 JORNAL DA PARAÍBA 11 ABR. 1984.....	101
Fig. 28 DIÁRIO DA BORBOREMA 12 ABR. 1984.....	102
Fig. 29 DIÁRIO DA BORBOREMA 19 ABR. 1984.....	104
Fig. 30 DIÁRIO DA BORBOREMA 23 ABR. 1984.....	105
Fig. 31 DIÁRIO DA BORBOREMA 24 ABR. 1984.....	106
Fig. 32 DIÁRIO DA BORBOREMA 25 ABR. 1984.....	110

Fig. 33 DIÁRIO DA BORBOREMA 14 MAI. 1984.....	111
Fig. 34 DIÁRIO DA BORBOREMA 02 JUL. 1984.....	112
Fig. 35 DIÁRIO DA BORBOREMA 07 JUL. 1984.....	113
Fig. 36 DIÁRIO DA BORBOREMA 06 SET. 1984.....	114
Fig. 37 DIÁRIO DA BORBOREMA 13 DEZ. 1984.....	115
Fig. 38 DIÁRIO DA BORBOREMA 25 DEZ. 1984.....	116
Fig. 39 Imagem de representantes políticos definindo a campanha pelas eleições diretas. JP - 18-01-84.....	119
Fig. 40 COMÍCIO DAS DIRETAS NA LAGOA DO PARQUE SÓLON DE LUCENA – JOÃO PESSOA. DB – 26-01-1984.....	120
Fig. 41 COMÍCIO DAS DIRETAS NO PARQUE EVALDO CRUZ (AÇUDE NOVO) – CAMPINA GRANDE. DB – 28-03-1984.....	121
Fig. 42 PARTE DA POPULAÇÃO CAMPINENSE NA EXPECTATIVA DO RESULTADO DA EMENDA DANTE DE OLIVEIRA. DB – 25-04-2012.....	124
QUADRO - DEMONSTRATIVO DA VOTAÇÃO DOS DEPUTADOS PARAIBANOS REFERENTE À EMENDA DANTE DE OLIVEIRA.....	125

INTRODUÇÃO

Neste trabalho dissertativo iremos apresentar uma leitura histórica de um determinado período compreendido na História do Brasil como: "Diretas Já", a partir das charges veiculadas pelos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba. Apresentaremos discussões de uma pesquisa de cunho historiográfico, a partir das coletas de dados feita em acervos como: bibliotecas universitárias da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pesquisamos ainda, no arquivo do Museu Histórico de Campina Grande e arquivos dos jornais; Diário da Borborema e Jornal da Paraíba.

A nossa pretensão em trabalhar com esta temática partiu de uma pesquisa realizada durante a graduação em História, de Iniciação Científica da UEPB na cota 2008/2009, foi uma pesquisa em que procuramos identificar através das charges do Jornal Diário da Borborema o posicionamento do chargista da época em relação a um dos momentos mais significativos da História Política, o movimento "Diretas Já". Algumas lacunas permaneceram na referida pesquisa e neste sentido buscamos dar continuidade a esta pesquisa de uma forma mais aprofundada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Para tanto decidimos observar não apenas mais um periódico, acrescentamos nesta pesquisa as representações humorísticas publicadas pelo Jornal da Paraíba dentro desse mesmo contexto.

Discutimos na área de concentração do Programa de Pós-Graduação da UFCG: *História, Cultura e Sociedade*. A nossa linha de pesquisa se delineia, *Cultura, Poder e Identidades*. Tendo em vista que tratamos neste trabalho sobre o poder político, através das representações simbólicas que é a charge, a citada linha tem como um dos objetivos o estudo cultural das tramas do político, o qual aponta tanto os aspectos míticos quanto os aspectos ritualísticos, os quais quer se trate do gestual ou de um cerimonial, possibilitam a captura de todo um simbolismo nessa relação de poder.

É importante destacarmos a inovação da realização desta pesquisa. Se analisarmos as discussões dentro da historiografia brasileira, ainda são poucos os trabalhos que remetem a este tema, temos historiadores que publicaram algumas

obras voltadas para essa discussão: Marcos Antonio da Silva (1989), Elias Thomé Saliba (2000), Elio Chaves Flores (2003), Rodrigo Patto Sá Motta (2006), entre outros que discutem e analisam um contexto histórico ligado à política/social de uma forma “diferente”, utilizando a linguagem cômica como fonte histórica. Desde o início quando nos propomos a fazer esse tipo de estudo, não identificamos nenhum trabalho ligado à charge e o período que corresponde ao final do regime militar na historiografia paraibana. Eis no que reside o ineditismo desta pesquisa, um trabalho que aborda o fim do regime militar através de charges publicadas pelos jornais, Diário da Borborema e Jornal da Paraíba.

Temos como pretensão na presente dissertação, abordar a importância do uso da charge para as leituras dos fatos históricos, de uma maneira diferente, através da satirização reportado no humor das charges. Desta forma abarcamos a ideia de Motta (2006, p. 24) de que: “o riso, já foi dito, pode ser útil ao poder, ao apontar equívocos e pontos frágeis a serem corrigidos por um governante sagaz”. Pois, em algumas circunstâncias, o riso pode servir para desanuviar o ambiente político nos contextos de crise, funcionando como válvula de escape para liberar tensões. Assim, a charge, embora traga o riso para alguns, pode trazer ódio para outros, tratando-se de uma “arma política”. (MOTTA, 2006).

Para compreender o período da nossa pesquisa é necessário dar relevo aos acontecimentos anterior e posterior aos anos de 1983 - 1984. Tendo em vista que adotamos uma postura de historiador, não devemos isolar os acontecimentos locais, uma vez que a leitura dos mesmos exige uma contextualização, o que possibilita uma maior inserção nacional. A pesquisa em revistas, artigos, livros e no próprio jornal, nos ajuda a compreender o momento do governo de Figueiredo, não isolaremos o movimento das Diretas, mas buscaremos compreender o que levou essas manifestações em Pró-Diretas, através de uma pesquisa bibliográfica. Com isso podemos partir para o enfoque da nossa pesquisa que é analisar as representações humorísticas do movimento das Diretas, através do olhar dos chargistas do Diário da Borborema e do Jornal da Paraíba.

Verifica-se que pelo menos há dois séculos, os jornais guardam a memória da humanidade, feitos templos da informação, agora, na era da informática, podem ser considerados como valiosíssimos documentos históricos. Neste sentido, o jornal se impõe como fonte para historiadores através dos argumentos ideológicos e das

inúmeras estratificações em que se pulveriza o discurso histórico em nossos dias. Reforçamos a nossa compreensão sobre a imprensa quando Janotti (2008) afirma que

Durante muito tempo vista com desconfiança pelos historiadores, hoje a imprensa é um dos mais importantes documentos de época, pela pluralidade de representações sociais que engloba. Como todos os demais documentos históricos, a imprensa possibilita diferentes leituras de aspectos objetivos e subjetivos da história imediata, no mesmo ritmo vertiginoso do acontecer. (JANOTTI, 2008, p. 113)

Partindo desse pressuposto, optamos por trabalhar com dois jornais, o JP (Jornal da Paraíba) e o DB (Diário da Borborema) que circulavam em Campina Grande do período de 1979-1984. Hoje apenas o Jornal da Paraíba permanece atuando no mercado jornalístico na cidade de Campina Grande e circunvizinhas. O Diário da Borborema fechou as portas em Fevereiro de 2012, devido a sua decadência no mercado.

O primeiro jornal o Diário da Borborema, também conhecido como (DB) nasceu pertencendo à cadeia de Diários e Associados, por inspiração do próprio Assis Chateaubriand, fundador dessa rede de jornais. Segundo (ARAÚJO, 1983, p.133), o jornal foi: “fundado a 2 de outubro de 1957, o DIÁRIO DA BORBOREMA já nasceu pertencente à cadeia de Diários Associados, por inspiração do próprio Assis Chateaubriand”.

A inauguração contou com a participação do prefeito da época Elpídio de Almeida que na ocasião cortou a fita inaugural, além da presença do Bispo Diocesano D. Otávio Aguiar. Seguindo ainda na visão de Araújo (1983), a autora nos apresenta sobre a nossa próxima fonte de pesquisa o Jornal da Paraíba também conhecido como (JP). Este periódico foi “fundado a 5 de setembro de 1971, pelo grupo Admar Borges da Costa Santos, Josusmá Viana e Maurício Almeida” (ARAÚJO, 1983, p.136).

Quando tomamos a charge como fonte estamos nos valendo dos impressos, no nosso caso os jornais como fonte para o conhecimento da história política do Brasil. No entanto, não podemos desprezar o peso da tradição dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do século XX, quando se buscava a verdade dos fatos por intermédio dos documentos. Estabelecem-se uma hierarquia qualitativa dos documentos. Neste contexto, os jornais pareciam adequados para a

recuperação do passado. Prática que recebeu uma importante formulação da historiadora Luca (2006)

Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. (LUCA, 2006, p.112)

A crítica a essa concepção, realizada na década de 1930 pela chamada Escola dos Annales¹, não implicou o reconhecimento imediato das potencialidades da imprensa, que continuam relegadas ao segundo plano. Alguns historiadores continuavam preocupados em narrar os grandes acontecimentos e os feitos dos grandes heróis, pois estas são características da escola metódica no século XIX.

Discorrendo sobre a utilização da imprensa como fonte histórica para o historiador, nos pautamos na afirmação de Luca (2006, p.118), quando ela afirma que “o estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica”. Isso demonstra que o estudo e as pesquisas realizadas em jornais não é tão antigo, o nosso trabalho mostra apenas um caminho entre tantos outros que se pode realizar nas páginas dos jornais.

Nos propomos a analisar as charges dos mencionados jornais para identificar através do viés cômico e satírico as representações humorísticas que dão visibilidade política ao último governo militar bem como ao movimento das “Diretas Já”. Nossa proposta em termos historiográficos é fazer um cruzamento entre a documentação oficial, resultante do período e as fontes visuais, assim analisaremos através da ironia e do humor das charges as representações elaboradas pelos chargistas: Afonso Marreiro e Fred Ozanan do Diário da Borborema e Kenny Alex do Jornal da Paraíba.

A leitura de uma charge pode nos ajudar a captar o “espírito de uma época”, Carlo Ginzburg (1989), no seu livro *Mitos, Emblemas, Sinais*, afirma que cada sociedade trabalha com signos, com princípios, muitas vezes involuntários, que não

¹ A chamada Escola dos Annales constitui-se num movimento historiográfico. Recebe essa designação por ter surgido em torno do periódico acadêmico francês *Revue des Annales*, tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Em geral, divide-se a trajetória da escola em quatro fases: primeira geração - liderada por Marc Bloch e Lucien Febvre; segunda geração - dirigida por Fernand Braudel; terceira geração - vários pesquisadores tornaram-se diretores; e quarta geração - a partir de 1989.

são percebidos no dia-a-dia por seus contemporâneos, da qual por analogia inserimos a leitura de uma charge. Dessa maneira “cada sociedade observa a necessidade de distinguir os seus componentes; mas os modos de enfrentar essa necessidade variam conforme os tempos e os lugares”, (GINZBURG, 1989, p.171).

Apenas signos que se ocultam da maioria das pessoas podem ser percebidos por observadores perspicazes que ao analisarem a produção artística da época estudada, no nosso caso as charges, podem inferir esses valores nas entrelinhas destas produções, pois afirma, “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. (GINZBURG, 1989, p.177)

Quebrando barreiras e preconceitos no meio acadêmico o jornal tem se imposto como fonte documental na realização de pesquisas na área de História, sobretudo, no desenvolvimento de trabalhos que elegem como objeto de investigação a história do cotidiano e/ou das representações sociais, pois se constitui em uma das fontes mais ricas e densas em informações e ideias que podem se tornar objeto de reflexão por parte dos historiadores e, conseqüentemente, contribuir para a produção do conhecimento.

Os jornais registram as ideias e os valores da cultura na sua diversidade e contradições, tem uma forma peculiar de observar e relatar o cotidiano da sociedade produzindo o registro do fazer coletivo e de individualidades que se traduzem na história imediata. Possui uma linguagem produtora de significados e, na busca de garantir uma objetividade pragmática frente ao leitor, trabalha com o conceito de verdade já que a notícia necessita de provas e uma narrativa do fato, tal qual aconteceu.

Foram muitos os historiadores que em sua pesquisa se debruçaram sobre os jornais. Reforçamos nossa visão na fala do historiador Flores (2005), quando argumenta a ideia de Millôr Fernandes ao afirmar que o campo da imprensa seria o manancial do historiador

Voz de hoje, herdeira e guarda das informações de ontem, prenunciadora dos acontecimentos de amanhã, antecipa a História, pois é aí que a História vai buscar a maior parte de seus dados – eis por que a História é cada vez mais confusa, mentirosa e/ou tola. Portanto, para Millôr, a imprensa não seria apenas oposição e o resto a estiva da mastigação (secos e molhados), como teria ficado na sua frase pasquiniana. (FLORES, 2005, p.7-8)

Os jornais e as charges de uma forma geral têm um público a quem se dirigem e com quem dialogam. Os jornais não são fontes imparciais, a despeito

dessa roupagem de imparcialidade e verdade que nos passam cotidianamente que devemos estar atentos. Apesar de se destinar a um público específico do mesmo modo que os periódicos, as charges despertam nos seus leitores o riso e a crítica do contexto em que ela está inserida, lançando sua criticidade do mesmo modo que a leitura de um jornal passa ao leitor comum. Ao nosso olhar de historiador se faz necessário identificarmos o papel ideológico desses jornais, bem como a postura dos seus chargistas, se estes eram livres para expressar seus pensamentos no desenho.

No século XIX quando a História se pretendia ser a ciência absoluta, bebendo nos método das ciências naturais, a concepção de História estava ligada à concepção de documento. A verdade dos fatos estava nos documentos escritos e oficiais; ao historiador cabia fazer a crítica documental, separando aqueles tidos como “falso” e aqueles que se dizia “verdadeiros” e assim o historiador construía uma narrativa descritiva dos fatos políticos e militares. Para Burke (apud Cruz, 2001, p.73), a história metódica refere-se “essencialmente à política, adota a narrativa como forma de transmissão de conhecimento, interessa-se pelos feitos dos “grandes Homens”, utiliza como fontes os documentos emanados do governo e preservados em arquivos”.

Durante o século XIX trabalhar com imagem seria algo inconcebível, pois para esta corrente apenas os documentos escritos e oficiais eram considerados apropriados para tal tarefa. As imagens podiam ser classificadas como documento de segunda ordem, em função da ampla utilização como ilustração da linguagem verbal. O uso das imagens como fonte documental, surge como uma das respostas dos paradigmas positivistas, que consideravam a imagem com meios transparentes, ilustrativos. Na tradição acadêmica, estudos com textos verbais foram consagrados, tornando-se a forma prioritária de expressão.

Neste sentido, entendemos que a imagem só responde quando é inquirida, porque, caso não haja uma interlocução, ela nada fala, nada transmite. Partindo deste pressuposto a charge é um exemplo de linguagem iconográfica, ela vem acompanhada de textos ou palavras, uma vez que o elemento linguístico se torna importante para explicitar a sua intencionalidade ou completar o sentido humorístico e político. Para Burke (2004)

Quando utilizam imagens, os historiadores tendem a tratá-la como meras ilustrações, reproduzindo-as nos livros sem comentários. Nos casos em que as imagens são discutidas no texto, essa evidência é frequentemente utilizada para ilustrar conclusões a que o autor já havia chegado por outros meios, em vez de oferecer novas respostas ou suscitar novas questões. (BURKE, 2004, p.12)

Ler uma imagem sempre pressupõe partir de valores, problemas, inquietações e padrões do presente, que, muitas vezes, não existiram ou eram muito diferentes no tempo da produção do objeto. Esses fatores criam muitas possibilidades de leitura e interpretação das imagens. Dessa forma é preciso que o historiador desenvolva uma metodologia de análise de suas fontes para que este não cometa um dos maiores e piores pecados que um historiador pode cometer, no caso, o anacronismo.

O historiador não pode correr o risco de se equivocar e traduzir as representações e símbolos de uma época com significados que não pertencem a esta época estudada, ou ainda inventar realidades históricas para poder adaptá-la a iconografia examinada. Os cuidados no trabalho com este tipo de fonte são muitos, pois as imagens quando tomadas como fonte nos apresentam os mais diversos tipos de leitura e interpretação, assim, uma mesma imagem pode ter seu significado mudado de acordo com o tipo de olhar que é lançado sobre ela.

Deve-se sempre ter em mente também que a imagem não se esgota em si mesma. O historiador que emprega a imagem como fonte histórica precisa ver além da imagem, decifrar seus códigos, fazer uma leitura crítica e não tratá-las como meras ilustrações. As imagens são representações do mundo elaboradas para serem vistas. Como afirma Pesavento

As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, tendo como referente à realidade, tal como no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário. (PESAVENTO, 2004, p.86)

Com esta compreensão não podemos alijar dessa discussão a participação dos historiadores ao lado da antropologia e sociologia, o olhar para o campo da linguagem visual, da qual estamos nessa pesquisa contemplando através das análises das charges, destacando a importância da iconografia humorística. Por diversas épocas a arte de satirizar, esteve presente, quer seja através do reforço no espírito cômico ou no uso metafórico da máscara, tomando-se um instrumento

poderoso nas mãos de quem pretendia usá-la como elemento disciplinador dos costumes sociais vigentes.

No que diz respeito especificamente ao estudo da História, esta tem anexado novos objetos até então fora do seu domínio, a exemplo de as histórias do cotidiano, das práticas culturais, das formas de ler, dos registros da imagem. São mudanças que ditam novos parâmetros, que irrompem ao nível não só político, mas também social e cultural.

De fato as imagens nem sempre tiveram grande importância para a historiografia, pois durante muito tempo, elas eram consideradas como um elemento ilustrativo, não fundamental para a explicação da história. Foi a partir da Escola dos Annales que a forma de pensar e fazer história mudou. As primeiras gerações dessa escola revolucionaram o conceito de documento histórico, a grande ênfase na utilização das imagens como fonte será dos Annales e significou um desenvolvimento extraordinário de temas novos e um interesse marcante pelo emprego de novos tipos de fonte.

Com os trabalhos iniciais de Marc Bloch e Lucien Febvre, fundadores da Escola dos Annales, nos anos 1930, os estudos históricos receberam novas áreas. Aumentaram a amplitude das pesquisas que passam a tratar com novos objetos, sob novos enfoques e métodos, e com outras fontes capazes de responder a este novo problematizador, numa perspectiva historiográfica preocupada com o passado, uma história-problema que vai além do político e do econômico. As primeiras gerações dos Annales “revolucionaram” o conceito de documento histórico, com ênfase na utilização das imagens como fonte; foi a partir dos Annales que significou um desenvolvimento extraordinário de temas novos e um interesse marcante pelo emprego de novos tipos de fonte.

Na terceira geração conhecida por Nova História (*Nouvelle Histoire*) houve uma sensível mudança na construção da História, onde várias fontes de pesquisa passaram a ser utilizadas pelos historiadores. A história pode ser feita com todos os documentos que são vestígios do homem. Não se limita apenas aos arquivos (datas, lugares e nomes de indivíduos), indo aos poemas, quadros, dramas, estatísticas, materiais arqueológicos, etc. O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo. Para Carlos Fico (2004)

A produção histórica que marca a nova fase de estudos sobre a ditadura militar possui suas peculiaridades. Boa parte dela foi feita no contexto da chegada da “Nova História” ao País, ou, dizendo melhor, não viria a ser uma produção fortemente influenciada pelo marxismo ou pela segunda fase dos *Annales*. Porém, no campo dos estudos especificamente históricos (diferentemente de áreas como a Ciência Política), a crítica ao marxismo não se fixou na contraposição entre hipóteses (teóricas) da determinação das estruturas econômicas-sociais e a da autonomia do sistema político, mas na valorização do indivíduo e de sua subjetividade em oposição às leituras “tradicionais” (marxistas ou dos *Annales* dos anos 50 e 60) de cunho estrutural. Assim, abandonando explicações fundadas em conceitos como os de “classe social”, os historiadores do que se convencionou chamar de “Nova História” buscaram uma estratégia cognitiva (mais do que uma perspectiva teórica-conceitual) que enfatizasse o indivíduo, seu cotidiano, suas emoções, sua “mentalidade” sua “trajetória de vida” etc. (FICO, 2004, p. 39-40)

Na busca de uma nova forma de entender o passado era preciso alargar o entendimento por documento e fonte histórica, nessa maneira de investigação do passado, Burke (1992) afirma que

Quando os historiadores começaram a fazer novos tipos de perguntas sobre o passado, para escolher novos objetos de pesquisa, tiveram que buscar novos tipos de fontes, para suplementar os documentos oficiais. (BURKE, 1992, p.25)

É a partir de então que o historiador passa a abordar os mais diferentes temas, vários registros da ação humana foram considerados como fonte da história. Prost (1998) afirma que: “a história cultural não deve ser confundida com a dos objetos culturais. Não que esta seja contestável: ela apresenta um enorme interesse e uma legitimidade assente”. (PROST, 1998, p.124)

A história da literatura, da pintura, da música, do teatro, em suma, de todas as formas de arte, mas igualmente dos cartazes ou das caricaturas, é uma disciplina há muito tempo constituída, que possui os seus métodos, as suas problemáticas e as suas obras importantes. A História Cultural para o citado autor

Deve interessar-se pelo que Noëlle Gêrôme chama justamente os *arquivos sensíveis*: as imagens, no sentido mais geral, e os objectos. As insígnias, os emblemas, os estandartes, por exemplo, mas também as fotografias de amadores ou os bilhetes postais. Para as abordar, porém, os historiadores devem ir colher nos antropólogos ou etnólogos o seu método em todo o seu rigor: a sua observação é muito mais precisa, muito mais sistemática que a dos historiadores. Ela esforça-se por não deixar escapar nenhum pormenor, pois recusa decidir, antes de os ter todos coleccionados, se são ou não significativos e porquê. Imagens e objectos ganham sentido no interior das séries. (PROST, 1998, p.133)

A charge constitui-se como um exemplo de linguagem iconográfica, que pode ser acompanhada de textos ou palavras, uma vez que o elemento linguístico se torna importante para explicitar a sua intencionalidade ou completar o sentido humorístico e político. Essas representações são no dizer de Chartier (1990)

[...] configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diversos grupos, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significa simbolicamente um estatuto e uma posição. (CHARTIER, 1990, p.29)

Para este autor a História Cultural se torna importante para identificar o modo, como em diferentes lugares e momentos de uma época é representado, como ela é construída, pensada, dada a ler. As representações para Chartier podem ser pensadas como: "esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço a ser decifrado". (CHARTIER, 1990, p.17)

Chartier (1990) nos ensina que um autor pode ser lido e entendido quando se leva em consideração o contexto no qual o seu trabalho foi produzido, por isso pensar nos processos de civilização que nos possibilitam ir do discurso ao fato, questionando a ideia de fonte como mero instrumento de mediação e testemunho de uma realidade e considerando as representações do mundo social. Assim pretendemos analisar os traços dos chargistas através de suas representações humorísticas lançadas em um determinado contexto.

Em termos gerais, a proposta da história cultural seria decifrar a realidade do passado por meio das suas representações tentando entender quais eram as intenções dos homens que construíram essas significações através das quais expressavam a si próprios e o mundo. O historiador se propõe então a decifrar códigos de outro tempo que não o seu, e que muitas vezes se tornaram incompreensíveis. Dessa forma o pesquisador que se lança a este tipo de estudo tentará ultrapassar todos os filtros que o passado lhe interpõe.

Se a História Cultural visa a atingir as representações, individuais e coletivas, que os seres humanos constroem sobre o mundo, a História Cultural do Político difundiu-se tendo como uma de suas preocupações centrais a definição de uma Cultura Política. A História Cultural trouxe novos aportes ao político, colocando

questões renovadoras e sugerindo novos objetos, trazendo assim uma renovação no estudo político. Essa história política renovada teve, a rigor, ainda muito a ver com as novas formas assumidas pelos movimentos políticos, fazendo uso da mídia e, cada vez mais, apostando na credibilidade obtida pelas imagens e pelos discursos. Em relação a Nova História Política, Pesavento (2004) nos informa que esta

Se centra em torno do imaginário do poder, sobre a performance de atores, sobre a eficácia simbólica de ritos e imagens produzidas segundo fins e usos do político, sobre fenômenos que presidem a repartição da autoridade e do poder entre grupos e indivíduos, sobre mitos e crenças que levam os homens a acreditar em alguém ou algo, pautando a ação e a percepção da realidade sobre os mecanismos pelos quais se constroem identidades dotadas de poder simbólico de coesão social. (PESAVENTO, 2004, p.25)

Essa Nova História Política, não irá abordar mais a política no seu sentido tradicional, mas em nível das representações sociais ou coletivas, os imaginários sociais, a memória, bem como as diversas práticas discursivas associadas ao poder. A política passa a ser pensada em termos de análises dos jogos/tramas políticas, representações do simbólico, etc. Assim, a história política pode ser compreendida como um redimensionamento do estudo em torno do poder.

O historiador René Rémond (1996), assim se expressa sobre o que denomina de a “velha” história política

Ao privilegiar o particular, o nacional, a história política privava-se, ao mesmo tempo, da possibilidade de comparações no espaço e no tempo, e interditava-se as generalizações e sínteses que, apenas elas, dão ao trabalho do historiador sua dimensão científica. [...] A história política permanecia uniformemente narrativa, escrava do relato linear, e no melhor dos casos, só temperava a mediocridade de uma descrição submetida a cronologia pelo talento eventual do autor, que então fazia com que sua obra se aparentasse mais com a literatura que com o conhecimento científico. (RÉMOND, 1996, p.17)

A História Política tradicional estava preocupada em narrar as grandes batalhas, os grandes heróis, as ações dos monarcas, deixando de lado uma série de discussões e questionamentos que envolvem hoje o estudo do político. Para o citado autor: “a renovação foi provocada, suscitada, pela rediscussão dos conceitos clássicos e das práticas tradicionais”. (RÉMOND, 1996, p.26)

Para reformular sua forma de ver a política, a história política foi buscar auxílio em outras disciplinas como: a sociologia, o direito público, a psicologia, a linguística,

a matemática, entre outras, de umas ela se utilizou da técnica de pesquisa, de outras, conceitos, vocabulário, problemática.

O intenso “combate” apresentado pelos *Annales*, a História Política retorna ao campo de investigação dos historiadores a partir da década de 1980. A história política renovada não reduz sua reflexão a um espaço delimitado ou a uma superestrutura, mais a um campo mais amplo de reflexão, um espaço de articulação entre o social e suas representações, imaginários e subjetividades.

Portanto, se a “velha” História Política do século XIX mostrava uma preocupação com a política dos grandes Estados, a Nova História Política passou a perceber o “poder” de outras formas como: os micros poderes presentes na vida cotidiana da sociedade, o uso das representações políticas, dos símbolos, dos mitos políticos, da teatralização do poder, dos discursos, entre outras. Assim, a Nova História Política muda a forma de pensar, estudar e compreender as discussões sobre a política, ocasionando um redimensionamento do estudo em torno do poder.

Voltando um pouco para a discussão imagética e a história, entendemos que a iconografia e os textos visuais, com mais frequência foram associados ao contexto artístico e social, ficando relegados à condição de ilustração, complemento ao texto ou ornamento para enriquecer a página. Assim, dentre os propósitos da nossa pesquisa, um deles é perceber as iconografias como representações em que, através do humor, o autor se faz presente permeando de subjetividades, marcadas pelo estilo cômico, estético e pela visão de mundo do humorista.

Para outros autores como Paiva (2002), a iconografia é “uma fonte histórica das mais ricas, [...] é uma fonte como qualquer outra e, assim como as demais tem que ser explorada”. (PAIVA, 2002, p.17). No entanto, o leitor do texto chargístico tem que estar bem informado acerca do tema abordado para que possa compreender e captar seu teor crítico. Afinal, ali está focalizada e sintetizada certa realidade. E somente os que conhecem essa realidade efetivamente entenderão a charge. A palavra iconografia pode ser traduzida literalmente como “escrita da imagem” e vem do grego eikon (imagem) e graphia (escrita). Pintura, desenho, gravura, fotografia, arquitetura, cinema, são exemplos de artes visuais. De acordo com o autor citado

A iconografia é tomada agora como registro histórico por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas, ou imaginadas e ainda esculpidos, modelos, talhados, gravados em material fotográfico e cinematográfico. São registros com os quais os historiadores e professores

de História devem estabelecer um diálogo contínuo. É preciso saber indagá-los e deles escutar as respostas. (PAIVA, 2002, p.19)

Além da importância cultural, ideológica e social, as iconografias humorísticas registram, constroem fatos cotidianos através dos elementos risíveis, historiando os aqui e agora, elementos que foram se sedimentando na memória popular, mas que através dos intelectuais do traço, são reinventados e apropriados através das práticas sociais.

No mundo dominado pelas sensações, quer sejam auditivas ou visuais, nos deparamos com textos visuais diluídos no cotidiano do espaço urbano a todo instante. São textos não-verbais que despertam e chamam a atenção do leitor como: os *outdoors*, cartazes, vídeos, *cartuns*, charges e caricaturas. São instrumentos da informação histórica e cultural, destinados a difundir a memória histórica. A cultura veiculada pela mídia não pode ser simplesmente menosprezada, ela deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes. Segundo Kellner (2005) a Cultura da Mídia pode ser interpretada nos seguintes termos

Como fenômeno histórico, a Cultura da Mídia é relativamente recente. Embora as novas formas da Indústria Cultural descritas por Horkheimer e Adorno nos anos 1940 – constituídas por cinema, rádio, revistas, histórias em quadrinhos, propaganda e imprensa – tenham começado a colonizar o lazer e a ocupar o centro do sistema de cultura e comunicação nos Estados Unidos e em outras democracias capitalistas, foi só com o advento da televisão, no pós-guerra, que a mídia se transformou em força dominante na cultura, na socialização, na política e na vida social. A partir de então, a televisão a cabo e por satélite, o videocassete e outras tecnologias de entretenimento doméstico, além do computador pessoal – mais recentemente – aceleram a disseminação e o aumento do poder da cultura veiculada pela mídia. (KELLNER, 2005, p.26)

No olhar da política as imagens da mídia têm produzido uma nova espécie de política de frases, assim, a sociedade e a cultura contemporânea estão no momento de mudança. É interessante observar que a cultura veiculada pela mídia e seus sistemas de rádio e reprodução do som, de filmes e seus modos de distribuição, da imprensa que inclui desde jornais até revistas e, especialmente, do sistema de televisão que o indivíduo encontra suas bases para a construção de sua identidade.

Com esta compreensão torna-se válido pensar as iconografias humorísticas como meio de comunicação e de leitura, que possibilitam compreender a sociedade e a história em um dado momento, propiciando uma interação entre o discurso

verbal e a linguagem não verbal, quando de forma irônica e risível, os cronistas do traço, compõem quadros de época, contextualização, práticas sociais e culturais.

Considerando as iconografias humorísticas como forma de registros históricos, estas se circunscrevem com locus da representatividade do cotidiano e se caracterizam como uma das formas criativas de descobrir, revelar e analisar a realidade, representada de forma satírica ou irônica.

A palavra humor começou a ser utilizada na Inglaterra no século XVIII, no sentido que, de uma forma geral, lhe é atribuído atualmente. O filósofo Bergson (2001), considera que o humor é o inverso da ironia, mas, tal como esta, uma forma da sátira: "Acentua-se o humor [...] descendo cada vez mais ao interior do mal real, para notar as suas particularidades com uma mais fria indiferença". (BERGSON, 2001, p. 92)

Um dos aspectos a ser destacado no que diz respeito à importância do humor visual na imprensa deve-se à constatação da força crítica, quando nos posicionamos enquanto historiadores. Essa importância do humor visual foi percebida pela imprensa brasileira desde o início do século XX, quando analistas das artes visuais passaram a dar a devida importância a esse tipo de humor, o caricatural, investindo na publicidade, usando e abusando do poder crítico dos desenhos de humor, para colocar em prova situações sociais ou momentos típicos em que a locução verbal não seria tão capaz de fazê-lo pela força de sua síntese.

A importância de se trabalhar com a produção humorística de um dado período, justifica-se principalmente aquelas que evidenciam as manobras do poder instituído, no caso específico deste estudo, o período que busca a redemocratização do País. Podemos contribuir, quando ressaltamos o descaso que atinge a documentação visual enquanto fonte histórica na academia ou nos centros de estudo mais habituados e afeitos a aceitar a palavra como única forma de expressão, impondo certo dogmatismo cultural.

Apresentamos como nossa opção metodológica, a escolha dos documentos visuais, através da linguagem humorística em jornais, realizando o cruzamento das fontes: visuais (charges e fotografias); oralidade (entrevistas com os chargistas) com os oficiais (textos impresso dos jornais em pesquisa).

O nosso procedimento de pesquisa referente as escolhas das fontes se iniciou primeiramente por uma pesquisa bibliográfica, como já havíamos mencionado

anteriormente, esse trabalho foi realizado em bibliotecas das Instituições de Ensino Superior de Campina Grande, acrescidos da Universidade Federal da Paraíba, na cidade de João Pessoa, na busca de encontrarmos obras que reforçariam nossas discussões teóricas e metodológicas.

Esse primeiro passo não foi tão simples, pois existe uma ausência significativa das discussões que relaciona a charge e a política na História, foram poucas as obras que localizamos dentro do acervo bibliográfico das universidades públicas de Campina Grande. Neste sentido, recorreremos e adquirimos várias obras em suas respectivas editoras, quando estas se encontravam disponível para comercialização. Outra saída encontrada por nós foi à de recorrermos à venda de livros usados pela internet, com isso conseguimos formar um conjunto de obras que se faz necessário para realização do nosso trabalho. Ressaltamos que o apoio financeiro, fornecido pela CAPES para este trabalho, foi de tamanha importância para atravessarmos essa primeira dificuldade na pesquisa.

O segundo momento da nossa pesquisa foi a realização da catalogação das charges dos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba, no qual buscamos nesses jornais dentro de um recorte histórico do ano de 1979 – 1984, identificar os chargistas e suas respectivas charges, que representaram o período compreendido por movimento das “Diretas Já”. Neste momento da pesquisa a maior dificuldade encontrada foi a pouca quantidade de informação e de charges que remetem ao movimento “Diretas Já”, nas páginas do Jornal da Paraíba. O acervo deste jornal mantém uma enorme ausência de seus periódicos que foram publicados no início da década de 80, com isso não obtivemos o tamanho das informações tidas, em textos visuais e verbais como obtivemos com o outro jornal em pesquisa, o Diário da Borborema.

Catalogamos mais de cem charges nos dois jornais, pertencendo em sua grande maioria ao Diário da Borborema. Resolvemos trabalhar com trinta e seis charges, a seleção dessas charges se deu em acordo com nossa orientadora, no qual buscamos selecionar aquelas charges mais expressivas, que nos desse uma compreensão significativa do que foi e como foi representado o movimento das Diretas através do traço. Muitas das charges que descartamos da análise deve-se ao fato de trazer uma mesma conotação da que já havíamos selecionado em outras charges.

O terceiro momento da pesquisa foi identificarmos os lugares que hoje ocupam os chargistas que estamos trabalhando e realizarmos uma entrevista oral com os mesmos. Não tivemos tanta dificuldade neste momento da pesquisa, pois todos eles se propuseram a ajudar/contribuir com o nosso trabalho. O primeiro entrevistado foi ex-chargista Kenngo Alex no dia 11 Abril de 2011, o segundo foi o chargista Fred Ozanan no dia 21 Maio de 2011 e por último o ex-chargista Afonso Marreiro no dia 20 Julho de 2011. Nessas entrevistas seguimos os passos sugeridos pelo método da *História Oral*, para que as respostas desses chargistas tivessem o melhor aproveitamento nesta pesquisa.

Dentre as opções metodológicas que visam auxiliar os historiadores em seu ofício, destacamos a *História Oral*, ressaltamos que essa metodologia não pertença a um único campo específico, como a História, ela perpassa por vários campos do saber científico, como a Sociologia e Antropologia.

Julgamos que no âmbito conceitual é bastante difícil definir a História Oral, pois a própria dinâmica dessa prática e além de se tratar de um método “recente”, acarreta que os conceitos sobre esta sejam provisórios, até mesmo entre os autores que discutem, apresenta e define esse método, há uma divergência.

Para Meihy (2002, p.17), “História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudo referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva”. Podemos trabalhar com este recurso na inexistência de documentos suficientes sobre determinado tema, assunto ou grupo social; quando se pretende confrontar o que consta nos documentos oficiais com as versões e representações dos sujeitos que vivenciaram determinados fatos históricos, que é o nosso caso em pesquisa, identificar nos depoimentos dos chargistas em pesquisa se coincide com as representações visuais elaboradas pelos mesmos no passado, além de nos ajudar a compreender a sua intencionalidade no traço.

Apesar das divergências conceituais, existe um consenso no meio acadêmico em classificar a História Oral como uma metodologia de pesquisa. Para Alberti (2005, p.155)

História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX,

após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

A autora ainda nos alerta para um possível equívoco que, segundo ela, é muito comum e é necessário evitar: pensar que as entrevistas já é a própria história, narrada tal qual aconteceu. O historiador deve interpretar e analisar a entrevista como uma fonte. Entre os caminhos que podem seguir na sua execução deve fazer um planejamento da entrevista, elaborar um roteiro, escolher a técnica a ser aplicado na entrevista, realizar a transcrição das entrevistas, em forma de textos. Neste sentido, é necessário que o pesquisador lance seu “olhar” investigativo para essa fonte, assim como qualquer documento.

Portanto, estes foram os caminhos seguidos na realização das entrevistas com os cronistas do traço em pesquisa: Kenny Alex, Fred Ozanan e Afonso Marreiro. Reforçamos ainda que optamos pela utilização da *entrevista temática* que é aquela que apresenta prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido.

O quarto e último passo para execução do nosso trabalho, além da escrita, é a análise das charges selecionadas. Buscamos refletir, interpretar e compreender as intenções de cada um dos chargistas no seu respectivo desenho. Concordamos com a teoria proposta por Carlo Ginzburg (1989), a do *método indiciário*, onde ele refere-se a este método como interpretativo, centrado nos pormenores do objeto de pesquisa.

Sabemos que as charges dos jornais são foco de pesquisa que “carregam” consigo uma crítica o questionamento e uma reflexão sobre a realidade focalizada, ensejada neste estudo. A charge não é apenas um desenho, o chargista se preocupa em sua elaboração, com seu leitor, com sua obra (charge), com o contexto em que ela vai ser aplicada. O paradigma indiciário é caracterizado pela capacidade de a partir de dados aparentemente irrelevantes, descrever uma realidade complexa que não seria “cientificamente experimentável”. O próprio Ginzburg (1989, p.177), nos auxilia nesta questão ao afirmar que

Essa ideia, que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico, penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas. Minúsculas particularidades paleográficas foram empregadas como pistas que permitiam reconstruir trocas e transformações culturais.

Dessa forma o *paradigma indiciário* poderia revelar a subjetividade presente na visão do observador que investiga a realidade humana, centrando em pistas, indícios, sinais, que podem aparentar insignificantes, mas podem ser reveladores de realidades mais profundas.

Para dar conta de nosso objeto de estudo dividimos o nosso trabalho dissertativo em três capítulos subdivididos da seguinte forma: No primeiro capítulo apresentamos nossas considerações sobre a linguagem humorística em estudo, a charge. Discutindo de forma objetiva o que ela é; quais características essa linguagem apresenta; a sua ligação com o jornal; o seu papel enquanto fonte histórica, entre outras discussões que podem ser vistas neste primeiro momento do nosso trabalho.

No segundo capítulo discutimos sobre o governo de João Baptista Figueiredo o movimento “Diretas Já”, abordando o surgimento da Emenda Dante de Oliveira, adesão da proposta por parte da oposição ao regime militar. É nesse segundo momento que iniciamos o nosso trabalho com análise das charges publicadas por Afonso, Fred e Kenny. Discutimos através das iconografias humorísticas a busca pela redemocratização no País, são no total de quatorze charges selecionadas de 1980 até 1983, contendo imagens dos dois jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba.

No nosso terceiro e último capítulo abordamos sobre as manifestações populares em torno do movimento das “Diretas Já”, são discussões que efervesceram o ano de 1984, como grandes comícios, manobras por parte do governo na tentativa de derrubar a emenda, o olhar das vésperas da votação, a derrota da emenda no Congresso até a decepção dos manifestantes com a rejeição da proposta de Eleições Diretas para 1985. Utilizamos para essa discussão as informações contidas em livros, jornais e depoimentos.

Aliado a essas discussões analisamos através do olhar dos chargistas Fred Ozanan e Kenny Alex suas representações humorísticas publicadas no ano de 1984, são no total de vinte e duas charges, relacionadas ao tema das “Diretas Já”. Pretendemos, através das charges, analisar uma das representações políticas que foram utilizadas pelos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba em relação à campanha das “Diretas Já. Estas representações semióticas podem nos ajudar a

entender o significado histórico do movimento, pois serviram para reelaborar alguns conteúdos da tradição política brasileira, através do traço dos seus chargistas. Através dos desenhos humorísticos identificaremos como as “Diretas Já”, foram representadas e assim puderam marcar um novo tipo de expressão política no espaço público da sociedade brasileira.

Por fim, apresentamos ainda uma discussão sobre as manifestações realizadas na Paraíba em torno do movimento das “Diretas Já”. Ressaltamos que essa proposta não é a principal do nosso trabalho e sim como um dos nossos objetivos específicos, traçado no projeto de pesquisa. Identificamos a participação e o apoio de alguns paraibanos neste movimento, embora que não seja através das charges, mas as matérias reportadas pela imprensa nos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba, nos levaram algumas considerações apresentadas ao longo deste trabalho. Esse debate é sustentado nos discursos publicados nos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba, com o auxílio das entrevistas realizadas com os cronistas do traço: Afonso Marreiro, Fred Ozanan e Kenno Alex e com as bibliografias que discutem a temática.

CAPÍTULO 1

Uma breve incursão sobre os significados do termo charge

Todo traço e vestígio de tudo que o homem faz ou pensou desde seu primeiro aparecimento sobre a Terra é história. E a nova história vai servir-se de todas aquelas descobertas que estão sendo feitas sobre a humanidade pelos antropólogos, e cronistas, psicólogos e sociólogos.

JAMES HARVEY ROBINSON, 1992.

1. A charge

Antes propriamente de iniciarmos a discussão em torno da noção sobre charge, cumpre acrescentar que nesta dissertação optamos em trabalhar com o termo charge, por entendermos que a discussão sobre o movimento das “Diretas Já”, refere-se a um momento da política brasileira. Este movimento apresenta-se como um fato isolado da política mundial e observando as imagens que iremos analisar, compreendemos que este era o termo mais aceitável.

Neste sentido, não poderíamos atribuir as representações cômicas em estudo o termo como: cartum ou caricatura, o primeiro se caracteriza como um tipo de linguagem que pode ser entendida e lida em qualquer lugar do mundo. O segundo, por não estarmos focalizado em observar apenas a figura dos representantes que marcaram a participação pelas Eleições Diretas no País e sim pretendemos observar as representações em torno do movimento “Diretas Já”, publicadas nos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba.

Concordamos com o entendimento de Motta (2006) quando afirma que “o termo caricatura só pode ser usado para designar o retrato pessoal, enquanto charge seria um comentário crítico a pessoas e situações específicas”. (MOTTA, 2006, p.15). Apesar de quase sempre a charge se utilizar dos elementos da caricatura na sua primeira acepção, para representar uma crítica a uma pessoa específica, coisa que nunca acontece com o cartum.

Tendo em vista que muitos leitores confundem os conceitos e o termo adequado para cada traço humorístico, optamos para uma compreensão significativa deste trabalho, a diferenciação das linguagens humorísticas como (caricatura, cartum e a charge). Apresentar a charge, a caricatura e o cartum como conceitos separados possibilitam ao leitor que ele identifique e compreenda cada uma dessas linguagens humorísticas.

E assim, o leitor identificará as características a que de fato, pertencem: charge, caricatura e cartum. Segundo Teixeira (2005): "Charge, caricatura e cartum não são objetos consensuais, e o fato de que reproduzem o real através de um mesmo traço de humor permite que, com frequência, tomemos um pelo outro". (TEIXEIRA, 2005, p.22). E por não ter um consenso nesse tipo de abordagem, se faz necessário, apresentarmos de forma objetiva o que cada uma significa.

Iniciamos na discussão que tem por objetivo distinguir as linguagens humorísticas, com a caricatura. Esta é o exagero proposital nas características marcantes de um indivíduo um nariz, uma orelha, a boca, os cabelos são as características preferências dos caricaturistas para ridicularizar na sua obra. Abarcamos o entender de Motta (2006) para quem

O argumento mais aceito é que essa forma de expressão artística surgiu no século XVII, na Itália, no traço dos irmãos Annibale e Agostino Carracci. O estilo ficou conhecido, inicialmente, como *ritratti carichi*, ou retrato carregado, e daí derivou o termo caricatura. "Carregar", nesse caso, tem o sentido de *exagerar, de ressaltar determinadas características do retratado, sempre com intenção crítica e zombeteira. Significa fazer carga contra alguém, ou seja, atacar.* (MOTTA, 2006, p.15)

Entendemos que a caricatura é uma das formas de expressão caricatural que mais se utiliza do exagero em determinadas características físicas da pessoa, mas a forma caricatural não precisa estar ligada apenas a fisionomia do ser humano, pode-se fazer a caricatura de qualquer coisa, mas a referência humana é sempre necessária para que a caricatura se realize. É mais comum vermos o emprego do exagero nos traços da fisionomia da pessoa caricaturada; o caricaturista pode eleger qualquer parte do corpo, bem como qualquer movimento para serem destacados no desenho. É muito importante exagerar, mas sem esquecer-se de manter traços característicos que identifiquem a pessoa caricaturada.

O segundo termo a ser apresentado é a charge. Esta é proveniente do francês "charger" (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de

crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero. Ela se caracteriza por ser um texto visual humorístico e opinativo, criticando um personagem ou fato específico.

A charge segundo o novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (Edit. Nova Fronteira), seria uma “representação pictórica, de caráter burlesco e caricatural, em que se satiriza uma ideia, situação ou pessoa”. Para Rabaça & Barbosa (2001), a charge é um tipo de cartum “cujo objetivo é a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política”. (RABAÇA & BARBOSA, 2001, p.126) De acordo com estes autores uma boa charge deve procurar um assunto momentoso e ir direto onde estão centradas a atenção e o interesse do público leitor. A princípio a principal finalidade da charge e dos desenhos humorísticos é provocar risadas, gargalhadas, mas a sua função além de satirizar é provocar no leitor, é informar sobre o tema que o traço apresenta.

A charge é um desenho humorístico que estrutura sua linguagem como reflexão e crítica social, ela é ainda uma forma de comunicação entre a ideia passada pelo seu produtor, chargista e o receptor, leitor. Podemos compreender a charge como um gênero textual que tem a função social de fazer uma crítica do contexto sociopolítico no qual estamos inseridos. Concordamos com Teixeira (2005) quando defende que a charge

É uma arma de grosso calibre a serviço da manifestação de uma “opinião pública”, canalizando sua agressividade latente contra quem se evidencia na atividade pública, na prática controversa da política. A proposta da charge não é registrar o real, mas significá-lo. (TEXEIRA, 2005, p.11)

Neste sentido, esse desenho de humor é carregado de múltiplas informações, cuja sua leitura requer o conhecimento de um conjunto de dados e fatos contemporâneos ao momento específico em que se apresenta a relação discursiva entre o produtor e o receptor da charge, trata-se do conhecimento do contexto político, econômico e social do meio no qual a charge foi criada. O chargista não tem a preocupação em representar o real, mas sim de significá-lo através do desenho.

O último termo a destacarmos é o cartum. Este é originado da palavra inglesa *cartoon* que significa “cartão, pequeno projeto em escala, desenhado no cartão para ser reproduzido depois em mural ou tapeçaria” (RABAÇA & BARBOSA, 2001, p.113). A expressão que conhecemos nos dias atuais surgiu em 1841 nas páginas

da revista inglesa *Punch*, uma das revistas mais antigas do mundo. Em quase todas as línguas do mundo se manteve a grafia original inglesa, no Brasil, a revista *Pererê*, de Ziraldo, edição de fevereiro de 1964, lançou o neologismo *cartum* a que nos referimos até hoje.

Os autores acima citados afirmam ainda que o cartum “é uma anedota gráfica, seu objetivo é provocar o riso do espectador” (RABAÇA & BARBOSA, 2001, p.112). É um desenho humorístico acompanhado ou não de legenda é comum vermos a ausência de textos verbais em cartuns, são os chamados cartuns pantomímicos ou cartuns mudos² onde a ideia é representada somente pela expressão dos personagens no desenho sem que seja necessário o emprego de texto como suporte.

O cartum não é datado, ele tem como característica no traço a crítica através do humor, ela retrata de assuntos que envolvem o dia-a-dia de uma sociedade. Temas universais como o naufrago, o amante, o palhaço, a guerra, o bem x mau, problemas ambientais / climáticos, entre outros assuntos, são frequentemente explorados em cartuns. São temas que podem ser entendidos em qualquer parte do mundo por diferentes culturas em diferentes épocas.

Ao contrário da charge o cartum relata um fato universal que não depende do contexto específico de uma época ou cultura, sendo assim atemporal. Após muitos anos de publicações aquele cartum pode ser retomado e rediscutido novamente. Ressaltamos que mesmo tendo uma compreensão maior do que a charge é preciso que o leitor dessa linguagem faça leituras/compreensão sobre o tema abordado no cartum, para melhor entendimento do desenho.

De forma poética o autor Manoel Monteiro, fez a distinção desses três elementos humorísticos no cordel *A História de Fred. Segundo* (MONTEIRO 2007, p.06)

A piada permanente
Tem sua voz no cartoon
Já a charge marca um
Instantâneo do presente,
Pode abater Presidente

² Os cartuns sem legendas ou sem textos foram chamados, durante muito tempo, pela imprensa brasileira, de *piada muda*. Eram comumente publicados, também, com a legenda *sem palavras*. A ideia era de que o cartum sem legenda (que teve seu apogeu nas páginas da revista francesa *Paris Match* nos anos 50) teria mais qualidade do que o cartum com diálogos ou texto. (RABAÇA & BARBOSA, 2001, p.112)

Fazer ruir estrutura
 Enquanto a caricatura
 Tem o seu lado pitoresco
 Acentuando o grotesco
 Da pessoa que figura.

Numa visão mais teórica, objetiva e didática encontramos Araújo (2001 *apud* SOUZA, 2004, p. 39), que faz de forma sucinta a distinção entre caricatura, charge e cartoon. Segundo esta autora

Caricatura é um termo que antevio à charge e que foi designado pela primeira vez no século XVII para classificar os desenhos satíricos de Agostinho Carracci, enfocando tipos populares de Bolonha. A caricatura vem, pois do vocábulo italiano 'caricace' e significa 'carregar', 'exagerar' e, embora em nosso País esteja muito ligada aos desenhos que satirizam rostos, pode estar presente também como a caracterização de alguma cena ou fato e por isto, na verdade, a caricatura se toma sinônima da charge, podendo existir em qualquer uma das três outras modalidades, seja o Cartum, a charge ou as histórias em quadrinhos (HQs). A caracterização da palavra caricatura como referente exclusivo da representação cômica de um rosto advém de um falso atributo semântico, já que a palavra portuguesa 'cara' significa 'rosto'.

Charge é uma palavra de língua francesa e significa "ataque" ou "carregar", no figurativo. Ela se constitui igualmente de um só desenho, diferenciando do cartoon no sentido que é sempre um desenho exagerado de caráter crítico, em geral à política, e preso à determinada época ou fato importante. Por este caráter político e social, a charge pode servir como importante elemento historiológico. A charge pode se configurar em HQs, como é o caso dos irmãos Caruso, que publicam sátiras quadrinizadas das cenas políticas brasileiras, semanalmente, na revista Isto É.

Cartoon vem da palavra inglesa cartoon e significa literalmente cartão, que é o suporte onde eram feitos desenhos ingênuos e descompromissados de humor para serem inseridas nos jornais em seus primórdios. O Cartum geralmente constitui-se de um só desenho, uma imagem geralmente cômica e universal. O Cartum é a matriz da charge.

Portanto é válido apresentar as especificidades dos desenhos humorísticos, pois como já colocamos existe uma diferenciação entre essas linguagens (caricatura, charge e cartum) e que o leitor deve ter o conhecimento dessa distinção.

1.1 A historicidade da charge

Acreditamos que esta discussão é de tamanha importância para compreensão desta linguagem. Sendo assim, apresentaremos ao leitor sobre o

surgimento dessa linguagem humorística a nível mundial até a nossa localidade, a imprensa campinense. Faremos esse registro histórico até o presente momento, apresentando de forma clara e objetiva o caminho que a charge percorreu até chegar à imprensa campinense, aqueles que buscam se aprofundar nesta discussão.³

A Charge é uma palavra de origem francesa "*charger*" e significa (carregar, exagerar), ou seja, exagera traços do caráter de alguém ou de algo para torná-lo *burlesco*. A origem dessa linguagem se deu na França no século XIX, mas desde o século XVIII já marcava presença na imprensa francesa. A inserção do desenho e da caricatura no jornalismo francês tomou impulso com a Revolução Francesa em 1789. Os críticos políticos durante essa revolução utilizavam-se das charges para criticar os governantes ao invés de criar textos, citando nomes ou descrevendo fatos eles utilizaram o desenho para ridicularizar o governo francês.

A partir deste momento os chargistas franceses começaram a satirizar não apenas os políticos, mas também satirizavam os setores da sociedade como os costumes e instituições. Foram reprimidos pelos governantes, porém ganharam grande popularidade com a população e a partir deste momento caiu no gosto popular até os dias atuais.

Romualdo (2000) nos informa que antes os jornais; "eram compostos apenas por textos verbais, sem ilustrações. Estas foram ganhando espaço na imprensa, devido a fatores como o aperfeiçoamento nas técnicas de reprodução e a propensão do público a consumir jornais ilustrados". (ROMUALDO, 2000, p.9). Ainda na visão deste autor ele nos ensina que o jornalismo através do desenho só conquistou seu espaço definitivo nas publicações periódicas francesas no século XIX, graças à descoberta dos processos de fototipografia e fotogravura. A primeira ilustração pelo processo de fotogravura foi publicada pelo jornal *Le Lithographe*, em 1839. O gosto do público em consumir os jornais ilustrados, fez com que fosse aprimorando a técnica de produção e impressão e assim gradativamente as charges foram ocupando lugar nos jornais franceses. Com o periódico *Excelsior*, primeiro diário

³ Destacamos quatro obras que faz a historicização da charge no Brasil de forma minuciosa. A primeira é a obra de Herman Lima, **História da Caricatura no Brasil** em 4 volumes. A segunda obra é de Nelson Weneck Sodré, **História da Imprensa no Brasil**, 1983. A terceira obra é de Joaquim Fonseca, **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. E a última é obra que destacamos é de Luiz Guilherme Sodré Teixeira. **Charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930**: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

ilustrado, fundado por Pierre Lafitte em 1910, a ilustração entra definitivamente na imprensa francesa.

Os demais jornais da época logo perceberam o potencial das charges para noticiar atacando áreas: política, esportiva, religiosa, social. O povo ficou eufórico, a partir daí a charge virou “forma de expressão”, passando a ser arte e arma contra o governo e certas alas da sociedade. Após a Primeira Guerra Mundial, a charge passa a circular pelo mundo na maioria dos grandes jornais, muitos desenhistas saíram da Europa e foram trabalhar em outros Países, expandindo as técnicas do desenho e logo surgiram novos talentos.

No Brasil, por exemplo, Teixeira (2001), nos apresenta alguns desses chargistas estrangeiros como: os italianos Ângelo Agostini e Luigi Borgomaneiro, os portugueses Rafael Bordalo Pinheiro, Julião Marchado, Alfredo Cândido, João Alves do Vale de S. Pinto, Celso Hermínio e Vasco Lima, os espanhóis Hastoy, Casanova e Plácido Isasi, os franceses, Sebastián Auguste Sisson, Albert Thoureau, Alfred Michon, Joseph Mili e François R. Moreau, os alemães Max Fleuiss, Jacob Weingartner, Alfred Seeling.

Antes de adentrarmos na chegada da charge no Brasil, destacamos primeiramente que não temos o conhecimento de qualquer estudo que trate especificamente da história da charge no Brasil de forma profunda como existe da caricatura. Ao nosso entender os primeiros desenhos lançados no País são caricaturas que tinham a finalidade de fazer uma crítica política são posteriormente acontece uma separa  o, onde as críticas políticas passam a ser de caráter chargístico. Concordamos no entender de Teixeira quando afirma que

[...] a rigor, os desenhos de humor desses pioneiros não se parecem com as charges tal como as conhecemos hoje: um produto singular, fruto de progressivo amadurecimento de forma e conteúdo, cujo traço está ligado criticamente aos problemas de sociedade na qual se insere. De início, ao contrário, as charges se caracterizavam pela reprodu  o fidedigna de personagens – a caricatura não havia sido ainda, incorporada ao grafismo de sua linguagem – pelo realismo das situa  es que abordava – fruto de uma sociedade condicionada por uma visão excessivamente cartesiana da realidade –, e pela prolixidade de textos que menosprezavam a imagem como portadora de estrutura narrativa própria. (TEIXEIRA, 2001, p.01)

No Brasil a charge passou a ser produzida no início do século XIX e com a chegada dos imigrantes chargistas europeus foi se espalhando por todo o País por meio dos periódicos ilustrados, a priori começa com as revistas e são depois esses

desenhos foram tomando conta dos jornais do País. Romualdo (2000) faz um levantamento da primeira caricatura publicada no Brasil; o autor se baseia numa conferência sobre "As belas-artes na regência", realizada em 27 de novembro de 1942, no Instituto de Estudos Brasileiros, nesta conferência ministrada por Francisco Marques dos Santos foi indicada com exatidão que a primeira caricatura publicada no País, realizada pelo pintor e escritor Manoel de Araújo Porto Alegre⁴ (o Barão de Santo Ângelo) tratava-se de uma sátira contra o jornalista Justiniano José da Rocha, que foi publicada no dia 14 de dezembro de 1837. Essa caricatura foi publicada e vendida independentemente em uma loja de livros e gravuras.

A partir de 1837, pela primeira vez no Brasil as ilustrações humorísticas foram publicadas nas páginas do Jornal do Comércio. O responsável por estas charges foi o pintor e escritor Manoel de Araújo Porto Alegre. Em 1844, ele lançou uma das primeiras publicações a se valer de forma sistemática de ilustrações, a revista Lanterna Mágica⁵, que tinha como subtítulo Periódico plástico-filosófico. Essa revista marca a primeira publicação de humor político da imprensa brasileira. Esta revista saíria aos domingos, orientada por Araújo Porto Alegre, Lopes Cabral que era desenhista e Rafael Mendes de Carvalho, que era pintor e caricaturista. A revista durou até o número 23, em 1845. Segundo Sodré

A caricatura chegou à imprensa brasileira numa de suas fases mais difíceis, realmente: quando a agonia liberal avançava depressa e logo, esmagada a rebelião Praieira, estaria consumada. A mudança política, embora os jornais de oposição não desaparecessem, embora continuassem a surgir, aqui e ali, esporadicamente, uns poucos pasquins, traria à imprensa sérios reflexos. Trata-se da fase intercalar, em que, vagarosamente, surgem alterações específicas e técnicas, preparando a imprensa dos fins do século, quando os problemas políticos voltam a primeiro plano e empolgam novamente a escassa opinião existente: a possibilidade do jornal diário e a introdução da caricatura são os dois dados mais importantes desse momento; virão, em seguida, inovações na técnica de impressão e alterações no sistema de distribuição. (SODRÉ, 1983, p.179)

⁴ Primeiro e único **barão de Santo Ângelo** (Rio Pardo, 29 de novembro de 1806 — Lisboa, 30 de dezembro de 1879), foi um escritor do romantismo, político e jornalista (fundador de várias Revistas, dentre elas a "Revista Guanabara", divulgador do gênero literário romântico e "Lanterna Mágica", publicação de humor político), pintor, caricaturista, arquiteto, crítico e historiador de arte, professor e diplomata brasileiro.

⁵ Apresentava dois personagens que criticavam as situações do momento, Laverno e Belchior, à semelhança dos tipos Robert Macaire e Bertrand, criados pelo caricaturista francês Honoré Daumier e que tinha em Rafael Mendes de Carvalho seu principal desenhista.

Então outras revistas com essa abordagem surgiram, como *Marmota Fluminense*, iniciada em 7 de setembro de 1849. Em 1854, aparece a *Ilustração Brasileira*, que circulou com nove números. Em 1860 Henrique Fleiuss lançou a primeira publicação humorística especializada no País chamada por *Semana Ilustrada*. Em 1876, foi lançada a *Revista Ilustrada*, de Angelo Agostini que durou até 1891, nesse periódico defendeu a abolição da escravatura e a proclamação da República. Para Fonseca, (1999, p.212), Agostini era um "artista de traço contundente e áspero, foi um comentarista da história política brasileira até a última década do século". Suas caricaturas expuseram os traços grotescos da classe dominante brasileira da época.

Outro nome que gostaríamos de destacar entre os caricaturistas brasileiros é o do paraibano Pedro Américo de Figueiredo, embora ele não se tenha destacado como cronista do traço seu trabalho ficou reconhecido como pintor, chegou a pintar um quadro por encomenda do governo brasileiro, obras como: *A Batalha do Avaí* e *O Grito do Ipiranga*. Como cronista do traço teve destaque pelas charges produzidas para *Comédia Social*, revista semanal ilustrada humorística, publicadas no Rio de Janeiro nos anos de 1870.

As charges do século XIX quase sempre mantinham sua crítica aos serviços públicos e personalidade políticas, as críticas também eram voltadas para questão da abolição da escravatura e do aspecto da higiene pública. Neste período às charges mantinham características próprias, quais seja a pluralidade de quadros, abundância de textos e engajamento político. Outra característica comum aos chargistas do período é a composição formalista de cenas e a construção fidedigna de personagens com a preocupação de torná-los idênticos aos sujeitos reais dos quais se originam.

Para Teixeira (2001), as charges que eram produzidas durante a Monarquia, não tinham nenhum significado por si só, eram acompanhadas por textos imensos para torná-la claro. Sua função na estrutura narrativa era servir de suporte para o texto, ilustrando a história contada. O final do século foi marcado como baixa na produção dos desenhos humorísticos, pois como nos ensina Lima (1963 *apud* TEIXEIRA 2001, p.26)

Com o advento da República, ocorre um curioso desinteresse da caricatura brasileira pela política nacional. Como que a longa tensão mantida pela

imprensa no combate, na luta pela Abolição e pela queda da monarquia, havia, com a vitória, esgotado o vigor e a verve dos artistas do lápis, a menos que lhe parecesse também, o que é mais provável, como a Silva Jardim, não são aquela a República dos seus sonhos.

O início do Século XX trouxe mais revistas: *Revista da Semana* (1900), *O Malho* (1902), *Kosmos* (1904), *Fon-Fon!* (1907), *Careta* (1908) entre outras. Esse período marca um novo momento na história da charge brasileira, o surgimento de vários jornais e revistas, possibilitou o amplo desenvolvimento deste desenho. Até então raramente inventava personagens, mas esse novo momento, passa a criar personagens fictícios com a finalidade à piada de salão, o humor passageiro. Destacamos alguns desses personagens: *O Jeca Tatu*, *O Zé Povo*, *Zé Marmita* e *o Juca Pato*. Outra curiosidade desse momento é a utilização da tecnologia da cor na imprensa, ainda que de forma precária, as charges passam a ser em boa parte das revistas com cores.

Mas esse novo momento não é marcado só por alegria, mesmo com as melhorias do desenho e da técnica de impressão, as revistas ilustradas caem em decadência, elas perdem o lugar que tinham como instrumento de comunicação visual/social para um veículo mais ágil, sofisticado e "moderno". Foi a partir da década de 1910 que as charges passaram a ocupar os jornais, como formadores de opinião, eles se tornaram mais apropriados a seus propósitos políticos que as antigas revistas ilustradas no Império. Durante a República Velha o texto ainda continua sendo a principal referência da charge. Para Teixeira (2001) a charge durante o período da República Velha é caracterizada pelo

[...] esvaziamento de sua postura crítica, a liberdade de traço e a temática ficcional, que possibilitam a invenção de *tipos* como representações simbólicas de nossa cultura e de nosso povo – ainda que de maneira equivocada, pouco verídica e socialmente excludente. (TEIXEIRA, 2001, p.39)

Só a partir de 1930, acontece à ruptura entre a charge e o texto, o traço passa a ser capaz de explicitar por si só, seu conteúdo. Com a implantação do Estado Novo (1937), pelo Presidente Getúlio Vargas que instaurou como uma das medidas desse governo ditatorial, o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), a charge política sofreu um forte declínio. Só com o surgimento da Segunda Guerra

Mundial, as charges foram retomadas, criticando de forma satírica os regimes totalitários. Garcia (2005) nos ensina que foi

[...] durante o período correspondente ao Estado Novo (1937 a 1945) que uma série de aparatos institucionais de controle e repressão – já esboçados desde o início da década de trinta – foram aperfeiçoados, sendo a imprensa um das imagens de humor, bem como suas potencialidades para veiculação de posicionamentos críticos, o discurso oficial chegou a decretar a “morte” da caricatura política no período, sob a justificativa de identificação plena entre as propostas estatais e os anseios da população. (GARCIA, 2005, p.11)

As décadas de 1940 e 1950 são consideradas de ouro para a charge e a caricatura no Brasil. Foi um período de acirrada disputa entre as revistas e jornais, nesse período surgiram Hilde Weber e Péricles de Andrade Maranhão na revista “O Cruzeiro”, revista que já existia desde 1928. A mais popular criação de Péricles foi a figura do personagem *O Amigo da Onça*⁶, que fez um grande sucesso no País. Outros cronistas do traço passaram pela revista: Millôr Fernandes, Mauro Borja, Ziraldo, Reginaldo de Oliveira e Álvaro Cotrim.

Nas décadas de 60 e 70 surge uma nova geração de chargistas que se caracterizava pela resistência ao golpe de 1964, apresentamos pelo seu nome artístico: Ziraldo, Borjalo, Fortuna, Jaguar, Claudius, Appe, Lan, Santiago e um dos grandes talentos do traço Henfil. A criatividade desses artistas do desenho era tamanha, para se ter uma ideia de como eles tentavam burlar a censura e a repressão, eles utilizavam no lugar da imagem do Presidente da República, símbolos de evidente conotação política, como as estrelas que representam a qualificação dos militares, óculos escuros e coturnos estereotipando o Regime Militar, entre outras manobras. Para que as charges pudessem ser publicadas, esses chargistas faziam seus desenhos “nas entrelinhas” e deixavam de forma implícita sua aversão ao governo; as críticas contra a opressão do regime aconteciam de maneira sutil e eficaz.

Durante esse período a censura à imprensa e as perseguições com aqueles que criticavam o sistema político da época eram extremamente violentas a ponto de muitos “revoltosos” perderem a própria vida ou sofrerem toda espécie de violência e torturas em prisões do exército. Com isso a produção de charges com o intuito de

⁶ Para maiores informações ver a obra: Marcos Antônio da Silva, *Prazer e Poder do Amigo da Onça*, 1989.

criticar o sistema político diminuiu, mas mesmo com a censura e a perseguição os chargistas continuaram a criticar o regime através do humor de suas charges. E assim as charges desse período desempenharam um importante papel na oposição política aos militares.

Um dos grandes ícones desse período foi "*O Pasquim*", fundado em 1969, pelo jornalista Tarso de Castro. Essa revista ajudou a popularizar muitos chargistas como: Ziraldo, Millôr Fernandes, Chico Caruso, Paulo Caruso, Henfil, Jaguar, Fortuna e muitos outros. A revista não tinha o objetivo de criticar apenas o regime militar, mas realizou divulgação de temas existenciais novos para o grande público brasileiro da época, como liberação sexual, a desmistificação do puritanismo, a discriminação de minorias, o questionamento social, a hipocrisia dos políticos, entre outras abordagens.

A linguagem descomprometida e atrevida que caracterizava as matérias de *O Pasquim* provocou até mesmo mudanças na cultura brasileira, por exemplo, criando termos e ditados que passaram a ser parte da gíria do jovem do País, e também liberou a publicação impressa do "palavrão", até então apenas tolerado, publicamente, em peças de teatro de vanguarda. *O Pasquim* tomou-se o protótipo da imprensa alternativa no Brasil. Sua importância, no entanto, decresceu a partir da abertura política na passagem dos anos 1970 para os anos 1980, quando a grande imprensa pôde explorar temas até então exclusivos do *O Pasquim* e nos quais o seminário havia sido pioneiro. (FONSECA, 1999, p.259-260)

Em 1974, foi criado o "Salão de Humor de Piracicaba", o salão surgiu a partir de um projeto que foi realizado pelos jornalistas Alceu Marozzi Righeto, Carlos Marcos Colonese e Adolfo de Queiroz. O evento ocorreu num período em que a censura estava no seu auge. A importância desse salão é a de reunir os vários trabalhos existentes pelo País e premiar os melhores. É uma forma de divulgar para sociedade, além da importância em reunir artistas dos vários cantos do mundo, onde eles têm a oportunidade da troca de técnicas e experiências de trabalho.

Depois da Ditadura Militar as charges voltaram com "força total", sendo estas publicadas em revistas e jornais, passaram a ter a voz ativa de uma liberdade que estava reprimida durante o regime militar. É nesse período de redemocratização que os chargistas voltam a criticar e a defender seus ideais. Mas, muito se perdeu com essa liberdade de expressão; o grande exemplo disso, como mencionamos alhures, foi à decadência do *Pasquim*, pois sem a repressão ao seu trabalho, este acabou perdendo a grande crítica que tentava burlar essa censura. Muitos chargistas pelo

País encabeçaram na campanha das “Diretas Já”, divulgando através do traço do desenho, as manifestações e informações da mobilização popular, um dos grandes exemplos desse apoio foi à passeata da Associação dos Cartunistas do Brasil, aonde se conduzia cartuns e o boneco de Teotônio Vilela.

Mesmo com o projeto das “Diretas Já” rejeitado pelo Congresso Nacional, os chargistas continuaram a informar a sociedade, criticando a economia do País e aqueles que estavam no poder, um exemplo dessa informação social, foi com o acontecimento da morte de um dos maiores cronistas do traço Henfil, em 04/02/1988, que acabou contraindo a AIDS numa transfusão de sangue. Esse acontecimento resultou numa campanha através de cartuns, para que a doença tivesse um tratamento adequado, além de um maior cuidado com as transfusões sanguíneas. A informação e crítica aos “planos malucos” do Governo de José Sarney não passaram despercebidos aos olhos dos chargistas da época. E assim a cada governo que entra no País estes artistas do traço ficam atentos a cada detalhe, a cada ação desses representantes, para elucidar seu comentário, através do humor.

A charge tem grande importância na formação de opinião dos seus leitores; tome-se como exemplo o caso de *Impeachment* sofrido pelo Presidente Collor de Melo, que em 1992, perde o seu mandato em decorrência de seu envolvimento em esquemas de corrupção, em parceria com seu sócio e tesoureiro de campanha eleitoral, Paulo César Farias. Tais denúncias foram feitas por seu irmão Pedro Collor de Mello a revista *Veja* no mesmo ano. Em entrevista ao ex-chargista Kenny Alex, questionamos se ele acredita que as charges podem influenciar na opinião direta dos leitores, ele nos respondeu o seguinte

Pra se ter uma ideia tem uma obra que não me recordo o nome, em que ela apresenta só charge desse período de redemocratização e eu me lembro de charges específicas, pra você ver como elas ficaram marcadas e acredito que outras pessoas também se recordam dessas charges e isso tem o poder de influência enorme, e acaba formando opinião de muita gente. Durante o Governo Collor em que aconteceu impeachment eu não tenho dúvida de que a charge teve uma forte influência nesse acontecimento. Nessa época as charges eram publicadas desconstruindo a imagem do herói em torno da figura de Collor, influenciando a opinião dos leitores. (Entrevista com Kenny, realizada em 11 Abr. 2011)

Posterior ao governo de Collor vem seu sucessor e vice Itamar Franco, depois os oito anos de governo do Fernando Henrique Cardoso, a seguir mais oito anos do

governo Lula e agora com a primeira mulher Presidenta do País Dilma Rousseff. Reforçamos a nossa compreensão de que cada um dos governantes citados não passou despercebido do olhar do chargista brasileiro, alguns chargistas publicaram livros com as charges que remetem a esses governos.

Cabe, a partir de agora, tratar um pouco sobre a historicidade da charge na imprensa campinense; boa parte das informações a seguir foram passadas através de uma entrevista concedida no dia 07 Junho de 2011, pelo jornalista e ex-chargista do Diário da Borborema, Júlio César. Bem como recorremos a um aprofundamento de tais informações pela internet e pelas realizações de entrevistas com outros chargistas Fred Ozanan, Afonso Marreiro e Kenno Alex. Como trabalhamos com dois dos jornais que compõe o quadro da imprensa campinense, faremos algumas considerações sobre o surgimento da charge nos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba.

Segundo o depoimento do chargista Júlio César, o primeiro trabalho que se caracteriza como uma charge, na imprensa campinense foi de autoria de Deodato Taumaturgo Borges, esse trabalho foi publicado no Jornal Diário da Borborema, em 1958, quando ele faz um desenho com alusão ao título conquistado pelo Brasil na Copa Mundial de Futebol, no ano de 1958. Nessa época a produção e divulgação de charges não eram diárias, mas esporádica.

Para se ter uma ideia, Deodato Borges só voltou a publicar uma charge novamente em 1959 e ficou publicando com alguns intervalos até o ano de 1962, retratando nessas charges temas sobre a política campinense, o comunismo, o futebol local e outros assuntos. No total foram publicadas cerca de 6 trabalhos de 1958 a 1962, trabalhos solicitados pela linha editorial do jornal. A função de Deodato Borges dentro do jornal era publicitária e de Diretor Artístico.

Observamos abaixo a primeira charge publicada no Diário da Borborema com a temática do primeiro título do Brasil na Copa do Mundo de Futebol em 1958.



Figura 01 DIÁRIO DA BORBOREMA 03 JUL. 1958

Outro trabalho desempenhado por Deodato Borges, no período em que ele foi diretor da Rádio Borborema, foi à criação do personagem *O Flama* no início da década de 60, uma quadrinização de um programa radiofônico, para incentivar os ouvintes a ouvir o programa. Deodato Borges chegou a publicar cerca de treze tiras sobre *O Flama*, um personagem tipo detetive-herói que iria destruir o crime na região. Ele criava personagens baseados em histórias em quadrinhos e dessa forma criou a novela "O Flama", foi inspirado nas aventuras de Batman e Robin. Segundo informações do Jornal da Paraíba, O Flama foi criado primeiro para o rádio em Campina Grande

Precisávamos de um seriado de aventura para concorrer no horário das 13 horas com Jerônimo, o Herói do Sertão, que era transmitido pela Rádio Jornal do Comércio. O seriado surgiu em 1961. Em 1963, como Jerônimo já tinha o seu gibi, Deodato também produziu o do Flama. "Os quatro mil exemplares do primeiro número nem chegaram às bancas", lembra ele. "Quando anunciei no rádio, a garotada foi toda para a escadaria da rádio. Se não tivesse guardado dois ou três exemplares.". (JORNAL DA PARAÍBA, 27 Ago. 2010).

Essas tiras foram publicadas no Diário da Borborema como peças publicitárias para as radionovelas da Borborema. Ele apresentava o início da história em forma de tira e deixando uma reticência para que o leitor acompanhasse o desfecho da história no programa que aconteceria logo à tarde. Segundo o site do Dicionário das Artes Visuais na Paraíba, afirma que as aventuras do Flama

Causou enorme impacto na cidade, onde era transmitido pela Rádio Borborema, no início dos anos 1960, conseguindo manter grande audiência em seu horário. O programa era constituído de um narrador e fazia distribuição de brindes com os ouvintes, principalmente o Drops Dulcora e outros produtos (doces e balas) da Nestlé, com patrocínio local da empresa O Mundo dos Chocolates. E para presentear seus ouvintes, Deodato transformou As aventuras do Flama em história em quadrinhos. A revista era produzida em tamanho 16 (meio ofício), em clichê, impressa em tipografia, com tiragem de 1.500 exemplares, 40 páginas e capa em duas cores. Com sua mudança para o Recife, para dirigir a Rádio Clube, Deodato levou consigo o Flama, mas, sem tempo, deixou de produzir a HQ.⁷

Em seu blog⁸, Deodato Borges explica que o personagem foi uma investida sua, no ano de 1961, como diretor geral da Rádio Clube de Recife buscando manter o nível da audiência da emissora que sofria a concorrência da Rádio Jornal do Comércio, também de Recife, com a transmissão da radio-novela “Jerônimo, o Herói do Sertão”, produzida no Rio de Janeiro. A criação dessa revista não foi um salto significativo apenas para criação da charge, mas foi à marca do primeiro trabalho de História em Quadrinho da Paraíba. A seguir destacamos a capa da primeira publicação da revista: *O Flama*.

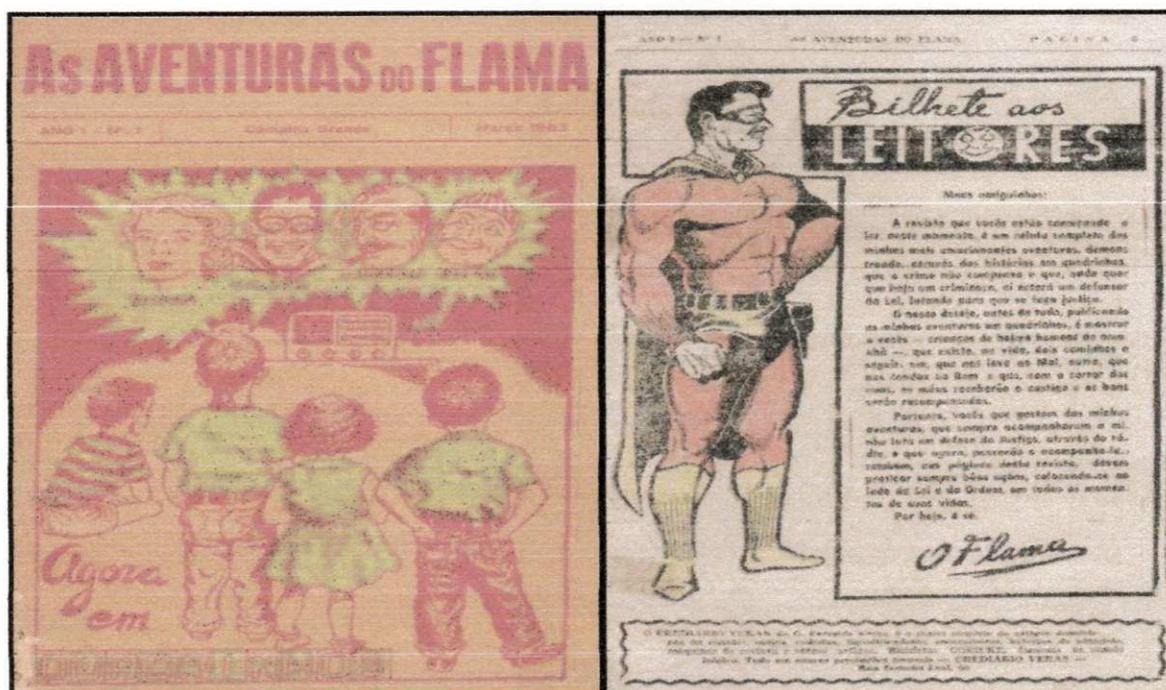


Figura 02 ANO I – Nº 1 AS AVENTURAS DO FLAMA⁹

⁷ Informações obtidas do site: <<http://www.artesvisuaisparaiba.com.br/artista.php?id=198>> Acessado em 14. Jun. de 2011.

⁸ Informações obtidas do site: <<http://deodatoborges.blogspot.com/search?q=flama>>. Acessado em 14. Jun. de 2011.

⁹ Imagem obtida do site: <<http://cgretalhos.blogspot.com>> Acessado em 14. Jun. de 2011.

No dia 11 de agosto de 1973 o jornal Diário da Borborema, passou a ter sua impressão *offset*¹⁰, deixando de ser tipografia a chapa ou “chapa fria”. Nesse novo momento a primeira ilustração local foi publicada por Matias, onde ele faz um desenho para ilustrar uma matéria sobre as forças armadas, mas não se trata de um trabalho diário, após um período o jornal passou a publicar ilustrações ou de Mauricio de Sousa, da Turma da Mônica, ou do desenhista norte americano Cliff Robert com uma tira Villa Sésamo.

Em 1975, o jornal passou a contar com o trabalho no setor artístico da ilustração, Francisco Audírio Nogueira, conhecido por Nogueira. Seus primeiros desenhos estão nos exemplares de fevereiro de 1975, em uma área específica nas páginas do jornal, chamada: *Imagens do Dia*. Esse trabalho também não era publicado diariamente.

Após o trabalho de Nogueira no Diário da Borborema como ilustrador do jornal temos o trabalho do primeiro chargista diário, Afonso Marreiro este era o responsável pelas charges diárias bem como do quadro humorístico chamado de *Calçada*, que tratava através do desenho os problemas da cidade, ele trabalhou como chargista de 1978 até meados de 1983, mas durante o ano de 1981 até o primeiro semestre de 1983, Afonso dividiu o espaço com outros chargistas dentro do Diário da Borborema, imaginamos que era uma questão contratual, então outros chargistas publicaram nesse jornal como: Joílson, Marconi, Herbert, Cleriston, Lopes, Oscar, Valter, Elpídio e outros que não conseguimos identificar, ressaltamos que esses nomes apresentados acima são os nomes identificados e assinados nos desenhos, portanto podem ser pseudônimo e não o nome dos chargistas.

No segundo semestre do ano de 1983, surgiu o novo chargista permanente do Diário da Borborema, mas precisamente em setembro de 1983, publicando quase que diariamente o chargista passou a ser Fred (Frederico Ozanan Pinto Gomes Pereira), um jovem talento que tinha publicado alguns desenhos na imprensa da Gazeta do Sertão e logo passou a trabalhar no Diário da Borborema, publicando de forma diária sobre os fatos mundiais, nacionais e locais.

¹⁰ É um processo planográfico cuja essência consiste em repulsão entre água e gordura (tinta gordurosa). O nome off-set - fora do lugar - vem do fato da impressão ser indireta, ou seja, a tinta passa por um cilindro intermediário, antes de atingir a superfície.

Em um curto período de tempo Fred começa a participar de vários salões de humor e, em quase todos eles, acaba sendo premiado e recebendo elogios por parte do editorial do Diário da Borborema, após um longo período como chargista do DB. Em 1997 Fred resolveu sair do jornal e para substituí-lo convidou na época o jovem talentoso Júlio César que decidiu encarar a missão e o desafio de substituí-lo.

Júlio César já fazia alguns traços em jornais universitários desde 1993, tinha feito também vários trabalhos ilustrativos sendo premiado em alguns salões de humor e Fred o convidou para trabalhar no Diário da Borborema como estagiário, já que o mesmo vinha concluindo seu curso de jornalismo, ele aceitou o convite e de início o seu trabalho foi ilustrar duas colunas uma de Humberto de Campos e a outra Geovaldo Carvalho e para substituir Fred no espaço de chargista foi convidado, Cristovam Tadeu, chargista do Jornal O Norte, de João Pessoa - PB.

Essa era uma decisão do editor para que Júlio César fosse se acostumando ao trabalho, até que ele fez sua primeira charge sobre educação no ano de 1997, o trabalho obteve bastante elogios da sociedade e dos profissionais da área, Júlio ficou até 1998, quando acabou seu estágio e teve que sair do jornal. Cristovam Tadeu retoma o trabalho de chargista e ilustrador do jornal até que Júlio César é convidado para retomar o trabalho de chargista e ilustrador do jornal, agora formado Júlio César assina seu contrato como funcionário da empresa e fica do ano de 2001 até os dias que sucederam o fechamento do Diário da Borborema em Fevereiro de 2012.

Para apresentarmos a história da charge no Jornal da Paraíba é necessário retornarmos a um dos chargistas do Diário da Borborema, Nogueira. Após sua saída do DB, Nogueira trabalhou como publicitário na empresa São Braz, esta empresa também era dona de um jornal da cidade, o Jornal da Paraíba, assim Nogueira passou a compor a equipe gráfica do jornal, recebeu o convite para assumir o papel de chargista desse jornal, mas como estava sobrecarregado na parte gráfica do jornal, indicou seu filho Kennyo Alex para ser o chargista.

Logo Kennyo foi submetido a alguns testes, sendo aprovado, assumiu o papel de chargista no Jornal da Paraíba em 1981 e ficou trabalhando com esta função até 1992. Ressaltamos que não podemos afirmar que Kennyo foi o primeiro chargista do JP, devida à incompletude das informações que recebemos, bem como da irregularidade dos exemplares do arquivo do Jornal da Paraíba. Mas, identificamos a

Compreendemos a charge como um texto, não é porque se trata de uma imagem que ela não pode ser interpretada, decodificada. Ela é um tipo de comunicação visual socialmente aceita, na qual uma ideia ou um acontecimento é analisado e transmitido com expressões risíveis e pretende ser veiculado ao grande público. Seus principais meios de publicações são jornais impressos e revistas, além da divulgação pela internet, geralmente trata de assuntos ligados à política, economia, ao social e outros. Para Flores (2002)

A importância da charge enquanto texto decorre não só do seu valor como documento histórico, como repositório das forças ideológicas em ação, mas, também, como espelho de imaginário de época e como corrente de comunicação subliminar, que ao mesmo tempo projeta e produz as principais concepções sociais, pontos de vista, ideologias em circulação. (FLÓRES, 2002, p.10)

Por se tratar de um desenho a charge é classificada como linguagem que pode apresentar ao mesmo tempo os dois tipos de linguagem: o verbal e o não verbal. Algumas charges são reforçadas através de pequenos textos. Assim, para autores como Miani (2001) o uso do texto em charges é muito interessante "uma vez que o elemento linguístico se torna importante para explicar a sua intencionalidade ou complementar o sentido humorístico e político". (MIANI, 2001, p.05). Neste sentido, a charge pode apresentar ou não o texto verbal, o recurso da utilização do texto é utilizado pelos chargistas para melhor compreensão do desenho, mas existem desenhistas que evitam a utilização do texto, uma prova disso é o depoimento do ex-chargista Kenno que nos afirmou em sua entrevista a nós concedida: "nas minhas charges eu procurava não utilizar muito do texto, para que a charge fosse compreendida por todos os leitores, essa era uma característica que eu tentava manter". (Entrevista realizada 11 Abr. 2011). Então a utilização do texto verbal seria uma complementação do texto imagético

Outra característica da charge é sua efemeridade, esse desenho tem pouca duração de compreensão, já que ela se reporta a um foto/acontecimento do momento. Sobre essa questão Miani (2001, p.03) assevera que a charge; "geralmente é esquecida quando o acontecimento a que se refere se apaga de nossa memória individual ou social (porém, ela permanece viva enquanto memória histórica)".

Entendemos que a charge é datada, ela só tem sentido se o leitor tiver conhecimento dos fatos a que ela se refere. Porém não é porque a charge esta com o seu prazo de "validade" ultrapassado que ela vai ser esquecida pelas pessoas, esta permanece em plena "validade" para ser utilizada pelos historiadores que tem no seu oficio revelar acontecimentos do passado, assim acontece com essa fonte histórica, que é a charge. Sobre essa questão Teixeira (1998), acrescenta que

Não há como negar uma particularidade das charges: elas se enquadram e só têm sentido em um determinado contexto social e histórico específico. Isto quer dizer que sua duração enquanto objeto de derrisão é curta, sobretudo se está intimamente relacionada a um cenário político peculiar. Seguindo-se este raciocínio, constatamos que as charges são, assim como a produção jornalística, dotadas de uma temporalidade reduzida, que perde sentido à medida que o contexto de sua produção se distancia. Do mesmo modo, elas exigem do leitor um conhecimento prévio daquilo que está sendo mostrado para que se estabeleça uma relação significativamente satisfatória. Ou seja, elas necessitam de um discurso de referência para existir, mas também – para serem compreendidas – é preciso que se esteja a par deste mesmo discurso. (TEIXEIRA apud RUBIM, 1998, p.151)

É importante ressaltar que o leitor do texto chargístico tem que estar bem informado acerca do tema abordado para que possa compreender e captar seu teor crítico. Portanto para que haja a apropriação e leitura, torna-se necessário que o leitor conheça a realidade. Sendo assim, acreditamos que um dos aspectos positivos deste tipo de texto é a sua capacidade de síntese em um quadro da realidade a ser representada

A interação da charge com a sua exterioridade, seu leitor, dá-se através de um processo de semiose que impõe a recepção e decodificação de determinadas informações, sinais etc. Se essas informações não se convertem em signos, não são percebidas e, nesse caso, não entram no circuito comunicacional. (FLÓRES, 2002, p.11)

Acreditamos que uma charge para ser lida após alguns anos de sua publicação é necessário que o leitor recupere o contexto histórico de sua produção, pois se não o leitor não conseguirá um nível profundo de interpretação e talvez nem reconheça os personagens abordados no desenho. Para isto, iremos apresentar nesse trabalho o contexto histórico do movimento das "Diretas Já", com isso o leitor terá uma compreensão significativa dos desenhos que serão trabalhados na presente dissertação.

A charge utiliza o humor para argumentar, criticar um determinado grupo, as pessoas que possuem o conhecimento prévio para entender o cômico da charge geralmente dão boas risadas como resposta. Mas, sem o conhecimento prévio não haveria espaço para o riso. Ressaltamos que para compreender uma charge não é necessário que o leitor fique rindo, após a sua leitura, abarcamos o pensamento do chargista Fred Ozanan, quando nos disse em entrevista ao ser questionado, se o leitor de uma charge para compreendê-la deveria dar risadas? Para ele

Não necessariamente, ela pode até fazer chorar, você se sentir ridicularizado diante daquele fato, que às vezes o leitor se coloca diante do personagem e daí surge o impacto e daí ela pode provocar riso ou entrestecimento do leitor. Então a charge pode trazer uma mensagem tão dura quanto uma realidade que você enfrenta e que você não quer assumir, então ela vai na "ferida e arranca a casca".

Compreendemos que a charge, além de preponderar pela presença do humor com a intenção de denunciar, criticar e satirizar através do exagero, ela também pode ser considerada como uma valiosa fonte histórica, quando trazemos à tona imagens de um passado e fazemos uma leitura aprofundada desses desenhos, observamos a contribuição dessa fonte para a reflexão sobre uma determinada época histórica, pois ela expressa e transmite ideias, sentimentos, valores e informações a respeito de seu tempo e lugar.

Este desenho humorístico é capaz de fornecer elementos preciosos para reconstituir uma história, tomando como produto de um tempo e de um lugar sócio histórico, mas é preciso que o olhar do historiador esteja voltado aos interesses de quem produz e para quem produz. Essa preciosa fonte cultural de uma época que é a charge nos auxilia a entender a memória social e política de determinada sociedade. Carregada de aventuras, estas fontes são produtos de uma determinada época, produzidas por artistas que são influenciados pelas experiências do cotidiano, pela realidade objetiva e subjetiva que os rodeia como a linha editorial do espaço em que ele trabalha.

Esse desenho humorístico carrega consigo vários significados a respeito de um determinado contexto em que foi produzida, não podemos apresentá-la como um retrato de uma realidade, ela foi produzida por um interesse, ela tem uma objetividade, a sua crítica está direcionada a uma pessoa ou algum acontecimento e para o historiador é necessário fazer essa investigação dos interesses que leva o

chargista a produzir uma determinada crítica, mas acreditamos que ela é uma construção que se realiza desse real, como também evidencia perspectivas de uma sociedade.

Abarcamos a concepção de Teixeira (2005), quando nos apresenta a charge enquanto documento e fonte histórica

A charge, a rigor, “funciona”, precariamente como documento e com fonte primária no campo da história. Mas ela é, sobretudo, um documento atípico, porque produz *verdade* através de personagens que carecem de *veracidade*, e porque registra a história a partir do que a história, objetivamente, não registra. Contudo, a charge permanece como instrumento de reflexão e fonte de pesquisa, um produto cultural produzido sob condições históricas definidas, num tempo e espaço socialmente determinados. Ela é, também, um produto de imagens, isto é, do estágio de desenvolvimento das condições objetivas de sua produção. (TEIXEIRA, 2005, p.11-12)

Resolvemos utilizar neste trabalho a charge como fonte histórica, pois através dela remetemos ao momento histórico do movimento “Diretas Já”, analisando-as através das representações satíricas dos chargistas dos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba, como consequência de um novo contexto sócio histórico-político. A charge é um interessante objeto de estudo, pelo que ela mostra e nos diz de nós mesmos e do mundo em que vivemos, ajudando-nos a refletirmos sobre os acontecimentos através do humor, contribuindo, além disso, para propor uma certa modelagem do imaginário coletivo

Através de sua análise podem-se perceber as estratégias utilizadas pelos vários segmentos envolvidos nos jogos de poder e manipulação de que consciente ou inconsciente somos atores e alvos. Atua diretamente sobre a necessidade de pertencer a um grupo social. Essa necessidade de pertença nos impele a investir os objetos de valores simbólicos, funcionando eles como senhas de entrada, de aceitação nos grupos. (FLÔRES, 2002, p.11)

No caso das charges, dificuldades são presentes quando resolvemos direcionar por esse tipo de estudo, pois são poucos os trabalhos de história acerca do humor, bem como são raros os que tratam as imagens humorísticas, devido ao descaso de lidar com as imagens.

Portanto, utilizar a charge como fonte histórica em contribuição ao debate político, é uma maneira de desmistificar a política como algo que é apenas negativo e incentivar o envolvimento de pessoas comuns nos assuntos ligados ao Estado, principalmente observando as ações políticas dos nossos representantes políticos.

1.3 A charge política

Com a “facilidade” que o mundo vive hoje em meio à globalização da informação como a Internet, televisão, celular e o rádio, os fatos que acontecem no mundo são divulgados quase que em tempo real. São muitas as possibilidades e os meios de se manter informado, ressaltamos que apesar desta prontidão existem pessoas que ainda não tiveram sequer um único contato com esses aparelhos tecnológico acima citados. E existem aquelas pessoas que tem o hábito de buscar num jornal publicado diariamente o seu primeiro contato com as notícias do dia. E são esses periódicos diários que daremos uma maior atenção.

Por estarmos inseridos numa sociedade que vive em função do tempo, cada minuto se torna precioso, essa aceleração modifica nossos hábitos de alimentar, andar, de higiene e até mesmo afeta na nossa leitura. Como muitas pessoas não tem o tempo suficiente de ler todo o jornal, o leitor acaba buscando as informações que mais lhe interessa no jornal, este por sua vez já tem todo um esquema montado, a capa apresenta as principais notícias funcionando como sumário de um livro, as próximas páginas vão discutir sobre: política, economia, cidade, cultura, educação, esportes e geralmente finaliza com classificados, mas não necessariamente nessa ordem. Cada jornal segue sua forma de apresentar esses temas e o leitor que acompanha o jornal, sabe perfeitamente encontrar o assunto que vai lhe saciar sua curiosidade ou vai lhe proporcionar entretenimento.

Neste sentido, há diferentes formas de ler o jornal, alguns observam apenas as primeiras páginas, existem aqueles que começam pela capa e segue até o fim, outros apenas lêem a parte de esportes, alguns querem apenas consultar os classificados, e assim vão seguindo sua ordem própria. Mas, não seria engano de nossa parte afirmar que a maioria dos leitores verificam a charge do dia. Por se tratar de um texto que não requer uma leitura mais longa do que são os textos críticos e informativos, por não exigir do leitor o tempo que o texto comum exige para a leitura, absorção e interpretação da informação, por ser a charge uma produção cômica e os leitores gostam de se divertir, dar risadas e desopilar, por meio da comicidade e, ainda, por se tornar de fácil entendimento e de rápida assimilação, à

charge passa pelo olhar e pela interpretação da maioria dos leitores daquele periódico. Concordamos com Romualdo (2005), quando afirma que a charge

É um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chágico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor. (ROMUALDO, 2000, p.5)

A leitura da charge é um discurso imagético e de quase imediata absorção. Essa transmissão de informação rápida, constando da crítica e do humor, satisfaz leitores de todas as idades. A leitura da charge não se restringe a um grupo de letrados, mas crianças e não letrados são capazes por muitas vezes de decifrar, compreender a informação transmitida pelo chargista no seu desenho. O leitor interpreta o desenho usando os conhecimentos que esse tipo de texto exige, mas alguns desses conhecimentos podem fazer parte do repertório do leitor ou podem ser adquiridos no próprio jornal.

Para que o leitor do desenho entenda a ideia do chargista, o espectador deve estar informado sobre o assunto, ter conhecimento do seu contexto e se for o caso, reconhecer o personagem caricaturado na charge, dessa forma, torna-se possível à compreensão de boa parte dos seus leitores. Uma demonstração de preocupação com esse tipo de leitor é possível observarmos no depoimento do ex-chargista Kenno. Para ele a charge

Representa informação ao leitor, a sua leitura é direta: Por ser mais fácil de ler uma charge do que ler um artigo às pessoas adoram a leitura da charge. Pra se ter uma ideia nas minhas charges eu procurava não utilizar muito do texto, para que a charge fosse compreendida por todos os leitores, essa era uma característica que eu tentava manter. (Entrevista com Kenno, realizada em 11 Abr. 2011)

A inserção dessa linguagem no formato dos jornais deve-se também ao fato de ter funcionado como crônica política e com isso acaba reforçando o pensamento de um determinado jornal para tal assunto. Elas servem para expressar o ponto de vista do jornal sobre os temas em debate, para Teixeira (2005)

A charge é um instrumento de intervenção política que, após longo processo de amadurecimento de sua linguagem, encontra nos jornais o espaço ideal para a expressão de sua forma e significação de seu conteúdo. Sua função é temperar a monotonia e severa objetividade do texto com a permissividade de um discurso que diz o que o verbo não pode,

não deve, não ousa expressar. Para o jornal, objetividade e imparcialidade da notícia são premissas básicas para a sua relação de credibilidade com o leitor. (TEXEIRA, 2005, p.13)

Atualmente as charges tem uma enorme importância nas páginas dos jornais, através do humor e da crítica com que ela carrega consigo. Para Miani (2001), A charge é uma forma de humor gráfico que se polarizou em jornais e periódicos como material de opinião, revelando toda a sua potencialidade política e ideológica enquanto manifestação de linguagem. Reforçando essa compreensão Grudzinski (2009) afirma que

Nas páginas do jornalismo impresso, os editoriais trazem textos com conteúdos que expressam a opinião da empresa, da direção ou da equipe de redação, sem a obrigação de se prender a uma imparcialidade ou objetividade. Da mesma forma, o ilustrador desenha a charge de forma parcialmente isenta, dando vida ao texto escrito através da imagem. Assim, ela passa a fazer parte da página como uma espécie de "editorial gráfico". Foi dessa maneira que a charge se estabeleceu como uma das formas de expressão da imprensa e se tomou definitiva no quadro obrigatório da página central de quase todos os grandes jornais do País. (GRUDZINSKI, 2009, p.03)

Ela é um tipo de texto que é apreciado aos olhos do leitor; pois a imagem é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de uma só vez e com isso o leitor acaba criando uma afinidade com essas ilustrações e por muitas vezes, opta pela leitura da charge do que um texto comum do jornal, os motivos que levam o leitor na maioria das vezes em optar por esse tipo de informação que já foram apresentadas. Romualdo (2000) reforça nossa compreensão quando afirma que

Se pensarmos em termos de conteúdo, uma charge ou uma caricatura podem ser muito mais densas do que outros textos opinativos, como uma crônica ou até mesmo um editorial. O leitor pode, inclusive, deixar de ler estes e outros gêneros opinativos convencionais, optando pela leitura da charge que, por ser um texto imagético e humorístico, atrai mais sua atenção e lhe transmite mais rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos. (ROMUALDO, 2000, p.15)

A mensagem contida numa charge é interpretativa e crítica e pela sua síntese de leitura, pode ter às vezes o peso de um editorial. Segundo Rabaça & Barbosa (2001, p.126): "alguns jornais chegam mesmo a usar a charge como editorial, sendo ela, então, intérprete direta do pensamento do jornal que a publica". Vai depender muito do editor do jornal se ele mantém uma postura de informação jornalística ligada ao desenho chargístico. Sabemos que as notícias que seguem nas páginas

dos jornais facilitam na compreensão do desenho, mas por muitas vezes o leitor da charge acompanha as notícias pela televisão o que contribui, quando este leitor faz a leitura deste tipo de imagem. Grudzinski (2009) ressalta que

O processo de construção da notícia tem uma aproximação com o processo de construção da charge, tornando-a um produto noticioso com os mesmos princípios de construção e de valor informativo. Assim como a notícia, a charge indica transitoriedade e é importante observar também que ela mantém sua força e ação num espaço breve de tempo em que os acontecimentos a que se refere permanecem na memória individual e social imediata; depois ela se torna velha enquanto produto comunicativo. (GRUDZINSKI, 2009, p.07)

Portanto, através da charge o leitor do jornal, pode tomar o conhecimento dos fatos, informar-se do que acontece no momento e fazer a sua leitura de mundo e manter um posicionamento crítico ou favorável da imagem que ele está observando.

Feitas essas considerações iniciais, de conteúdo teórico e metodológico, no capítulo seguinte discutiremos o movimento "Diretas Já", abordando desde o seu surgimento na Emenda Dante de Oliveira¹¹, adesão da proposta por parte da oposição ao regime militar, as manifestações populares em torno do movimento, a derrota da emenda no Congresso até a busca pela redemocratização do País. Para compreendermos esses acontecimentos devemos dar relevo aos ensejos acontecidos antes do ano de 1983, período que foi elaborada a proposta para realização das Eleições Diretas no País.

¹¹ Proposta de Emenda Constitucional nº 5 (PEC 5/1983), Elaborada pelo Deputado Dante de Oliveira do PMDB.

CAPÍTULO 2

A esperança e o desejo vestido de amarelo contra a força do Regime Militar nas charges dos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba.

Vi o amarelo vestir de esperança o Brasil. Vi a história brotar nas ruas e na garganta do povo.

Ulysses Guimarães, 24 de Abril de 1984.

A instauração da Ditadura Militar brasileira, em 31 de Março de 1964, configura o início de uma mudança no cenário socioeconômico e cultural brasileiro em decorrência de uma série de medidas que visavam reestruturar as bases socioeconômicas do Brasil que, segundo os instauradores do regime, estavam abaladas pela série de desfeitas políticas realizadas pelos antecessores e pela ameaça do comunismo que rondava o mundo e assustava os que estavam comprometidos com a "ordem e o progresso" do País. Para Rodrigues (2003, p.13)

[...] as justificativas para o Golpe de 1964 haviam sido, entre outras, a "agitação política" e a desorganização econômica, poderemos compreender que a recessão e a volta da inflação, naquele início da década de 1980, prenunciavam o desgaste do importante apoio dado ao regime militar pelas elites econômicas e pelos setores médios.

O regime ganha força e se fixa de forma rígida e irrestrita numa nova configuração de Estado. Os direitos políticos foram suprimidos em nome da saúde e do bem estar desse novo governo que, para os olhos de muitos, ia muito bem por conseguir colocar a economia nos "eixos", diminuir a violência e acender a esperança de um País forte e melhor. Se isso aconteceu, é outra discussão, mas de fato, essa foi à imagem que se buscou transmitir através da mídia de massa, em especial pelos jornais.

Entendemos que o crescimento das oposições nas eleições de 1978 acelera o processo de abertura política. Em 28 de agosto de 1979 é aprovada a Lei da Anistia. No mesmo ano, em 22 de novembro, é aprovada a Lei Orgânica dos Partidos, que extingue a ARENA e o MDB e restabelece o pluripartidarismo no País. Cresce também a mobilização popular por Eleições Diretas para os cargos

executivos. Em 13 de novembro de 1980 é aprovada uma emenda constitucional que restabelece as Eleições Diretas para governadores e acaba com os senadores biônicos, respeitando os mandatos em curso.

Em 1982 acontecem às Eleições Diretas, o eleitor deveria votar em um candidato da sua escolha para todos os níveis, exceto o presidencial. Em março de 1983, o Deputado Federal Dante de Oliveira propõe uma emenda constitucional com objetivo da realização de Eleições Diretas para Presidente em 1985. Em abril de 1984 a emenda é recusada por não atingir o número de votos suficiente. Em janeiro de 1985 Tancredo Neves é eleito como novo Presidente, mas por meio de uma eleição indireta.

Portanto, o período 1979 – 1985 incluem numerosos acontecimentos relevantes para o País, entre eles: a concretização da abertura política, a campanha pelas Eleições Diretas para Presidente, a derrota da emenda pelas “Diretas Já” no Colégio Eleitoral ¹², a eleição de Tancredo Neves, a sua doença e na sequência, a morte e a posse do seu vice José Sarney como Presidente da República são alguns dos acontecimentos que marcam esse período.

2.10 governo de João Baptista Figueiredo (1979 – 1985)

Figueiredo nasceu no Rio de Janeiro, no dia 15 de janeiro de 1918 e faleceu aos 81 anos, no Rio de Janeiro, no dia 24 de dezembro de 1999. Foi um general de exército e político brasileiro. Foi o último Presidente do regime militar, aos onze anos de idade Figueiredo iniciou sua carreira militar obtendo o primeiro lugar no concurso para o Colégio Militar de Porto Alegre transferindo-se a seguir para o Colégio Militar do Rio de Janeiro ingressando, por fim, na Escola Militar do Realengo onde optou pela Cavalaria. Conforme Skidmore (1988, p.409)

¹² O Colégio Eleitoral foi criado em 1967 e confirmado – a tempo de eleger o Presidente Garrastazu Médici – pela Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969, assinada pelos três ministros militares, que tinham declarado impedido o então Presidente Costa e Silva, afastando seu substituto constitucional, o Vice Presidente Pedro Aleixo. “Sua origem é, portanto, um ato de força modificando outro, a Constituição de 24 de janeiro de 1967 que, promulgada pelo próprio governo militar, previa a substituição do Presidente pelo Vice-Presidente”. Soares apud (RODRIGUES, 2003, p.16)

O novo Presidente era membro de uma família de militares. Seu pai, o general Euclides Figueiredo, comandara um contingente de tropas em 1932, quando São Paulo se rebelara contra o governo do Presidente Getúlio Vargas. Três dos seus filhos, João Batista, Euclides e Diogo, ingressaram no Exército e chegaram ao generalato. [...] Durante os sete meses da Presidência de Jânio Quadros em 1961 Figueiredo trabalhou sob as ordens do general Golbery no Conselho de Segurança Nacional. Foi um dos conspiradores da primeira hora contra João Goulart, e depois do golpe de 1964 voltou a trabalhar com Golbery no Serviço Nacional de Informações (SNI), o recém-criado e poderoso órgão de inteligência com jurisdição em todo o País. Golbery, seu criador e primeiro titular, colocou Figueiredo na direção do escritório do Rio de Janeiro. Em 1969, já no governo Médici, transferiu-se para o Planalto na qualidade de chefe do gabinete militar da Presidência. Com Geisel foi nomeado chefe do SNI, o que lhe dava acesso a todas as decisões de alto nível.

Com a posse de Ernesto Geisel foi nomeado ministro-chefe do SNI, cargo do qual se afastou para se candidatar a Presidência da República. Apontado pelo Presidente Geisel como seu sucessor em 31 de dezembro de 1977, Figueiredo foi eleito Presidente da República pelo Colégio Eleitoral ¹³ em 15 de outubro de 1978 como candidato da ARENA¹⁴ pela contagem de 355 votos contra 266 dados ao General Euler Bentes Monteiro do MDB ¹⁵. Segundo o historiador Lima (2004, p.179)

As eleições de 1978 demonstraram o alto grau de insatisfação da população com o regime. A oposição demonstra o seu crescimento tanto na eleição presidencial como nas eleições legislativas. O candidato a Presidente do MDB, Gen. Euler Bentes, consegue 266 votos no colégio eleitoral, contra os 355 do candidato do governo, General João Baptista Figueiredo. Nas eleições legislativas de 15 de novembro do mesmo ano, a ARENA obtém em todo o País 13,1 milhões de votos para o Senado e 15 milhões para a Câmara e o MDB, 17,4 milhões de votos para o Senado e 14,8 milhões para a Câmara. A governabilidade só foi assegurada devido às mudanças nas regras eleitorais promovidas no pacote de abril do ano anterior. É nesse conturbado quadro, que assume o poder o quinto e último Presidente do ciclo militar o general Figueiredo.

Vitorioso, prometeu a "mão estendida em conciliação" jurando fazer "deste País uma democracia"¹⁶. Thomas Skidmore (1988) nos apresenta um trecho do discurso da posse do então Presidente Figueiredo que se comprometeu em dar continuidade à liberalização da "abertura política"

¹³ É um órgão formado por um conjunto de eleitores com o poder de um corpo deliberativo para eleger alguém a um posto particular.

¹⁴ ARENA significa Aliança Renovadora Nacional, agremiação partidária criada na promulgação do AI-2, que contemplou os udenistas golpistas e a maioria dos pessedistas.

¹⁵ MDB significa Movimento Democrático Brasileiro, partido também criado na promulgação do AI-2, que contemplou o PTB, o PSB e grande parte PSD.

¹⁶ Informações obtidas do site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Figueiredo>. Acessado em: 15 Jul. 2011.

Reafirmo os compromissos da Revolução de 1964 de assegurar uma sociedade livre e democrática". E acrescentou com ênfase: "Reafirmo meu inabalável propósito (...) de fazer deste País uma democracia". Prosseguiu no mesmo tom de otimismo prometendo "garantir a cada trabalhador a remuneração justa" e o "financiamento, por nós mesmos, dos custos do nosso desenvolvimento". A reação da imprensa e do público foi favorável – baseada na esperança de que Figueiredo continuasse a liberalização que se acelera no último ano do governo Geisel. (SKIDMORE, 1988, p.412)

O novo governante não deveria ter a postura rígida como vinham os antigos governantes gerais, o País tinha que passar pelo processo de redemocratização. Muitos no meio militar via em Figueiredo um toque humano de ser, uma pessoa com personalidade aprazível, na visão dos militares o novo chefe de governo passaria a depender menos da coerção do que da habilidade política convencional.

O então Presidente Figueiredo que governou o País de 1979 a 1985, tinha por tarefa dar continuidade ao lento processo de abertura política. A estratégia do regime militar de transição era de que fosse, "lenta, gradual e segura". Logo que assumiu a Presidência viu o País vivenciar uma turbulência na economia, mas uma das primeiras medidas tomadas foi em relação à anistia. O Presidente encaminhou para o Congresso um trabalho de anistia restrita e parcial, que foi repudiado por todas as correntes políticas que lutavam pela anistia ampla, geral e irrestrita. Em relação aos anistiados, (SKIDMORE, 1988, p.423) nos afirma que

Foram beneficiados com a medida todos os presos ou exilados por crimes políticos desde 2 de setembro de 1961 (a data da última anistia – houve 47 na história do Brasil). Ficaram excluídos os culpados por "atos de terrorismo" e de resistência armada ao governo, os quais foram reduzidos a apenas uns poucos, quando da aplicação da lei. A anistia também restabelecia os direitos daqueles que os haviam perdido nos termos dos atos institucionais.

Assim, a anistia acabou sendo uma manobra do governo para alcançar um imediato reforço à popularidade do Presidente. O trabalho que foi aprovado beneficiava os acusados de crimes políticos, mas não se estendia aos condenados por atentados e sequestros políticos; atingia os cassados, porém estes continuavam inelegíveis; referiam-se aos servidores públicos e militares punidos pelos Atos Institucionais e Lei de Segurança Nacional. Sendo assim subordinava sua reintegração à decisão das autoridades de cada setor; para os militares, a lei anistiava automaticamente os torturadores.

Quanto aos desaparecidos, campanhas foram organizadas para descobrir o paradeiro de centenas de pessoas sequestradas durante o regime militar. Ainda hoje existem dezenas de famílias sem notícias concretas de parentes que foram vítimas da repressão dos governos militares. Na época o movimento pró-anistia, contudo, não estava satisfeito com a nova Lei. Skidmore (1988, p.424) afirma que estes "queriam que fossem chamados à responsabilidade os que deram sumiço a 197 brasileiros que se acreditava terem sido assassinados pelas forças de segurança desde 1964".

Diversos setores da sociedade brasileira (sindicatos, grupos de empresários, igrejas, políticos, associações artísticas e científicas, as universidades e parte da imprensa) passaram a exigir a redemocratização do País. Dentre as principais reivindicações destacam-se: a convocação de uma Assembléia Constituinte que garantisse a volta do Estado de direito; justiça social e anistia política. Segundo Rodrigues (2003, p.14)

Foram sobretudo esses setores previamente mobilizados em movimentos, Sindicatos, organizações de classe média, Comunidade de Base da Igreja Católica e no PT que responderam de modo organizado e sistemático à palavra de ordem Diretas Já.

O governo Figueiredo tinha um problema político com o partido da ARENA, que procurava desvincular-se das políticas repressivas pós 1964 e com fraco atrativo eleitoral da UDN. Os estrategistas da "abertura", como o general Golbery, avaliaram que o sistema bipartidário havia se tomado desinteressante para o regime, isto porque ao concentrar a oposição numa só legenda acarretou no seu fortalecimento. Com isso, resolveram realizar uma reforma partidária. Para Skidmore (1988, p.427)

Os estrategistas políticos do Presidente, à frente o general Golbery, imaginaram uma solução parcial: dissolver o sistema bipartidário e promover a criação de múltiplos partidos com elementos da oposição, mas preservando as forças do governo em um único partido (presumivelmente com novo nome). O governo manteria assim o seu controle seja pela divisão dos votos da oposição ou pela formação de coalizão com os elementos mais conservadores do partido adversário. Acima de tudo, o governo tinha que romper com a unidade oposicionista.

Neste sentido, uma grande reforma estabeleceu a criação de diversos partidos políticos. Destaque para ARENA, partido dos militares, transformou-se no

Partido Democrático Social (PDS) e abrigava os conservadores e beneficiários da ditadura e o MDB, que realizava a tímida oposição durante a linha dura, transformou-se em Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Apareceram também: Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido dos Trabalhadores (PT) e Partido Popular (PP).

Como todo governante os primeiros passos de Figueiredo foi montar o seu quadro de ministros para administração do País, o historiador Damião Lima nos apresenta os primeiros passos do então Presidente Figueiredo. Para Lima (2004, p.179-180)

Logo que assume, o Gen. Figueiredo indica Mário Henrique Simonsen para Ministro Chefe da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, com a missão de elaborar a política econômica do novo governo. Ao assumir, em março de 1979, o ministro Simonsen fez um diagnóstico claro da real situação do Brasil, declarando que o País estava à beira da crise cambial e tinha que reduzir o ritmo de crescimento para evitar essa crise e controlar a inflação. Essa análise preocupou a base aliada do governo que ansiava pela continuidade do crescimento e dos grandes projetos em andamento. Por isso, as pressões sobre o ministro foram aumentando a ponto de levá-lo a renúncia em agosto de 1979, após cinco meses no governo. Para o lugar de Simonsen, foi convidado a assumir, novamente, os destinos da economia do País, o economista Delfim Neto.

Não temos a intenção de aprofundarmos nossa discussão em torno da economia do País durante o governo de Figueiredo, mas acreditamos que essa discussão merece um destaque neste trabalho dissertativo por entendermos, quando a economia de um País não se encontra estável, essa provoca uma série de fatores negativos, inclusive a insatisfação popular o que se torna do nosso interesse.

Conforme Skidmore (1988), o Brasil manteve seu alto crescimento econômico desde o choque do petróleo, em 1973, somente porque passou a tomar empréstimo no exterior. Mas, não dava pra continuar dessa forma, o governo de Figueiredo sofria com o fim do "milagre econômico". Na visão de Mário Henrique Simonsen era preciso desacelerar a economia, o que não agradava parte do governo o declínio da credibilidade de Simonsen só fez aumentar a de Delfim. Então em agosto de 1979, Simonsen renunciou ao cargo, durando apenas cinco meses como ministro de Figueiredo. Para substituí-lo Antônio Delfim Neto¹⁷ foi imediatamente nomeado, este

¹⁷ Entre 1967 e 1974, foi ministro da fazenda e, no governo do Presidente João Figueiredo, foi sucessivamente Ministro da Agricultura em 1979, Ministro do Planejamento entre 1979 e 1985 e embaixador do Brasil na França. Após a redemocratização do Brasil foi eleito cinco vezes consecutivas Deputado Federal, pelo PDS e por siglas que o sucederam - PPR, PPB e PP.

surge como a esperança que ele desejava um novo "milagre" e manter o crescimento do País o que alegrava os assessores de Figueiredo.

Delfim esperava repetir sua ação enquanto ministro no governo anterior, porém isso não aconteceu; numerosos eventos externos causaram uma forte crise no País do qual o Delfim não conseguiu evitar. Os economistas que orientavam a política econômica do governo estavam agora desacreditados aos olhos do público. Skidmore (1988, p.459), reforça esta compreensão quando afirma que

Quaisquer que fossem as metas anunciadas pelo governo, e foram muitas, o público reagia com desprezo. O retundo Delfim, czar incontestado da economia, era o tema favorito dos cartunistas. Muitos dos seus críticos irritavam-se ainda mais ao saber que ele se divertia com os cartuns, dos quais tinha em casa uma coleção emoldurada.

O grande "a gente" financiador desta dívida foi o FMI¹⁸. Em janeiro de 1983, Figueiredo assinou uma "carta de intenções" na qual o Brasil se comprometia a cumprir metas especificadas de política fiscal e monetária. Então era muito comum ver a crítica por parte da imprensa bem como dos cronistas do traço relacionando o governante Figueiredo e o seu ministro Delfim Neto com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Essa crise que circundava a econômica do País fez com que grupos políticos se mobilizassem em favor da aprovação da emenda "Dante de Oliveira". O projeto estabelecia a realização de uma nova eleição presidencial direta para o ano de 1985, elaborada pelo então Deputado Federal do PMDB, Dante de Oliveira, que acabou não sendo aprovada e um novo plano de transição democrática acabou vigorando.

Neste sentido, o cenário político nacional passou por mais uma eleição conduzida pelo Colégio Eleitoral, com o sistema político agora tomado pelo regime pluripartidarista. O PDS, que antes era representado pela ARENA, era o partido que representava o regime militar, este passou por uma divisão entre seus integrantes, enquanto o Presidente Figueiredo desejava que o coronel Mário Andreazza disputasse o pleito, outros integrantes do mesmo partido preferiam apoiar a candidatura de Paulo Maluf, empresário e ex-prefeito de São Paulo.

¹⁸ O Fundo Monetário Internacional (FMI) é uma organização internacional que pretende assegurar o bom funcionamento do sistema financeiro mundial pelo monitoramento das taxas de câmbio e da balança de pagamentos, através de assistência técnica e financeira.

Contado com a maioria dos votos na convenção partidária, Paulo Maluf foi oficializado como candidato do último governo militar. Isso fez com que muitos abandonassem o apoio aos militares e foram apoiar a oposição ao regime, um exemplo desse caso foi José Sarney, que acabou sendo lançado como vice do candidato, Tancredo Neves.

2.20 movimento “Diretas Já” nas charges dos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba

Já apresentamos anteriormente que uma das metas do governo Figueiredo era a retomada de um País democrático, o seu discurso de promover a abertura política, deixava muitos brasileiros com dúvidas quanto a isso. O primeiro passo para esse processo transitório seria as eleições municipais que iria acontecer em todo País, porém em maio de 1980 o governo fortaleceu as dúvidas dos que não acreditavam que as eleições aconteceriam, ao cancelar as eleições municipais.

Em novembro de 1980 o Congresso aprovou uma lei adiando estas eleições para 1982, quando também aconteceriam as eleições para Governadores de Estado, do Senado e para os membros da Câmara dos Deputados e de todas as assembleias legislativas. Quanta a essa questão (SKIDMORE, 1988, p.441-442), nos apresenta que

Na esfera política a liberalização, naturalmente, prosseguira. Em novembro de 1980 o Congresso aprovou uma emenda constitucional originária do Executivo reintroduzindo Eleições Diretas para governadores de estado e a totalidade do Senado. Era uma parcial revogação do “pacote de abril” do governo Geisel que permitia à ARENA fazer maioria nas duas casas do Congresso nas eleições de 1978. Figueiredo achava que ainda podia contar com essas maiorias, e por isso resolveu ir adiante com a *abertura*.

Identificamos através do desenho duas charges publicadas no Diário da Borborema, pelo chargista Afonso Marreiro. Que representa ao nosso olhar, as primeiras manifestações humorísticas ligadas à vontade e o desejo pelas Eleições Diretas no País. Em ambas as imagens o autor utiliza da mesma conotação, transmitir a ideia de elementos da democracia política em lugares fechado,

aprisionado. É uma característica desse cronista do traço o apoio da linguagem verbal em seus desenhos, para facilitar a compreensão de suas charges.

Destacamos anteriormente que em maio de 1980 o governo fortaleceu as dúvidas dos que não acreditavam que as eleições aconteceriam, ao cancelar as eleições municipais, essa atitude, sem sombra de dúvidas, despertou no chargista a produção dessas charges, que apresenta sua crítica sobre este assunto.



Figura 3 - DIÁRIO DA BORBOREMA 04. SET. 1980

Na charge acima ilustrada o chargista utiliza-se de um pássaro preso na gaiola, o animal está representando as Eleições Diretas no País. A feição de tristeza do pássaro pode estar correlacionada a todos aqueles que desejavam o retorno das Eleições Diretas para o País, que se encontra "preso e controlado" pela força militar que detinha o poder da realização das Eleições Diretas. O cronista do traço Afonso ainda reforça sua crítica utilizando-se da linguagem verbal de uma frase bastante citada na época: "A INDEPENDÊNCIA SOMOS TODOS NÓS... CANTANDO A UMA SÓ VOZ. A HORA É ESSA..."

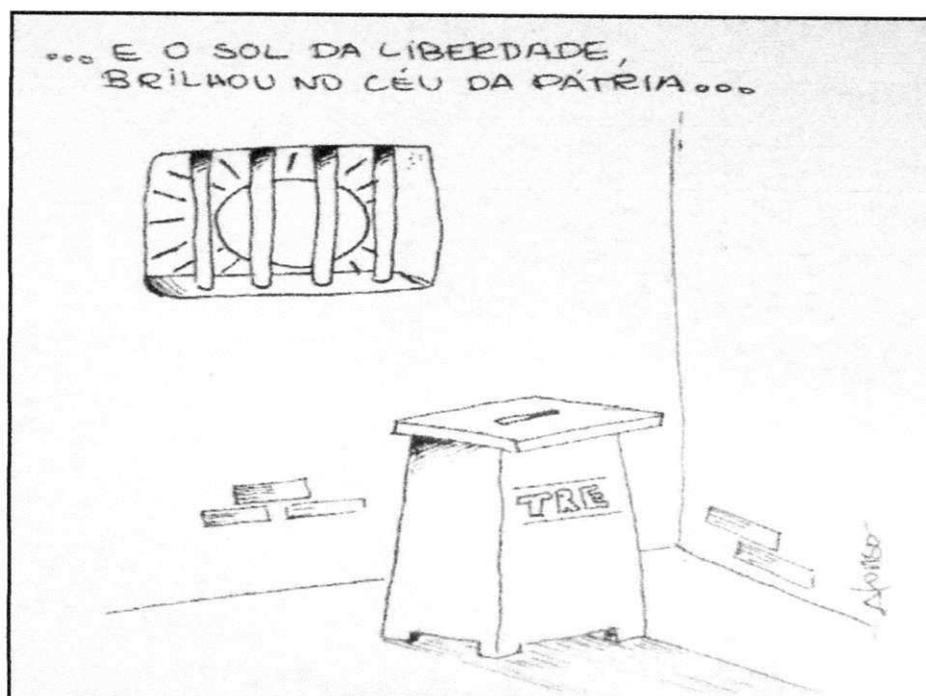


Figura 4 - DIÁRIO DA BORBOREMA 14. SET. 1980

Na segunda figura, Afonso utiliza-se de um trecho da letra do Hino Nacional Brasileiro, para satirizar o controle em torno das eleições no Brasil, no início da década de 80. Na imagem acima temos o cenário de uma prisão, cadeia, onde se encontra uma urna eleitoral do TRE (Tribunal Regional Eleitoral), a imagem do sol em conjunto do cenário da prisão se contrapõe a letra do Hino Nacional que diz: "E o sol da Liberdade..., Brilhou no céu da Pátria". A liberdade e o brilho no céu não condizem com a situação que se encontra a urna eleitoral, num lugar de cumprimento de pena restritiva de liberdade, constituída de edificação com meios mais diversos para evitar sua fuga ou evasão tais como: paredes grossas e reforçadas, isolamento do meio urbano, grades, cercas, vigilância constante, rigidez de disciplina interna, divisão em celas, etc.

A urna eleitoral um dos símbolos da democracia política é representada como prisioneiro, como elemento que deve estar longe da sociedade, o responsável pela apreensão são os policiais (federais, militares e civis), lembramos que o País neste momento é comandado pelas forças militares, então essa é uma das leituras possíveis da imagem acima.

A charge abaixo é iniciada com discurso verbal, sendo reforçada em negrito no intuito de chamar atenção do leitor da imagem. A frase apresenta uma fala do

Presidente Figueiredo, pois, como apresentamos anteriormente, este militar tinha como um dos objetivos, a responsabilidade de retomar a democracia no País.



Figura 5 - DIÁRIO DA BORBOREMA 08 OUT. 1980

Na imagem o chargista Afonso utiliza-se de um personagem para questionar ao Presidente sobre o seu compromisso com a democracia, como resposta o chargista atribui na fala do Presidente mandando juntar com a dívida externa; essa fala não apenas atribui ao descaso que Figueiredo vinha tendo com a retomada da democracia, mas também mostra que a economia do País vinha se alastrando com uma dívida externa e que não tinha nenhuma ideia de quando se teria o compromisso de pagá-la.

Por isso o chargista utiliza-se dessa comparação humorística, para mostrar que seu compromisso com a democracia bem como a Dívida Externa, é exatamente o mesmo, ou seja, é impagável, é impossível de se realizar em sua plenitude, ou seja, nem o Brasil conseguiria livrar-se dessa Dívida Externa, em decorrência de sua sujeição ao FMI, nem tão pouco conseguiria garantir o regime democrático, já que o Poder esteve nas mãos dos militares e não do Povo.

A charge seguinte foi publicada na época em que se comemora a festa de Natal. Esse momento é bastante utilizado entre os chargistas na confecção dos seus desenhos.



Figura 6 - DIÁRIO DA BORBOREMA 25 DEZ.1980

Nessa sexta figura, observamos a ilustração do Papai Noel, este que segundo a lenda nas vésperas do Natal distribui presentes para as crianças bem-comportadas no mundo. Essa concepção é utilizada pelo chargista Afonso Marreiro para satirizar sobre as Eleições Diretas no País. Os aspectos do sonho e do desejo estão inseridos durante o período natalino, um dos símbolos da concretização desses sonhos é justamente o Papai Noel que na imagem apresenta uma feição de tristeza, por justamente não poder conseguir concretizar um sonho, um desejo do povo brasileiro, qual seja as Eleições Diretas para Presidente do Brasil.

Vejamos a charge abaixo ilustrada:



Figura 7 - DIÁRIO DA BORBOREMA 11 DEZ. 1982

Apesar de se apresentar como meta primordial do governo, à sucessão Presidencial a um Presidente civil, acontecia no Brasil da época de uma forma tão lenta que aos olhos da crítica dos chargistas sempre sobressaia a ideia de que essa sucessão não aconteceria. Em sua maioria é sempre passado a concepção de negação, rejeição com as eleições para Presidente no País.

Na imagem acima o chargista destaca o tema no alto do quadro de sua charge: "sucessão presidencial" e de uma sala mostra alguém dando um ponta-pé numa urna eleitoral do TRE (Tribunal Regional Eleitoral), esta atitude é reforçada com o discurso verbal "ideia recusada". O chargista tem por finalidade, mostrar que aquelas pessoas que estão no poder ainda não aceitam a realização das Eleições Diretas para Presidente, apesar de existir uma abertura para realização das eleições para Governadores, Deputados Estaduais e Federais, Prefeitos e Vereadores, pela vontade do povo, mas parecia que isso não era o bastante, vários personagens artísticos e políticos se juntaram com parte da população brasileira e reivindicavam com o auxílio da imprensa o retorno das Eleições Diretas para Presidente.

Já na charge a seguir, o chargista representa um cenário de uma manifestação popular reivindicando a abertura política, sendo esta reprimida por aqueles que detêm o poder do controle e da ordem na sociedade, os militares. O interessante dessa imagem é que o chargista representa os manifestantes como

comunistas ao apresentarem portados em suas mãos com a bandeira do comunismo a foice e o martelo.



Figura 8 - DIÁRIO DA BORBOREMA 16 DEZ 1982

Questionamos o autor dessa charge, Afonso, em entrevista o que motivou a tal representação, ele nos afirmou: “não, se tratava de uma perseguição realizada na cidade, mas foi uma ideia que eu tive de comparar os atuais manifestantes com a repressão acontecida em início do regime militar e naquela época só tinha comunista mesmo”.

Então em um primeiro olhar poderíamos afirmar que os manifestantes que reivindicavam o pleito das Eleições Diretas eram comunistas, porém aconteceria uma generalização e o questionamento levantado por nós ao autor nos comprova isso e poderíamos acabar fazendo a leitura desta imagem de forma equivocada. Esse é um dos cuidados que se deve ter ao trabalhar com as iconografias. Conforme Duarte (2011, p.24), nos apresenta que

Assim como outros tipos de fontes, as imagens possuem fragilidades e o historiador precisa estar atento em suas análises, já que não existe uma única forma de vê-las. Até mesmo pela variedade de imagens que podem ser tomadas como fontes ou a variedade de seus usos que podem se prestar aos estudiosos da área.

Um fato ocorrido em setembro de 1981 ameaçou o processo de abertura, quando o Presidente Figueiredo sofreu um infarto, ele foi hospitalizado em 18 de setembro. Logo seus ministros anunciaram o seu Vice-Presidente Aureliano Chaves para assumir o governo. A oposição teve o receio de que os militares vetassem a posse de Aureliano, pois os militares já havia vetado anteriormente a posse de Pedro Aleixo, quando Costa e Silva havia ficado seriamente doente. Neste sentido, Aureliano Chaves foi o primeiro civil a ocupar a Presidência desde o golpe de 1964.

Em 1982 muitas pessoas aguardavam para realização das eleições em novembro. Pela primeira vez desde 1965 os governadores seriam eleitos pelo voto direto, o eleitor deveria votar em um candidato da sua escolha para todos os níveis, exceto o presidencial. Como resultado destas eleições Skidmore (1988), nos ensina

Apesar de tentativas de sabotagem da linha dura e do compreensível pessimismo do público, as eleições foram um impressionante exercício de civismo: mais de 45 milhões de eleitores compareceram às urnas, o maior eleitorado de todos os tempos na América Latina. Foram relativamente pequenas as acusações de fraude e o Brasil podia congratular-se consigo mesmo por haver dado uma lição de democracia eleitoral, coisa extremamente rara no Terceiro Mundo. [...] Embora a oposição tivesse recebido 59 por cento do total de votos populares, não conseguiu fazer a maioria no Congresso (considerando as duas casas juntas) ou no colégio eleitoral, que devia escolher o sucessor de Figueiredo. Na Câmara dos Deputados a oposição (reunindo todos os quatro partidos – PMDB, PDT, PTB e PT) agora ultrapassava o PDS por 240 a 235, mas o Senado tinha uma vantagem de 46 sobre 23 da oposição. No Colégio eleitoral (formado por ambas as casas do Congresso mais seis representantes do partido majoritário em cada Estado) o PDS tinha uma maioria de 356 sobre um total de 330 das oposições reunidas. (SKIDMORE, 1988, P.453-454)

A oposição conquistou os governos de nove Estados, inclusive os grandes centros urbanos, políticos e econômico do País, como: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná. Já o PDS partido do governo presidencial ficou com o Nordeste e os Estados do Oeste, exceto Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde também ganhou. Com isso, a oposição chega ao poder e tinha o controle dos principais Estados do País, mas o governo detinha firmemente o Executivo Federal. Lembramos que a economia do País não se encontrava em um bom momento e isso poderia afetar o gosto popular pela busca da redemocratização do País, como a oposição agora estava no poder esta poderia ser facilmente criticada pelo povo e aqueles que formavam a oposição por parte do PDS.

Portanto, a realização destas eleições fez aflorar um sentimento de democratização por parte da oposição, que no início não obteve muitos adeptos na

ideia de realizar Eleições Diretas para Presidente, mas logo esse sentimento foi tomando conta por parte dos demais partidos de oposição que logo fez o seu dever de divulgar e incentivar a população para realização deste pleito.

As “Diretas Já” foi um movimento político democrático com grande participação popular que ocorreu no final do ano de 1983 ao ano de 1984. Este movimento apoiava a emenda do Deputado Dante de Oliveira ¹⁹ que tinha como pretensão restabelecer as Eleições Diretas para Presidente da República no Brasil. Durante o período que aconteceu este movimento várias manifestações populares aconteceram de forma espalhada pelo País, muitas cidades brasileiras se manifestaram através de passeatas, comícios e realização de eleições simuladoras. Estes eventos populares contaram com a participação de milhares de brasileiros.

No entendimento sobre o movimento das “Diretas Já”, o historiador Marcos Francisco Napolitano de Eugênio (1995) trata sobre a questão das representações políticas no movimento “Diretas Já”. Abarcando um melhor entendimento sobre o que era e o que levou esse movimento. Eugênio (1995, p.207), nos ensina que

O significado histórico do movimento “Diretas-Já”, ocorrido entre novembro de 1983 e de abril de 1984, foi muito além dos seus resultados políticos-institucionais imediatos. Em pouco mais de quatro meses, milhões de brasileiros ocuparam as praças públicas num conjunto de gigantescas manifestações de repúdio ao regime militar, exigindo a volta das Eleições Diretas para Presidente da República.

As “Diretas Já” foi um movimento que se espalhou pelo País em busca de um novo representante político que fosse escolhido através do voto direto. Foi no final de 1983, que as oposições lançam a campanha por Eleições Diretas para Presidente da República. O movimento cresce rapidamente e aglutina todos os setores oposicionistas. Nas principais cidades do País multidões vão às ruas para pressionar o Congresso a aprovar a Emenda Dante de Oliveira, que restabelece as Eleições Diretas para Presidente.

Até se constituir enquanto emenda, na época o jovem Deputado Dante de Oliveira passou pelo longo processo. Para criação do seu projeto teve o apoio do seu pai, Sebastião de Oliveira, um honrado advogado e político udenista de Mato

¹⁹ Nascido no dia 6 de Fevereiro de 1952 em Cuiabá, Mato Grosso, faleceu em 6 de Julho de 2006. Formado em Engenharia Civil, foi Deputado Estadual 1978, Deputado Federal 1982, prefeito de Cuiabá por duas vezes (1986 e 1992), Ministro da Reforma Agrária (1986) e Governador de Mato Grosso, também por duas vezes.

Grosso. Antes mesmo de sua posse, Dante elabora uma emenda constitucional propondo Eleições Diretas para Presidente da República. É bem verdade que já existiam outras emendas tratando do mesmo assunto como a do Deputado Theodoro Mendes, porém por descaso de seus autores não estavam em tramitação. Mas havia um problema: Dante necessitava de obter assinaturas necessárias para a apresentação de uma emenda constitucional. Foi então que Dante começou a buscar as assinaturas necessárias tanto daqueles que o apoiava, como daqueles que eram do partido do regime militar.

Observamos na produção chargística de Afonso que este tem uma afinidade em seus desenhos na inserção da urna eleitoral para remeter a ideia do voto, o "símbolo" da democracia. Na imagem abaixo temos o traço do Presidente Figueiredo e uma urna eleitoral, esta implica uma fisionomia de tristeza, carência e angústia. Esse aspecto é reforçado com o discurso verbal da urna eleitoral, pedindo então ao Presidente pra lhe fazer carinho e obtendo uma negação por parte do Presidente como resposta ao gesticular com o dedo.

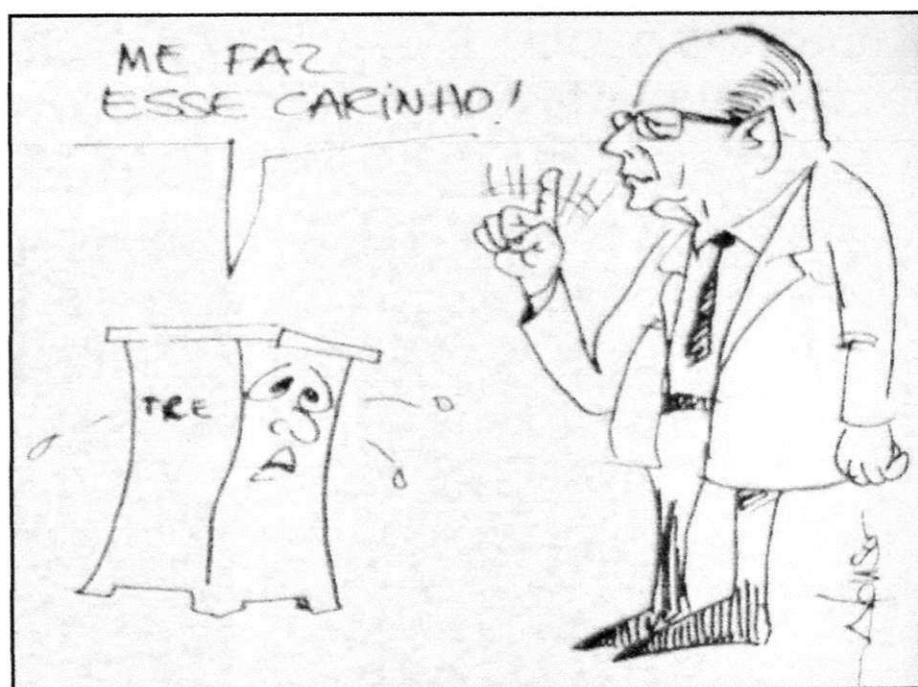


Figura 9 - DIÁRIO DA BORBOREMA 26 MAR 1983

O pedido por parte da urna eleitoral representa todos aqueles que desejavam a realização das eleições para Presidente, já apresentamos que essa era a missão de Figueiredo, porém os passos para democracia seguiam de forma lenta e isso

acarretava numa desconfiança por parte da oposição e sociedade de que as eleições não aconteceriam, então essa rejeição da realização das eleições presidenciais acarretou numa série de críticas por parte da imprensa brasileira e podemos destacar, mais precisamente as críticas humorísticas por parte da imprensa campinense em relação a esse acontecimento.

Quando da realização da entrevista com o ex-chargista Afonso, questionamos a ele como ele caracterizava o governo de Figueiredo em relação às Eleições Diretas, e ele assim se pronunciou

Este foi o único que a gente brincou os outros não tinha como, esse foi o único Presidente que a gente desenhava ele no cavalo dele, levando queda de um cavalo, pois começou a liberdade de imprensa daí a gente passou a brincar com ele, e sua feição como era fácil de desenhar ai ficava muito fácil de retratá-lo. (Entrevista concedida por Afonso no dia 20 Jul. 2011)

O chargista demonstra na sua fala que a liberdade de imprensa facilitou muito o trabalho dos chargistas na época, por isso compreendemos que as charges produzidas e publicadas na época não sofreram retaliações por parte do último governo ditatorial. Isso desemboca numa compreensão significativa deste trabalho, pois podemos analisar e compreender os desenhos tendo a ideia de que os mesmo foram produzidos de forma livre, sem restrições tanto por parte do governo como da própria linha editorial do jornal. Essa compreensão também é atribuída aos demais chargistas em análise, pois os mesmo apresentaram estes esclarecimentos que apresentamos através da fala de Afonso Marreiro.

No entanto, há que se fazer a ressalva que tais charges não foram produzidas no sentido de desconstruir, desestabilizar e muito menos, desrespeitar o regime vigente. Certamente se assim o fizesse a censura os impediria de serem publicadas, sem a menor dúvida.



Figura 10 - JORNAL DA PARAÍBA 08 JUN 1983

O País vivenciava a busca pela democratização, tomada com esperança e desejo, após tomar como uma das promessas de posse do Presidente Figueiredo de que o País passaria a ser governado novamente por um civil, assim várias esferas como: imprensa, oposição e parte da população brasileira, começa a cobrar o seu compromisso com fim da Ditadura Militar. Escolhemos abordar essa compreensão, através das charges e assim podemos fazer tal leitura a partir do traço do chargista.

Na imagem acima o chargista Keny utiliza-se de um noticiário de jornal que diz: "Militares aceitam um Presidente civil - O próximo Presidente da República poderá perfeitamente ser um civil". Assim o chargista lança mão de uma das características da charge, a ironia para criticar o enunciado da matéria. Tomando o uso de um personagem com uma expressão de desacreditado, dizendo: "conta outra, que essa não deu prá rir!", o cronista do traço ridiculariza a manchete, atribuindo para o enunciado como uma piada sem graça, mas que por trás dessa ironia existe uma crítica ao governo militar por não acreditar na promessa de transitoriedade do regime para um civil.

Questionamos em entrevista ao chargista Keny Alex, se o jornal no qual ele trabalhava fazia algum tipo de interferência sobre a charge que deveria ser publicada, ele nos afirmou que

Não, só houve em três casos, pois quando comecei ainda estava no final do Regime Militar, e que na época por ser muito novo não tinha a dimensão do que era a Ditadura Militar e uma vez ou outra fazia uns desenhos e o pessoal ligava do Quartel para o Jornal, para comentar sobre a charge, mas não aconteceu nenhum tipo de perseguição. (Entrevista com Kenyo realizada no dia 11 Abr. 2011)

O chargista nos assegura de que o jornal sempre o deixou livre para produzir suas charges, devido a sua "imaturidade" com o trabalho que exercia de chargista, recebia por algumas vezes orientações de como seguir, mesmo tendo a liberdade de expressão, esse deveria ter certo controle com suas críticas. Obviamente tal ato é "censura pura", aí do chargista se tivesse insistido em produzir charges que desagradasse o sistema, no mínimo seria demitido e preso.

As críticas sobre o regime tomaram "força", quando em março de 1983 uma emenda constitucional foi elaborada pelo Deputado do PMDB, Dante de Oliveira. O objetivo desta emenda era a realização das eleições para Presidente em 1985. No início parecia ser mais uma emenda qualquer, sem grande repercussão como gostaria o seu idealizador, porém, a ideia foi recebendo apoio popular cada vez mais forte e logo os líderes peemedebistas perceberam a potencialidade do Projeto.

Dante de Oliveira explica como surgiu a ideia da elaboração da Emenda

Durante a campanha, me chamava a atenção que, nos debates nas Universidades, nos bairros e mesmo comícios e grandes eventos, a resposta da população era muito forte quando se falava em elegermos o Presidente da República. Aquilo me marcava, era algo que tocava as pessoas. Quando me elegi, tomei a decisão: vou apresentar o projeto. Antes, fui ao Congresso, em janeiro, não tinha ainda tomado posse, fui pesquisar sobre os projetos que estariam tramitando (...) um funcionário do Senado me informou que não havia nenhum. Já haviam sido arquivados os projetos de Marcos Freire, de Quércia. Antes de iniciar a legislatura, eu já estava colhendo as assinaturas, em janeiro e fevereiro. Algumas eu consegui às vésperas de dar entrada no projeto. (...) eu estava tão ansioso para apresentar o projeto que fiquei na fila, perto do microfone, e fui o primeiro a falar. Eu tinha clareza de que o projeto seria muito discutido, por conta da sucessão presidencial. Por isso eu queria ser o primeiro a apresentá-lo. (LEONELLI, D. & OLIVEIRA, D. 2004, p.78-79)

Depois que a emenda foi aceita, o próximo passo seria a mobilização primeiramente dentro do partido do PMDB. Foram realizadas algumas reuniões onde se tinha o objetivo de discutir alguns pontos da campanha como: o objetivo, as necessidades, a justificativa política, a estrutura, etc.²⁰

²⁰ Ver a súmula desta reunião em: LEONELLI, D. & OLIVEIRA, D. 2004, p.87-89.

Não demorou muito e logo começou aparecer possíveis candidatos por parte da oposição como: Ulysses Guimarães, Leonel Brizola e Franco Montoro. Antes mesmo da Emenda Dante de Oliveira entrasse em pauta, assim a ideia das “Diretas Já” se espalhava como fogo na mata seca. A campanha pelas Eleições Diretas, encabeçada principalmente pelo PMDB, tinha como intuito de exercer pressão sobre o Congresso para alteração do sistema eleitoral. “Em 9 de junho de 1983, seguiria pelo correio, a primeira convocação oficial, com o primeiro roteiro de manifestação pública das Diretas Já, assinada por Ulysses Guimarães, Presidente, e Francisco Pinto, secretário-geral do PMDB”. (LEONELLI, D. & OLIVEIRA, D. 2004, p. 161).

Os primeiro atos públicos de 1983 foram marcados para as cidades de Goiânia (dia 15), Teresina (dia 24) e São Luís (dia 25). Vejamos o que afirmam Leonelli, D. & Oliveira, D. (2004, p.165), sobre a primeira campanha

A campanha pelas Diretas estava sendo lançada oficialmente, pelo PMDB, em Goiânia, no dia 15 de junho, de forma cautelosa, discreta e ainda em meio a discordâncias internas e muitas contradições. Muitas das ideias propostas pela Comissão encarregada de estabelecer as diretrizes do movimento não haviam sido totalmente implementadas. A campanha começava sem que a direção partidária tivesse realizado uma articulação mais profunda com Associações, Sindicatos e outros setores representativos da sociedade, cujo apoio era imprescindível. Havia também um certo descontentamento pela escolha de Goiânia para o lançamento da campanha. Muitos achavam que o marco inicial deveria ser um discurso de Ulysses na tribuna da Câmara, pela repercussão que os pronunciamentos em Brasília conseguiam nos meio de comunicação.

Essa primeira campanha surpreendeu os organizadores, o ato teve a presença de mais de 5 mil pessoas que lotaram o ginásio de esportes e obrigaram os organizadores a realizar o evento do lado de fora. Outras manifestações foram acontecendo por várias cidades do País, a campanha, foi tomando uma dimensão muito maior do que os próprios líderes do PMDB imaginavam alcançar. Então o partido do PDS, resolveu mudar de tática ao invés de rejeitar as Eleições Diretas, eles resolveram admiti-la, mas que estas deveriam acontecer mais a frente, quando o País estivesse mais “maduro”, ou seja elas deveria acontecer a longo prazo e não a curto prazo como propunha e a Emenda Dante de Oliveira. A oposição reagiu de imediato, e em resposta ao longo prazo, pensado pelo PDS firmou a expressão que seria o *slogan* da campanha: JÁ, das “DIRETAS JÁ”. Para Eugênio (1995, p.218-219), o “JÁ” no slogan do movimento

Nos indica a negação de uma dinâmica histórica constante, que se pautou pela “eterna transição”, onde as manifestações da sociedade sempre foram desqualificadas pelas elites como fora do tempo e do espaço; onde a emancipação social sempre esteve como fora do tempo e do espaço; onde a emancipação social sempre esteve colada à uma temporalidade do Estado (“o lugar da História”); onde a ação política foi sempre manipulada em nome de um passado “mítico” e congelada em nome de um “futuro” sempre adiado. As “Diretas-Já” podem ter sido uma tentativa, ainda que cheia de percalços, de vivenciar dominante na cultura política brasileira. Naqueles quatro primeiros meses de 1984, o tempo histórico se abriu num leque de possibilidades, quando “cada segundo era a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias”.

A discussão em torno das Diretas logo ia se espalhando pelo País, noticiada por parte da imprensa brasileira, nos discursos parlamentares, nas manifestações de entidades da sociedade civil ou nas conversas de bar, lá estava à discussão em torno das Eleições Diretas. O apoio por parte da imprensa não foi geral; um dos primeiros periódicos a apoiar o movimento foi o jornal *Folha de São Paulo*, a partir de dezembro de 1983 começou a publicar o “Roteiro das Diretas” e cobrir detalhes de todo o debate parlamentar, político e cultural sobre o tema.

Sabemos que esse jornal tinha como alvo principal os leitores paulistas, a campanha necessitava de um apoio e uma divulgação nacional e logo revistas como *Isto É* e *Veja*, fizeram esse papel. Na mídia televisiva o apoio não foi o esperado, Roberto Marinho dono da empresa Rede Globo, tinha uma aproximação política com o Regime Militar e não fazia parte dos seus planos, apoiar ou divulgar as manifestações das “Diretas Já”, em relação a essa discussão Skidmore (1984, p.469) assevera

Quando a campanha começou, a TV, sobretudo a TV Globo, ignorou os comícios, por instruções do governo. Mas à medida que aumentava o entusiasmo popular, as redes de televisão se deram conta que estavam perdendo importante matéria jornalística, bem como relevante evento político. Começaram então a cobrir do princípio ao fim. Subitamente, aquele poderoso veículo, que o governo explorara tão habilmente, estava ajudando a oposição. E a liderança era da TV Globo, à qual o governo militar proporcionara a oportunidade de crescer e gerar polpidos lucros. Era uma dramática demonstração de que o prestígio do governo estava declinando.

Leonelli & Oliveira (2004), afirmam que diferentemente da TV Globo a TV Bandeirantes foi à primeira imprensa visual a divulgar imagens ao vivo de um comício das “Diretas Já”, tratava-se do Comício da Sé, exatamente o último comício antes da votação da “emenda das Diretas” no Congresso Nacional. Cerca de 300 mil pessoas e vários líderes da oposição, na oportunidade, cantaram o Hino Nacional.

Apesar de contrariar a orientação governamental para não transmitir nenhum comício das Diretas, João Saad teve a corajosa decisão de por as imagens ao vivo. Medidas por parte do governo foram tomadas, em conversa com Figueiredo em Brasília, o Presidente lhe disse: “Olhe João, isso aqui é o decreto de tua televisão em Brasília. Olha o que eu vou fazer com ela”, e rasgou o decreto e jogou no cesto de lixo. (LEONELLI, D. & OLIVEIRA, D. 2004, p. 349)

Assim, a Emenda Dante de Oliveira que no início não teve muitos adeptos, foi caindo no gosto dos políticos e da sociedade brasileira, até mesmo de vários políticos que formavam o governo do regime militar o (PDS), uma exemplificação clara desta afirmação foi uma declaração de Figueiredo em Lagos, Nigéria, no dia 16 de novembro, publicada pela revista *Veja*, no dia 23 de novembro de 1983 e citado por Rodrigues (2003, p. 30), onde o Presidente Figueiredo, afirma: “Eu sou pela Eleição Direta. Eu acho que é assim que deve ser. Mas no momento não há possibilidade. Porque o meu partido não iria se conformar. Eu me conformo, mas o meu partido não iria se conformar”.²¹ Essa declaração teve um efeito bomba dentro do PDS, pois o próprio Presidente estava admitindo o desejo das Eleições Diretas e o que estava lhe impedindo era justamente o seu Partido, que tinha intenção de permanecer no poder.

Dias depois das declarações Pró-Diretas de Figueiredo, o partido do PDS tentou remediar a fala do Presidente, através do porta-voz da Presidência Carlos Átila que disse em outras palavras que Figueiredo era, pessoalmente, favorável as Diretas, mas que ele não tinha como projeto político. O próprio Figueiredo tentou concertar a interpretação equivocada do seu ponto de vista em relação a sua fala, em outra entrevista em Argel, capital da Argélia. Através do jogo de perguntas e a dificuldade que o Presidente tinha em submeter suas sinceras convicções em relação à política, nessa entrevista ele acabou reforçando o seu desejo pelas Diretas²². Assim, o depoimento do Presidente agradava a oposição e aqueles que desejavam a realização das Eleições Diretas no País.

Podemos observar na imagem abaixo, a ideia que o chargista Fred Ozanan teve ao representar esse acontecimento.

²¹ Ver trecho da entrevista em LEONELLI, D. & OLIVEIRA, D. 2004, p.288

²² *Ibid*, p.290-291

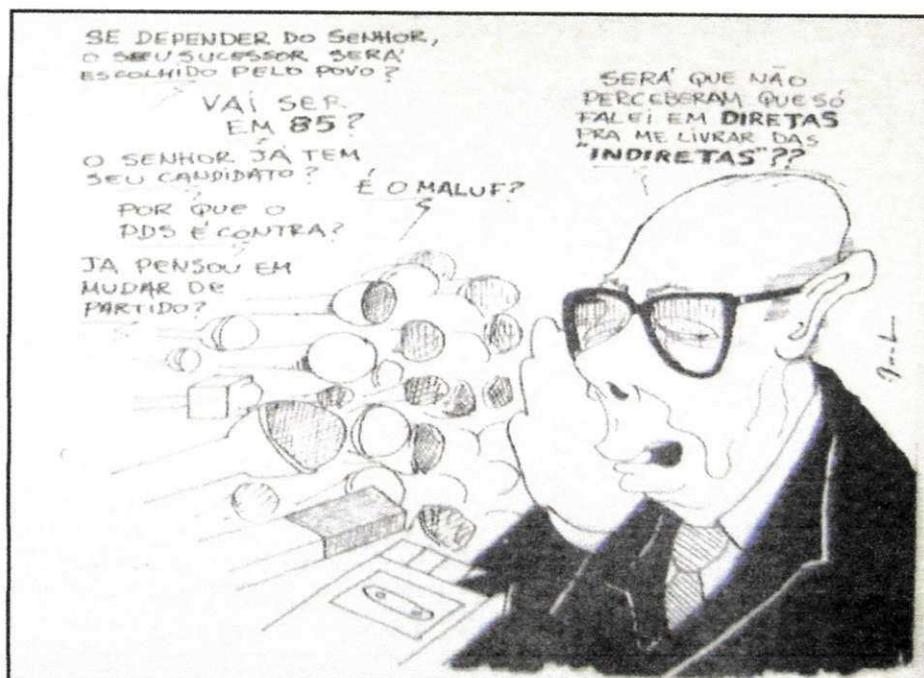


Figura 11 - DIÁRIO DA BORBOREMA 24 NOV 1983

Nesta nona charge, temos a caricatura do Presidente cercado por vários jornalistas que lançam várias perguntas ligadas as Eleições Diretas no País. Como apresentarmos anteriormente esse desenho reforça um acontecimento durante o governo de Figueiredo, em viagem para Lagos, Nigéria. O Presidente concedeu em depoimento gravado por jornalistas que era favorável a Eleição Direta, mas que não deveria acontecer no momento. Após a publicação desse depoimento, descontentando boa parte do Partido do Governo, acarretou em uma ira por parte de Figueiredo com a imprensa.

Na charge Fred ironiza a fala do Presidente, quando este tenta explicar a razão de ter afirmado ser favorável as "Diretas Já", a verdade o fez, para evitar as "indiretas" dos jornalísticos e toda a pressão que vinha sofrendo para se posicionar. Em entrevista realizada com o ex-chargista Kenny Alex, indagamos como ele observava o governante Figueiredo e seus aliados em relação às Eleições Diretas, e assim ele se expressou

Figueiredo estava à força no seu mandato, ele pegou um abacaxi que soltaram na mão dele, na verdade ele estava ali cumprindo uma missão à contra gosto por sinal e isso se percebia notoriamente, que ele estava ali pra arrumar um substituto para o seu cargo. Ele sofreu de certa forma, porque no momento em que ele governou aconteceu muitas mudanças, as críticas e a liberdade de imprensa começa aparecer aos poucos e daí por muitas vezes ele passa a ser tão cobrado. Mas eu acredito que ele desempenhou bem o seu papel como Presidente, ele tinha uma missão de

redemocratizar o País e ele fez isso, bem ou mal ele entregou o País para um civil com uma lei de anistia, enfim acredito que foi bom o seu papel como Presidente. Entre os aliados tem o Paulo Maluf, esse era visto como um vilão. No humor a gente acaba criando alguns estereótipos então quando se queria criticar alguns aspectos, a gente acabava utilizando algumas figuras emblemáticas e o Maluf era uma dessas, por exemplo, quando queríamos atacar a direita acabávamos usando o Maluf, ele facilitava tanto por ser da direita e por ter traços que deixa o desenho bem engraçado. (Entrevista com Kenny realizada no dia 11 Abr. 2011)

Podemos observar com o depoimento do ex-chargista Kenny, que nos reforça a ideia de que o Presidente Figueiredo, tinha imagem de um homem que não tinha gosto pela política, foi um dos generais menos rigoroso e ditatoriais que o regime militar presenciou. Porém foi muito polêmico, identificamos uma série de frases que caracterizam o Presidente como um homem preconceituoso e áspero. Destacamos algumas dessas frases: “Prefiro cheiro de cavalo do que cheiro de povo.”; “Me envaideço de ser grosso.”; “Sei que o Brasil é um País essencialmente agrícola. Viram, não sou tão ignorante quanto dizem”; “Eu cheguei e as baianas já vieram me abraçando. Ficou um cheiro insuportável, cheguei no hotel tomei 3, 5, 7 banhos e aquele cheiro de preto não saía”.²³

A propósito tomando de empréstimo a fala de Kenny que fez menção a Paulo Maluf, vejamos a charge abaixo por ele produzida:

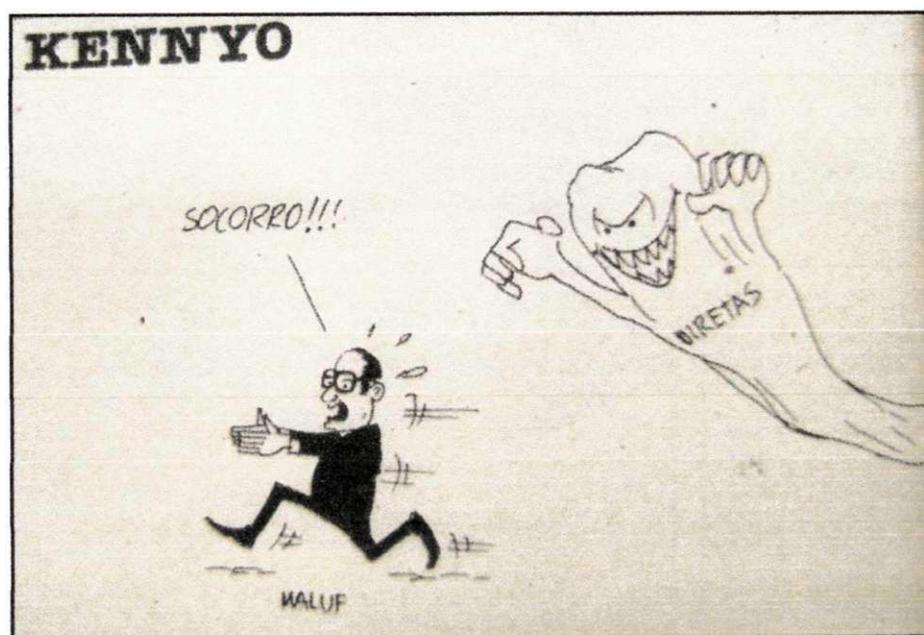


Figura 12 - JORNAL DA PARAÍBA 27 NOV.1983

²³ Essas e outras frases estão disponíveis no site: http://pt.wikiquote.org/wiki/Jo%C3%A3o_Baptista_de_Oliveira_Figueiredo Acessado em: 03 Ago. 2011

Nesta décima imagem temos a figura do Paulo Maluf correndo com medo de um fantasma que representa as Eleições Diretas e gritando com pedidos de “socorro”. A charge apresenta uma leitura bem direta e objetiva em seu contexto. Paulo Maluf se lançava como possível candidato do partido PDS para as futuras Eleições Diretas no País, este foi o candidato que o governo apoiou nas eleições realizadas pelo Colégio Eleitoral em 1984. O que Kenyo apresenta em seu desenho é o Paulo Maluf temeroso com as ações, manifestações das Diretas, para o Maluf enquadrado no desenho as Diretas era um fantasma do mau, que lhe vinha lhe perseguindo.

Outra importante figura política na época foi bastante ironizado nos traços do chargista Fred, o José Sarney:



Figura 13 - DIÁRIO DA BORBOREMA 6 DEZ 1983

Para que possamos lançar nossa leitura da imagem acima é necessário que saibamos que Sarney fazia parte do governo dos militares o (PDS), eleito Senador em 1970 e 1978, ele presidiu o partido da ARENA e seu sucessor, o Partido Democrático Social (PDS) durante o governo de João Figueiredo. Na Eleição Presidencial brasileira de 1985, descontente com a candidatura de Paulo Maluf à Presidência, Sarney retirou-se da Presidência do PDS para criar o Partido da Frente

Liberal o (PFL) e assim, construir uma Aliança Democrática com o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e concorrer à Vice-Presidência, junto à chapa de Tancredo Neves. Essa é uma apresentação rápida e objetiva da passagem de José Sarney no cenário da política durante o regime militar.

Na charge acima, temos a imagem de José Sarney, correndo para não ser alcançado por uma urna eleitoral. O chargista da voz a urna eleitoral que pede ao então Presidente do Partido PDS, que dê ouvidos aos brasileiros na sucessão Presidencial e como resposta Fred atribui a seguinte fala de Sarney: "sinto muito mas o PDS não é psicólogo!!". A ironia lançada pelo chargista em seu desenho na fala de José Sarney mostra que todos aqueles que estavam ligados ao PDS não dava voz, ouvido, atenção para realização das Eleições Diretas no País. Podemos observar nessa e muitas outras charges que essa concepção só ganha dimensão no momento em que se aproxima a votação da Emenda Dante de Oliveira.

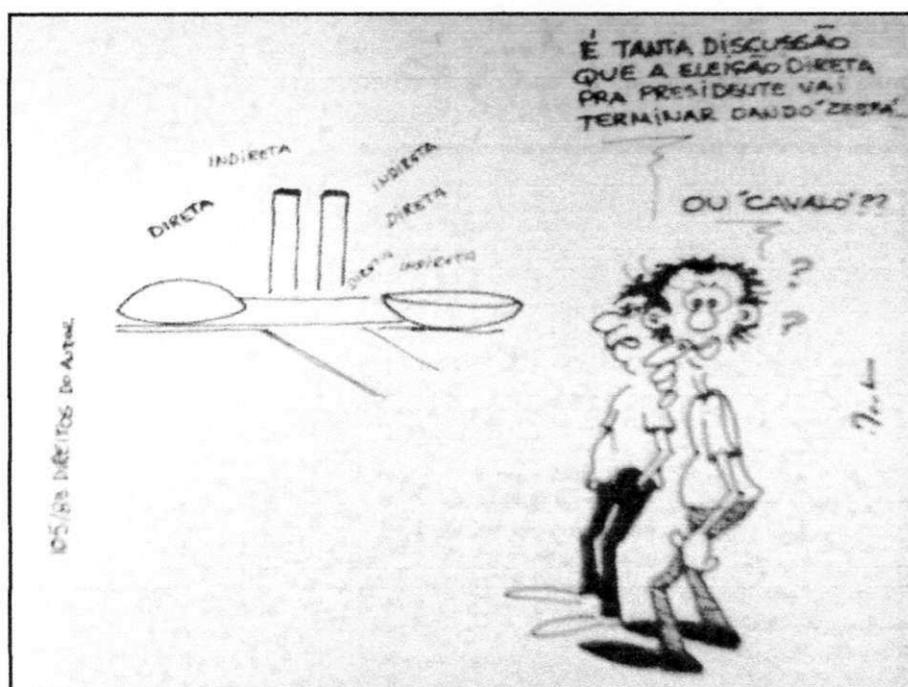


Figura 14 - DIÁRIO DA BORBOREMA 07 DEZ. 1983

A imagem acima há uma discussão em torno das eleições direta ou indireta no prédio do Congresso Nacional do Brasil, local oficial de trabalho legislativo de Senadores e Deputados Federais. Essa agitação se dá por parte dos que apóiam e dos que rejeitam a proposta de Eleições Diretas para Presidente, elaborada pelo Deputado Dante de Oliveira.

Do lado de fora provavelmente na praça dos três poderes, o chargista representa dois personagens dialogando sobre a tal discussão que sucede dentro do Congresso Nacional, um dos personagens diz: "é tanta discussão que a Eleição Direta para Presidente vai terminar dando zebra", esse ditado popular é utilizado para expressar em algo improvável de dar errado, daí quando esse improvável acontece se diz: "deu zebra", essa terminologia é bastante utilizada em adversários esportistas que são favoráveis ao título, a vitória e quando perdem para equipes ou duelos com adversários mais fracos se diz que "deu zebra". Na mesma imagem Fred satiriza tal expressão quando o outro personagem lança uma pergunta: "ou cavalo??".



Figura 15 - DIÁRIO DA BORBOREMA 08 DEZ. 1983

Na charge acima, Fred utiliza-se do período natalino para transmissão de sua ideia. A figura de Papai Noel é geralmente retratada como um homem rechonchudo, alegre e de barba branca trajando um casaco vermelho com gola e punho de manga branca, calças vermelhas de bainha branca, "toca" vermelha com pompom branco e cinto e botas de couro de cor preto. Este homem bonzinho é o responsável por alimentar a esperança e o desejo de muitas crianças ocidentais, já que segundo a lenda o Papai Noel, traz presentes aos lares de crianças bem-comportadas na noite da Véspera de Natal, o dia 24 de dezembro. O ato de enviar cartas ao Papai Noel

com pedidos de presente, faz parte do “ritual”, ou seja, os pais da criança lêem as cartas, e com a condição de serem bem comportadas durante o ano, recebem o presente como sendo de autoria do Papei Noel.

Assim o chargista utiliza-se dessa compreensão e atribui um caráter humorístico para tal contexto. Na imagem ele apresenta o Papai Noel com aspecto de tristeza, decepção, frustração. Ao ler a lista de pedido de presentes do povo brasileiro. A ironia lançada por Fred se encontra nos pedidos feitos por parte dos brasileiros ao bom velhinho, tais como: “feijão, casa própria, pão, Eleição Direta para Presidente, emprego...”. São pedidos de alimentação, trabalho, moradia e até mesmo uma mudança na conjuntura política do País, no caso as Eleições Diretas para Presidente. O chargista finaliza seu desenho atribuindo na fala do Papai Noel: “puxa, assim não dá! O brasileiro tem cada pedido esquisito...”. Essa frase conclui a ironia lançada pelo chargista, onde ele apresenta a insatisfação com os tipos de pedidos que chegam até ele, do povo brasileiro.

Abaixo, uma charge com um dos principais defensores da luta pelas “Diretas Já”, o Deputado Federal Ulysses Guimarães, o Senhor das Diretas.



Figura 16 - DIÁRIO DA BORBOREMA 18 DEZ. 1983

Ulysses Guimarães é considerado um dos principais políticos do Brasil. Ele foi uma das principais figuras da campanha pelas Eleições Diretas para Presidente. Em

entrevista concedida a Folha Online, FHC (Fernando Henrique Cardoso), Ex-Presidente do Brasil, afirma que Ulysses

Era o chefe indiscutível das oposições. Ele tinha todo o partido na mão. Era muito respeitado em razão de uma coragem, que não tinha paralelo. Ele foi o anticandidato de 1973 e era responsável pelos discursos mais contundentes. Ulysses não falava sobre problemas sociais ou econômicos. Sua especialidade eram as questões institucionais, e não havia momento melhor para se falar no tema do que aquele. Ninguém discutia o que ele dizia. Ele era o grande senhor das ruas. Senhor das Diretas, da pregação consistente e persistente.²⁴

Na charge acima temos a imagem de Ulysses se trajando de Papai Noel, de braços cruzados, batendo o pé e assoviando, com aspecto de tranquilidade e realizando a entrega do presente natalino na provável sala de Presidência de João Baptista Figueiredo. O destaque da charge, levantado pelo chargista Fred é justamente ao tipo de presente que o Papai Noel (Ulysses) está entregando ao Presidente, uma urna eleitoral. Um presente sugestivo para que o Presidente não esquecesse, nem tão pouco deixasse de apoiar o pleito das Eleições Diretas para Presidência no ano de 1984.

Neste capítulo tivemos por objetivo apresentar e discutir algumas das charges que foram publicadas até o ano de 1983 nos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba. Para uma compreensão significativa das imagens, nos apoiamos em uma pesquisa bibliográfica ligada ao tema das “Diretas”, as discussões presentes nas páginas dos jornais bem como as entrevistas realizadas com os cronistas do traço da época contribui para estas leituras visíveis. Assim apresentamos neste capítulo algumas das charges que remete a ideia de uma busca pela redemocratização no País.

No capítulo a seguir, apresentamos as charges publicadas no ano de 1984, nelas podemos observar através do olhar dos chargistas o efervescimento da campanha Pró-Diretas, a visão do chargista em relação ao dia da votação da Emenda Dante de Oliveira e após o resultado que culminou na “busca” de um representante civil para Presidência da República no Brasil.

²⁴ Informações obtidas do site: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u451402.shtml>> Acessado em 10. Jan. de 2012.

CAPÍTULO 3

A hora da (D)ecisão: No traço dos chargistas do Diário da Borborema e do Jornal da Paraíba

O Congresso Nacional é olhado hoje por toda a Nação, e ele não pode trair o desejo desta nação, (...) no dia em que fizer isso, estará dando *um tiro no ouvido da democracia...*

Dante de Oliveira, 25 de Abril de 1984

3.1 As campanhas Pró-Diretas

Ao longo do ano de 1984 e com o passar dos dias cresce a mobilização e discussão em torno das “Diretas Já”, surgiam, por todo o País, novos comitês e novos adeptos a campanha. Segundo Leonelli & Oliveira, (2004, p.379), no mês de janeiro de 1984

O Brasil inteiro mobilizava-se pelas Diretas, com manifestações pipocando por todo País, sempre com a afluência de um grande número de pessoas. No Nordeste, depois do sucesso do comício de Salvador, as principais cidades da região entraram com tudo na grande mobilização pelas Diretas. Em João Pessoa, dia 26, 10 mil pessoas compareceram ao comício realizado na Praça da Lagoa pelo Comitê Teotônio Vilela, formado pelos Partidos da oposição e entidades da sociedade civil.

No mês de janeiro de 1984 aconteceram uma série de comícios e manifestações que cresciam cada vez mais com o passar do tempo. Nas praças, nos bares, nos locais de maior movimentação dos grandes centros urbanos, havia sempre uma manifestação, um ato público a favor das “Diretas Já”.

Diante de tamanha efervescência cívica e popular, os chargistas tentaram retratar o período e as expectativas do momento, como ilustram a charge abaixo.



Figura 17 - DIÁRIO DA BORBOREMA 12 JAN. 1984

Nesta charge temos a imagem, de um lado, dos manifestantes, o povo reivindicando através de faixas: “Diretas Já”, e do grito: “Exigimos Eleição Direta!!” e da representação simbólica do voto, a urna eleitoral, anseio do povo pela realização das Eleições Diretas para Presidente. O desenho representa a tentativa do chargista Fred em apresentar um aglomerado de pessoas em Pró das Diretas Já, como já informamos o início de 1984 é marcado por uma série de manifestações espalhadas por todo o País e assim crescia a mobilização e discussão em torno das “Diretas Já”.

No outro lado temos na imagem, o cenário político do País em segundo plano o prédio do Congresso Nacional e no primeiro plano um parlamentar, trajando-se de cartola, sorridente e puxando os fios do seu bigode, aspectos de um falso político, aquele que tenta manipular o povo e a sociedade com suas falsas promessas de campanha. A charge apresenta uma visão de uma política depreciativa, manipulada pela corrupção, pela compra de votos e de que tudo termina do mesmo jeito.

Como afirma Leonelli, D. & Oliveira, D. (2004, p. 337), “Nos bares, nos restaurantes, nos locais de maior movimento dos grandes centros urbanos, havia sempre alguma manifestação, uma votação simbólica, um ato público a favor das Diretas”. Isso demonstra o crescimento do movimento, a participação e repercussão que o mesmo vinha obtendo no cenário da política no País.



Figura 18 - DIÁRIO DA BORBOREMA 22 JAN. 1984

A imagem acima apresenta o Presidente Figueiredo sentado numa cadeira e ambos estão sobre as características que dão forma ao recorte geográfico do País. Dando um aspecto de vida ao País (recorte geográfico), ele vai dando soco e palavras (Diretas) vão aparecendo em torno de Figueiredo.

No desenho o chargista Fred, elabora o traço do Presidente como uma pessoa irritada. Enraivecida, zangada. Pelo fator de tanto escutar e ouvir o termo: "Diretas" por parte do povo e da oposição. Acrescenta Leonelli, D. & Oliveira, D. (2004, p. 320): "A campanha das Diretas prosseguiria e até o final daquele mês de dezembro já estaria sendo classificada como perturbadora da ordem pelo próprio Presidente Figueiredo". Essa atribuição a nível nacional sem dúvidas influenciou o chargista na produção dessa imagem.

Perguntamos em entrevista ao chargista Kenno, como ele analisaria as ações das pessoas que reivindicaram as Eleições Diretas para o País, ele assim asseverou

Trata-se de milhares de pessoas em torno de uma ideia, mas que por ser tão deficitada se tornou perigosa. Porque o País estava imaturo em relação às eleições. Acho que deveria ter um tempo para saber quem é quem, saber as ideias de cada lado e não teve. Era uma coisa de mudança para o amanhã, rápido assim vejo a reivindicação das Eleições Diretas. (Entrevista com Kenno realizada no dia 11 Abr. 2011)

Vale observar na fala do chargista uma forte resistência até mesmo, medo, do que poderia significar para o País as Eleições Diretas. É importante fazer esse registro, pois tal pensamento estava e muito em consonância com o imaginário da época, nutrido, sobretudo, por um forte medo da mudança da transformação do quadro e da situação política.

Na imagem abaixo o chargista Kenyo, traz como tema de discussão os comitês Pró-Diretas. Espalhados por todo País, estes tinham a missão de divulgar a luta pelas Diretas através da realização de comícios e incentivar a participação popular bem como obter adesão de novos políticos para campanha das Diretas.



Figura 19 - JORNAL DA PARAIBA 26 JAN. 1984

O chargista utiliza-se de um personagem para ironizar sobre uma manchete: "Comitê realiza comício pelas Eleições Diretas". Ao mesmo tempo em que o chargista se utiliza da ambiguidade, deixando o leitor em dúvida se o mesmo está apoiando ou criticando a realização de comício, pois a fisionomia do seu personagem é representado com aspecto de desprezo e nostalgia enquanto o seu discurso verbal tenta transmitir outra ideia, por isso o caráter ambíguo na transmissão da ideia da charge.

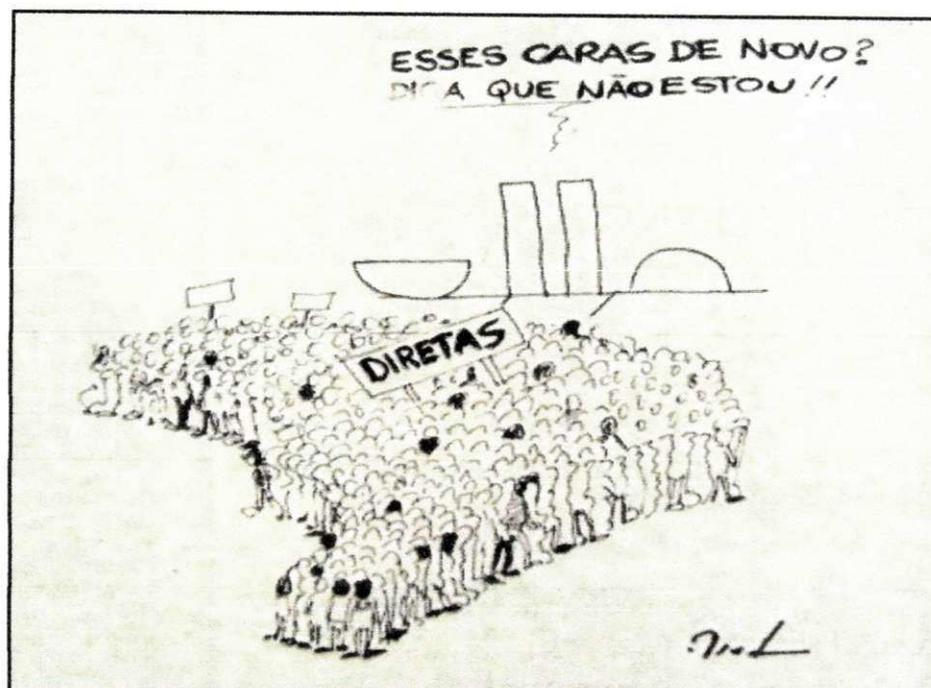


Figura 20 - DIÁRIO DA BORBOREMA 27 JAN 1984

De acordo com a charge acima podemos observar através do traço a repercussão nacional que este movimento passa a possuir. Apresentando um conjunto de manifestantes que se forma através do simbolismo, o recorte geográfico do País. A imagem nos fornece dois elementos que tem uma representatividade muito forte no cenário político brasileiro: o Congresso Nacional do Brasil²⁵ e a demarcação geográfica do Brasil, representada através de um ajuntamento de pessoas expresando o desejo pelas Eleições Diretas.

Desde os anos 60, o Congresso Nacional tem sua sede em Brasília. Como a maioria dos edifícios oficiais na cidade, o edifício do congresso foi projetado por Oscar Niemeyer, que segue o estilo da arquitetura brasileira moderna. A semi-esfera à esquerda é o assento do Senado e o hemisfério à direita é o assento da Câmara dos Deputados. Entre eles há duas torres dos escritórios.

²⁵ É o órgão constitucional que exerce, no âmbito federal, as funções legislativa e fiscalizatória do Estado Brasileiro, como funções típicas. Exerce, ainda, duas outras funções atípicas: administrar e julgar. O Congresso Nacional é bicameral, sendo composto por duas casas: o Senado Federal e a Câmara dos Deputados. Isso ocorre em razão da forma de Estado adotada pelo País: o federalismo. Assim, o Senado Federal representa os Estados-membros, e os seus integrantes são eleitos pelo sistema majoritário. A Câmara dos Deputados representa o povo, sendo os seus membros eleitos pelo sistema proporcional.

O Congresso ocupa também outros edifícios vizinhos, alguns deles interconectados por um túnel. O edifício é situado no meio do eixo monumental a principal avenida da capital brasileira. Na frente dele há um grande gramado, onde acontecem passeatas, protestos e outras manifestações públicas. Na parte de trás do edifício, se encontra a Praça dos Três Poderes onde estão o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal.

Como já apresentamos esse cenário que compõe a imagem acima é onde se encontra os representantes políticos do povo brasileiro. Na charge o humorista transmite a ideia de que o povo brasileiro deseja e quer as Eleições Diretas, com isso ele se utiliza de um espaço bastante utilizado entre as manifestações públicas para tratar do tema, Eleições Diretas. Mostrando o grupo Pró-Diretas em reivindicação aos seus representantes políticos, em frente ao Congresso Nacional. Como resposta a manifestação o cronista do traço elabora a seguinte frase: "*Esses caras de novo? Diga que não estou!!*", essa fala mostra o "cansaço" por parte do governo militar em relação as manifestações do movimento das "Diretas Já".

Dessa forma está é uma representação cômica daqueles que desejam as Eleições Diretas, e daqueles que recusava a apoiar a vontade popular, já que na imagem os manifestantes se forma com as demarcações geográficas do País, nos remetendo a compreensão de que o povo brasileiro desejava as Eleições Diretas para Presidente.

A charge abaixo é uma representação caricaturada do Presidente Figueiredo, os elementos que compõe a imagem dessa charge se dar num cenário de um banheiro, composta ainda pela presença de um vaso sanitário, a descarga do vaso, uma urna de votação que está dentro do vaso e a figura do Presidente Figueiredo dando descarga no vaso sanitário no "desejo" de que a urna vá para o esgoto. A representação contida nessa charge é uma ironia do chargista Fred, quando ele apresenta na fala do Presidente "*Em 84 nem todos os sonhos serão verdade...*", essa fala contradiz com a sua ação traçada pelo chargista.



Figura 21 - DIÁRIO DA BORBOREMA 02 FEV. 1984

Acompanhamos durante o nosso levantamento sobre o contexto da época, que o Presidente mantinha a promessa desde que assumiu a Presidência, de promover o processo de redemocratização do País, mas o chargista resolve ironizar essa promessa com a postura do Presidente em dar descarga na urna, que é um símbolo do processo de redemocratização, onde através dela o povo escolheria o seu próximo representante político, a postura traçada no desenho do Presidente é de um homem que não desejava atender a vontade do povo.

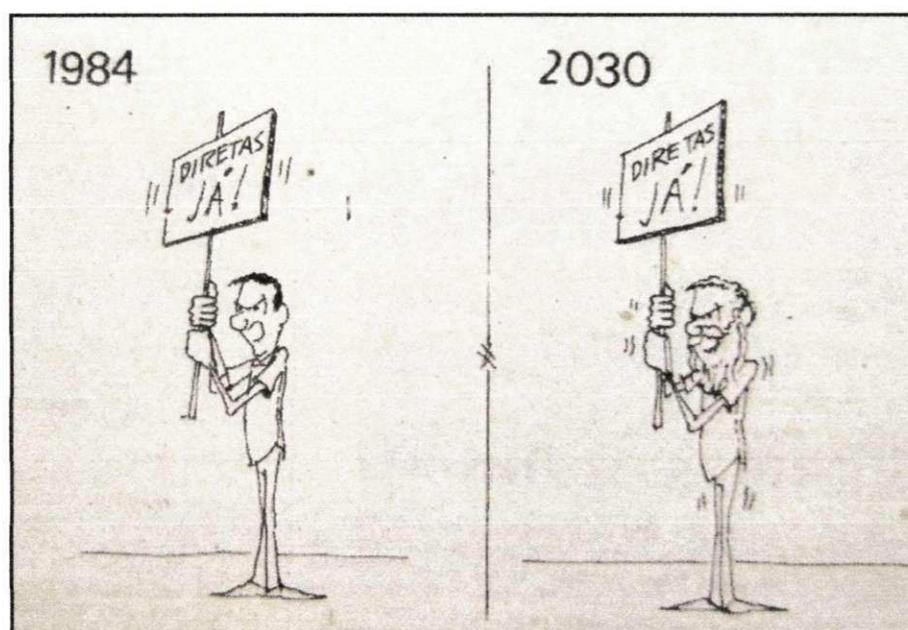


Figura 22 - JORNAL DA PARAÍBA 24 MAR. 1984

No quadro acima o chargista elabora o desenho em dois momentos distintos no primeiro momento observamos a imagem de um manifestante com aspecto físico de um homem jovem, segurando uma placa das "Diretas Já", o ano reportado é o de 1984, esse foi ano que efervesceu as manifestações e a campanha Pró-Diretas. No segundo momento o cronista do traço elabora a imagem do mesmo manifestante, com uma diferença, trata-se do ano de 1930 e com isso o manifestante já apresenta uma fisionomia de velhice.

A crítica levantada pelo autor do desenho é referente à "luta" pelas "Diretas Já", ele transmite a informação ao seu leitor de que essa luta não vai levar a nada, ou seja, os anos vão se passar e o pleito pelas Eleições Diretas para Presidência não vão acontecer e tudo vai acabar se tornando numa "batalha" sem fim.

Já na charge abaixo é possível observar o Presidente Figueiredo caricaturado de clarividente, juntamente com outro personagem do chargista que representa um homem trabalhador. O Clarividente ou Mèdium é a pessoa que tem a capacidade para ver objetos e acontecimentos situados fora do alcance da visão normal. O simbolismo, o significado da bola de cristal é usado para adivinhar o futuro, interpretando as imagens que surgem na superfície dos cristais;



Figura 23 - DIÁRIO DA BORBOREMA 11MAR 1984

Então o chargista utiliza-se dessa comparação cômica do Presidente Figueiredo no papel de um clarividente para ironizar o processo de redemocratização no País, já que este prometeu a reação brasileira que o próximo representante político não seria mais um militar, após vinte anos de ditadura militar o próximo representante seria um civil: Através dessa colocação o chargista resolve ironizar toda essa situação, colocando um trabalhador brasileiro na sua crença astrológica e sobrenatural de fazer um questionamento sobre o futuro que apenas poucas pessoas têm esse “dom” e atribuindo uma qualidade humorística ao desenho, ele caricatura o Presidente no papel de clarividente.

A pergunta do trabalhador é: “O próximo Presidente será mesmo um civil?”, e ironicamente o clarividente que vai responder essa pergunta é o atual Presidente, sua resposta é: “Ainda não sei... Huumm... deixe-me consultar as “estrelas”...”. A interpretação que fazemos quando na fala do Presidente diz que vai consultar as estrelas nos remetemos aos generais, pois estes são representados pelas condecorações simbólicas de estrelas, então compreendemos que quando o chargista cria a caricatura do Presidente Figueiredo como um homem confuso que precisa consultar os demais generais para o processo de abertura política demonstra o seu pouco poder político e de comando junto aos seus superiores.

Por se tratar de Figueiredo como clarividente, o chargista Fred, coloca-o como um clarividente confuso que não consegue responder, pois essa é a imagem que o chargista resolve representar do então Presidente Figueiredo em decorrência de sua demora em relação ao processo de “abertura política”, fazendo com que o cronista do traço critique-o.

Em entrevista realizada com o chargista Fred Ozanan, indagamos como ele caracterizaria o governante Figueiredo, e ele assim formulou

O Figueiredo eu acompanhei muito pouco a sua trajetória, no que eu pude presenciar eu achava ele um cara que no fundo tinha um ato de sinceridade, porque ele dizia que ia fazer a transição de forma lenta e gradual, e foi o que aconteceu. Os outros Presidentes generais antes do Figueiredo eu considero como mão de ferro, e ele foi mais leve, a própria imprensa circulava mais fácil. Mas, eu não sei sobre esse assunto a fundo, pois uma coisa é você vivenciar o momento e a outra é você ler naquela época e eu li mais do que acompanhei. (Entrevista com Fred realizada no dia 21 Mai. 2011)

A visão que “hoje” é apresentada pelo chargista Fred, em relação ao Presidente Figueiredo é a de alguém com a missão cumprida, mas podemos

observar em seus traços de que havia uma dúvida consistente se realmente o País voltaria a ser uma democracia.

Na imagem abaixo é apresentado o traço de João Baptista Figueiredo, com um aspecto de tristeza, cansaço dentro de uma canoa, espécie de pequeno barco. Dando voz ao Presidente no desenho ele diz: "juro que levarei o barco até o fim 357 dias, 8 horas, 13 minutos...". A data marcada para entrega do "novo" Presidente 15 de março de 1985 e que de fato aconteceu, onde José Sarney assumiu interinamente a Presidência devido às complicações de saúde do então Presidente eleito Tancredo Neves.



Figura 24 - DIÁRIO DA BORBOREMA 23 MAR. 1984

A crítica levantada por Fred se encontra no barco do Presidente, este transporte fluvial é metaforicamente o governo, o mandato do Presidente Figueiredo. Podemos observar ainda na imagem a frase escrita: "farei deste barco uma democracia", essa é uma promessa de posse do governante é que mais uma vez identificamos a crítica do cronista do traço em relação a essa questão, reforçamos nossa compreensão na leitura da imagem quando o chargista apresenta uma fissura, um buraco no barco do Presidente, o que pode acarretar num barco naufragado e com isso o Presidente não concluiria o seu mandato e nem ao menos iria cumprir a promessa de transformar o Brasil novamente em uma democracia.

Inteligentemente o chargista batiza o buraco de abertura, ou seja, abertura política e o conseqüente processo de redemocratização poderiam colocar o governo militar e o próprio regime em risco, em perigo de queda, naufrágio, assim necessário se faz evitar a abertura, jogar o buraco para proteger o poder instituído.

Já no desenho abaixo o tema abordado é o sonho daqueles que “lutaram” pelas Eleições Diretas para Presidente.



Figura 25 - DIÁRIO DA BORBOREMA 25 MAR. 1984

O chargista elabora o quadro em dois momentos, no primeiro o personagem aparece com uma urna eleitoral, vestindo a camisa das “Diretas Já” e afirmando através da linguagem verbal: “eu quero votar pra Presidente!!”, até esse momento nada de novo, este era um pedido que se espelhava por todo País devido ao apoio e as realizações dos comícios.

No segundo momento o chargista demonstra o seu personagem cabisbaixo, triste, chorando e jogando fora um dos símbolos da democracia, a urna eleitoral, o chargista ainda atribui uma resposta para afirmação apresentada no primeiro quadro, “... só que os “homens” não deixam...”. Com isso a intenção do chargista é mostrar que apesar do desejo e da vontade popular em Pró das Diretas, acaba ficando na mão daqueles que detém o poder, o regime militar.

3.2 O Mês “D” da Democracia

É chegado o momento de sabermos se o País votaria novamente a uma democracia, após vinte anos de regime, os brasileiros poderiam escolher e eleger seus representantes políticos. O mês de abril é marcado pela forte presença de manifestações bem como da esperada aprovação da Emenda Dante de Oliveira que seria votada pelo Congresso Nacional

Em abril, a mobilização pelas “Diretas Já” incendiou o País com manifestações grandiosas que superaram todas as expectativas. Os comícios emocionavam até os políticos mais experientes. Se durante toda a campanha o público aumentava a cada manifestação, em abril, os números bateram todos os recordes. Oitenta mil pessoas em Recife. Cem mil em Natal. Duzentas mil em Porto Alegre. Trezentas mil pessoas em Goiânia. Um milhão no comício do Rio. Um milhão e meio na grande passeata de encerramento da campanha, dia 16, em São Paulo. (LEONELLI & OLIVEIRA, 2004, p.469)

Passamos a visualizar e analisar as charges que consideramos mais expressivas, publicadas nos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba no mês de abril de 1984, que cobre exatamente esse período de tanta efervescência política e alegria e adesão popular.



Figura 26 - DIÁRIO DA BORBOREMA 01. ABR. 1984

A charge acima é uma representação caricata do Presidente João Baptista Figueiredo. Nessa imagem temos o Presidente Figueiredo segurando no braço esquerdo uma urna e com a mão direita segurando uma placa, com a seguinte mensagem: "Diretas Já Agora!!", a ironia do chargista está justamente na data da publicação da imagem, o dia primeiro de abril.

O dia 1º de abril é folcloricamente compreendido como o dia da mentira no Brasil. Na charge, Fred resolve utilizar dessa data para criticar, através do humor, a postura que o Figueiredo vinha apresentando com a sociedade brasileira em relação ao movimento das "Diretas Já". Após o leitor ter o primeiro contato com o texto visual ele pode ter a impressão que Figueiredo estava apoiando as eleições e que naquele momento ele iria realizar as Eleições Diretas para Presidente, isso porque ele aparece na charge segurando uma placa com a palavra "Já" estando cortada com um "xis", dando um novo sentido a frase: "Diretas Agora" e um dos símbolos da democracia, a urna de votação estava em baixo do seu braço esquerdo.

Mas, logo em seguida, o leitor da charge vai poder identificar a "mentira", e a peça pregada pelo chargista, pois Fred ressalta com o texto escrito no final da charge: "Espere!! Não corra atrás de seu título eleitoral, convém lembrá-lo que hoje é o dia da mentira". Assim o cronista do traço concebe sua charge a partir do dia da mentira sem esquecer, de criticar a postura de Figueiredo em relação às Eleições Diretas, ou seja, alguém que tenta ludibriar a nação como uma promessa, até mesmo com um compromisso que ele mesmo sabia, não poderia ou não queria cumprir.

Na imagem abaixo temos a caricatura do Paulo Maluf, este que apoiava o governo militar, declarava abertamente que não desejava as Eleições Diretas, conseguiu rachar o PDS, pois muitos eram contrários a sua candidatura à sucessão presidencial. Com isso, alguns membros do Partido acabaram saindo e passaram a apoiar a oposição ao regime, como foi o caso e José Sarney. Maluf recebeu o apelido de "malufar", devido a suas formas maquiavélicas de alcançar e conseguir os seus objetivos acabou tendo o apoio do então general Figueiredo, porém não teve o mesmo sucesso com o Colégio Eleitoral e assim acabou sendo derrotado por Tancredo Neves. Para Rodrigues (2003, p.24 apud PULS, Maurício. 2000, p.8-9.)

Maluf contribuiu para derrotar a emenda das Diretas e impediu que as facções do PDS chegassem a um nome de consenso à sucessão. Rachou o

partido, mas foi escolhido candidato a Presidente. Inspirou a criação do verbo "malufar", usado pelos adversários em sentido pejorativo. Passou então a personificar a continuidade de um regime rejeitado pela maioria da população, tornando-se o político mais odiado da época. Metade do PDS abandonou o partido e decidiu apoiar Tancredo Neves, do PMDB



Figura 27 - JORNAL DA PARAÍBA 11ABR. 1984

Na charge acima, Paulo Maluf é apresentado como um dos principais políticos contrários as Eleições Diretas para Presidente. No desenho o chargista utiliza-se do jogo de palavras pra dar um tom satírico ao desenho, observamos que existe um muro pichado por aqueles que reivindicavam as Eleições Diretas através do slogan "Diretas Já". Com isso Kenyo caricata a imagem de Maluf com a fisionomia de travessura, complementando a frase com um balde de tinta e pincel na mão, "Diretas Jamais".

A imagem abaixo tem como cenário, o Congresso Nacional do Brasil. Os elementos que compõe esse quadro são: um manifestante deitado, com um travesseiro na cabeça, com a feição de sono, segurando uma placa com o nome "Diretas Já!", trajando uma camisa com a seguinte frase: "eu quero votar pra Presidente", além de uma caixa de calmantes, comprimidos pelo chão e provavelmente um copo de água na mão.



Figura 28 - DIÁRIO DA BORBOREMA 12 ABR. 1984

A crítica levantada por Fred é referente ao cansaço e a raiva do povo que participavam das várias manifestações em defesa das Eleições Diretas no País e nada era decidido nem ao menos tinha a certeza de que a Emenda Dante de Oliveira seria aprovada. Para controlar essa angústia o chargista apresenta um manifestante dopado por calmantes, dormindo com os olhos quase que fechados.

Entendemos que a mobilização Pró-Diretas foi além das ruas, essa chegou a tomar conta dos estádios de futebol, torcidas organizadas como a do Corinthians e do Flamengo, levaram camisetas e bandeiras das Diretas para os estádios. A torcida do Flamengo criou o Fla-Diretas, a do Corinthians tinha o apoio do seu grande ídolo Dr. Sócrates, um dos maiores defensores das Diretas. O placar eletrônico do estádio do Maracanã no dia do jogo entre Flamengo x Santos, mostrava o slogan: "DIRETAS JÁ". Uma verdadeira união entre os diversos setores da sociedade em torno das Eleições Diretas no País. Para Skidmore (1984, p. 469)

A campanha das Diretas concentrava-se agora na votação da emenda, marcada para o fim de abril. Sendo emenda constitucional, precisava de dois terços dos votos da Câmara e do Senado, o que parecia impossível. Afinal de contas, o PDS controlava quase metade das cadeiras na Câmara dos Deputados (235 das 479) e bem mais da metade (46 das 69) no Senado. Mas as fileiras do PDS estavam começando a cindir-se. Governadores e Deputados do partido do governo individualmente estavam apoiando a emenda, encorajando os seus defensores. De repente a pergunta que se fazia a cada parlamentar era sobre a sua posição quanto à emenda Dante de Oliveira.

O governo observou o acelerado crescimento da campanha em torno das Diretas e não ficou impossível quanto a isso, um jogo de estratégias e medidas começava a se formar para derrubar a Emenda Dante de Oliveira, uma das primeiras medidas veio por parte dos ministros Walter Pires, Maximiano da Fonseca e Délio Jardim de Mattos, estes levaram ao Presidente um relatório alertando do perigo que a campanha pelas Diretas poderia ocasionar ao governo, para os ministros essa mobilização era inspiração comunista e deveria ser combatida.

Para Leonelli & Oliveira (2004, p.394) os manifestantes; "já estavam colocando em perigo a segurança nacional e que o avanço das esquerdas exigia uma reação imediata das forças políticas, ligadas ao governo, para assegurar a manutenção do Colégio Eleitoral". Essa era apenas uma manobra por parte dos ministros em forçar o Presidente acabar com a Emenda Dante de Oliveira e preservar a eleição pelo sistema indireto. O que acontece é que parte do governo dos militares não aceitavam as Diretas e estavam dispostos a interferir de qualquer forma nesse tipo de eleição.

A segunda medida foi à criação de uma emenda restabelecendo as Eleições Diretas para Presidente a partir de 1988. A emenda do governo ainda incluiria outros pontos na tentativa de atrair a oposição como

A alteração em outros 37 artigos da Constituição. Reeleição para Presidente e Governadores sem necessidade da desincompatibilização, Eleições Diretas para os Prefeitos das capitais em 1986, fim do poder Executivo de legislar sobre as normas tributárias através de decretos-leis, estabelecimento de sessões secretas para apreciação de vetos do Presidente da República e outros pontos que ampliavam os poderes do Legislativo, especialmente elaborados para agradar os Deputados e Senadores. (LEONELLI & OLIVEIRA, 2004, p.507)

Com essa estratégia o Presidente dava "um passo atrás para dar dois à frente", era 16 de abril o governo tinha menos de dez dias para obter o apoio do máximo de Deputados possível. Segundo o pedessista mineiro Israel Pinheiro o Pró-Diretas do PDS contava com apoio de 64 Deputados. No final apenas 55 pedessistas honrariam seus compromissos com as "Diretas Já", por causa da manobra do governo militar, no dia 25 de abril, dia da votação da Emenda Dante de Oliveira, aconteceram ausências, abstenções e votos contrários, numa clara posição de boicote ao projeto em tela.



Figura 29 - DIÁRIO DA BORBOREMA 19 ABR. 1984

A imagem que podemos observar acima traz como abordagem referente à segunda medida apresentada pelo governo na tentativa de derrubar a Emenda Dante de Oliveira. Nela o chargista apresenta o traço caricaturado do Presidente Figueiredo com uma fisionomia de alegria ou até mesmo de zombaria, após dar outro sentido à frase pichada por manifestantes Pró-Diretas, ao escrever: “em 1988!!” Fred mostra aos leitores que o governo apresenta uma nova data para democracia no País e que os brasileiros teriam que aguardar mais quatro anos para retomar a democracia no País.

3.3 O Dia “D” da Democracia

Chegou à hora! Em Brasília, o dia da votação da Emenda Dante de Oliveira, 25 de Abril de 1984. As atenções da imprensa nacional, assim como todos aqueles que reivindicaram maciçamente nos últimos seis meses, estão com os olhares voltados para Brasília, o centro dos acontecimentos dos quais vai depender a reintegração do País com o sistema democrático. O clima de nervosismo foi tomado no Congresso Nacional, sobretudo em face das medidas de emergência

desnecessariamente decretadas pelo governo, com o fim precípua de amedrontar alguns parlamentares indecisos quanto à posição na votação da Emenda.

A consulta popular no período de preparação da opinião pública que precedeu a votação da Emenda Dante de Oliveira, mostrou claramente as inclinações do povo, que deveriam ser respeitadas. O povo brasileiro demonstrou a sua vontade de implantar no Brasil o retorno a democracia, e isso provocou nos parlamentares uma profunda reflexão sobre “como votar”, o que decidir como equacionar a fórmula de vontade popular com o poder e os interesses vigentes. Essa era parece-nos a grande questão.

A charge abaixo demonstra esse anseio popular, o chargista faz uma ironia aos conhecidos pedidos de chuva que acontecem aos santos religiosos, principalmente a São José onde muitas famílias sertanejas se reúnem em atos de devoção ao santo da chuva no dia de São José, 19 de março, com pedidos de boas colheitas. Podemos observar no quadro: um homem sertanejo, com camisa quadriculada, sandália e chapéu de couro, num cenário do “típico sertão nordestino”, onde está presente a imagem do mandacaru, e de nuvens que “despejam” água sobre o solo do sertão.



Figura 30 - DIÁRIO DA BORBOREMA 23 ABR. 1984

A ironia do chargista está no pedido do homem sertanejo no pedido de chuva do sertanejo a um santo religioso, obtendo o seu pedido aceito, pois na imagem podemos identificar a presença da chuva, o santo questiona: "Algo mais?", e na ironia do chargista ele apresenta o seu personagem na realização de mais um pedido: "Só as Diretas... Já !!". Esse pedido do sertanejo retratado na charge se torna interessante pois assim temos a dimensão que este movimento não se restringiu as regiões Sul e Sudeste do País, podemos reforçar nossa fala quando destacamos o seguinte titulo da matéria do Diário da Borborema (14, Mar. 1984): "Comício pró-direta ainda repercute em todo o Sertão". O movimento "Diretas Já" também repercutiu no Estado da Paraíba e não apenas nas grandes cidades como: Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Brasília, Salvador, entre outras.

No sertão paraibano cidades como: Patos e Sousa também tiveram um destaque na imprensa do Diário da Borborema em relação às manifestações em Pró-Eleições Diretas, acreditamos que outras cidades participaram em defesa das Eleições Diretas, no entanto não identificamos nas páginas do Diário da Borborema ou no Jornal da Paraíba e em nenhuma outra fonte.



Figura 31 - DIÁRIO DA BORBOREMA 24 ABR. 1984

No quadro acima, temos a figura de um manifestante segurando uma placa com a frase "Diretas Já!" e a figura de um político dando risadas "qua, qua, qua...", e

jogando o lápis, após escrever um complemento na placa do manifestante, ele risca com um xis a exclamação e escreve: “ERA!”, ficando a frase: “Diretas Já Era!”. Temos nessa charge todo um jogo de palavras que o chargista Fred faz, nessa imagem o leitor precisa ir além da compreensão visual, tem que fazer a leitura da linguagem verbal, para compreender a crítica que o cronista do traço elabora nesse quadro.

Lembramos que a charge acima publicada pelo Diário da Borborema marca as vésperas da decisão da Emenda Dante de Oliveira. Com isso o chargista lança sua visão sobre o resultado, apresentando aos seus leitores da provável derrota da emenda e do movimento “Diretas Já”. A zombaria do político, representando todos aqueles que não queriam a realização deste pleito e no outro o manifestante com a fisionomia da decepção, a frustração por parte dos manifestantes em pró-Eleições Diretas.

Em entrevista com o chargista Fred, perguntamos se ele acreditava que as eleições do País seriam Diretas e ele nos respondeu, “não, pelo andar da carruagem a gente sabia que dificilmente iria haver alguma manobra, ela poderia vir, mas com outra forma. Eu não acreditava jamais que a abertura se daria com aquela facilidade”. (Entrevista com Fred realizada no dia 21 Mai. 2011). A sua forma de entender e compreender o movimento está retratada em suas charges, por isso o chargista retrata nos desenhos de que a Emenda Dante de Oliveira seria derrota e com isso o movimento das Diretas também, criatura e criador se aproximam.

O resultado da votação para eleição foi no dia 26 de abril de 1984, segundo a matéria divulgada no Diário da Borborema (26 Abr. 1984). “Os resultados, foram proclamados, às 2 horas de hoje, pelo Senador Moacir Dalla, na qualidade de Presidente do Congresso Nacional”. A Emenda Dante de Oliveira foi derrotada por 65 votos contra, 113 ausências e três abstenções enquanto 298 Deputados votaram por sua aprovação, quando seriam necessários 320 votos.

Mesmo antes desses resultados a imprensa campinense (Diário da Borborema e Jornal da Paraíba) já apresentava que alguns Deputados não participariam da votação o que colocaria em jogo a não aprovação da emenda, com esses acontecimentos tinha razão o chargista que “apostou” na não aprovação da Emenda pelas “Diretas Já”.

Nas vésperas das eleições, o grupo Pró-Diretas Já tinha consciência de que a Emenda Dante de Oliveira não seria aprovada, mas existia a esperança que contagiava milhões de pessoas em todo Brasil e acabava contagiando os parlamentares que iriam votar a favor das Diretas. Após um longo período a imprensa voltava a ser censurada novamente, um decreto que instituiu as medidas de emergência no Distrito Federal, em que afirmava que nenhuma informação a respeito da votação poderia ser divulgada pelas emissoras de TV e rádios, todas as matérias produzidas naquele dia deveria passar pela avaliação do Departamento Nacional de Telecomunicação (Dentel), sob o comando do coronel Antônio Fernandes Neiva.

No Distrito Federal onde seria realizada a votação o povo saiu pelas ruas ao anoitecer do dia 24 de abril e começou mesmo que de forma tímida, com alguns motoristas buzinando, logo a manifestação foi ganhando fôlego e se tornou num verdadeiro "buzinaço", essa manifestação pública, também não surgiu por acaso. Impedido de fazer comício nas vésperas das eleições o Comitê Pró-Diretas de Brasília, combinaram de realizar esse ato público. No dia da votação da emenda, o povo brasileiro se reuniu nos vários cantos do País na esperança de que a Emenda Dante de Oliveira fosse aprovada

Embora as atenções se voltassem para Brasília, mais exatamente para a Câmara dos Deputados, quase todas as capitais e centenas de cidades brasileiras realizaram vigílias cívicas para acompanhar o resultado da votação da Emenda Dante de Oliveira. E o fizeram desde o dia 24 de abril. Além dos buzinaços que se reproduziram em São Paulo, no Rio, em Belo Horizonte e Recife, outras formas de manifestação foram organizadas. (LEONELLI, D. & OLIVEIRA, D. 2004, p.561)

A sessão foi aberta às nove da manhã de 25 de abril de 1984, com a presença de 67 Senadores e 251 Deputados. À tarde a sessão foi reaberta pouco depois das quatorze horas, com a presença de 372 Deputados e 67 Senadores no Plenário. Entre os vários discursos apresentados naquele dia 25 de abril, como os de Ulysses Guimarães, do Deputado de Santa Catarina Pedro Colin (PDS) que compareceu no plenário em uma cadeira de rodas, o discurso de José Sarney Filho que votou a contra gosto do seu pai a favor das Diretas, Destacamos uma pequena parte de um, a do criador da Emenda Dante de Oliveira, emenda que carregava o seu nome, assim afirmou o parlamentar:

Nós estávamos dispostos a votar em qualquer emenda, viesse de onde viesse e que o governo tinha uma oportunidade histórica de promover o reencontro da nação com o Estado, do povo com o governo. E, se assim fosse, nós estaríamos dispostos a votar no projeto do governo. [...] O Congresso Nacional é olhado hoje por toda a Nação, e ele não pode trair o desejo desta nação, [...] no dia em que fizer isso, estará dando um tiro no ouvido da democracia [...] Senhor Presidente, quero afirmar que a emenda constitucional nº 5, que leva meu nome, não me pertence, nem pertence ao PMDB, nem aos partidos de oposição. Ela pertence a toda a nação e ao povo brasileiro, porque traduz o sentimento, a angústia e principalmente a esperança de melhores dias para 130 milhões de brasileiros. (LEONELLI, D. & OLIVEIRA, D. 2004, p.584-586)

O discurso de Dante é uma arma de ataque contra o regime por ter criado uma emenda nas vésperas da votação da sua. É que mesmo assim ele se mostrou favorável, pois seu maior interesse era que o País votasse a uma democracia através do voto direto. Teve ainda a intenção de justificar o porquê se deveria votar na sua emenda que por sinal ele não atribuiu a si, mas afirmou que aquela emenda era de toda nação e do povo brasileiro. O resultado final da Emenda Dante de Oliveira foi: 298 votos a favor, 65 contra, 03 abstenções e 113 Deputados ausentes. Faltaram 22 votos para que a emenda fosse aprovada. O desfecho dessa história é narrado por Kotsho (1984, p.86)

Pelo chão acarpetado do plenário da Câmara Federal, quando tudo acabou, os representantes de um povo derrotado no seu maior anseio pisavam sobre as pétalas dos crisântemos amarelos, que estes meses todos simbolizaram uma luta, um sonho, um encontro – o grito de liberdade desta humilhada Nação brasileira. Lá fora, depois das duas da manhã, algumas centenas de cidadãos ainda esperavam o impossível, uma reversão no resultado que ninguém queria: a esmagadora maioria dos 130 milhões de brasileiros arrasada pela ausência dos Deputados malufistas e andreazzistas do PDS. Assim como ninguém há de esquecer esta memorável campanha, também ninguém esquecerá os nomes destes traidores da vontade nacional, que, com sua ausência, permitiram que a minoria evitasse a maioria de dois terços, exigida pela Constituição para que os brasileiros possam finalmente ser donos novamente do seu destino. Foi um dia que pareceu uma eternidade, discursos e mais discursos adiando a decisão – intermináveis 17 horas de uma sessão histórica para que ao final o povo brasileiro ficasse sabendo que continua tutelado, sem direitos.

E assim o sonho de muitos brasileiros chegava ao “fim”, pelo menos essa era concepção que muitos parlamentares do PDS tinham, porém a busca pela redemocratização não terminou e a oposição continuou com o seu papel de mobilização e batalha pelas Eleições Diretas no País.



Figura 32 - DIÁRIO DA BORBOREMA 25 ABR. 1984

A charge acima foi publicada no dia em que foi realizada a votação para Emenda Dante de Oliveira, com isso o chargista apresenta um personagem com uma expressão de espanto vestido com uma camisa que diz: “eu quero votar pra Presidente”, na sua mão uma provável cédula eleitoral²⁶. O cronista do traço cria um dialogo entre o seu personagem e uma urna eleitoral, dando um tom de humor ao desenho, no diálogo a urna eleitoral diz: “tô contigo e não abro!!!”, apresentando uma ironia já que a urna encontrasse fechada e assim impossibilitando de o eleitor manifestar sua vontade eleitoral.

3.4 Morre a esperança amarela

A “esperança vestida de amarelo” perdeu. O que fez com que a Emenda não fosse aprovada? Uma das medidas foi o “pacote de abril” de 1977²⁷, para que está

²⁶ É um papel usado por um eleitor para manifestar a sua opinião numa votação.

²⁷ Foi um conjunto de leis outorgado em 13 de abril de 1977, pelo então Presidente da República do Brasil, Ernesto Geisel que, dentre outras medidas, fechou temporariamente o Congresso Nacional. A imprensa chamou este conjunto de leis de Pacote de Abril. As alterações na constituição foram feitas pelo que se denominou “a constituinte do Alvorada”. O pacote também alterou o quórum para aprovação de emendas constitucionais, que passou para dois terços dos votos.

fosse aprovada seria necessária aprovação de dois terços dos Deputados na Câmara, inalcançados por 22 votos. Outro ponto foi à criação de uma emenda por parte do governo, nas vésperas das eleições da Emenda Dante de Oliveira, também teve sua relevância na derrota da emenda das Diretas.

O que agora consolava o povo e aqueles políticos que lutaram em Pró-Diretas seria a esperança. A continuidade na luta e a busca pela democracia com a participação do povo não seria deixado de lado. Em nota oficial no dia 26 de abril, o Comitê Nacional Suprapartidário Pró-Diretas assim se manifestou: "reafirmção de que a luta que o povo brasileiro desencadeou e o Comitê representa continuará, com vigor redobrando, infenso às especulações que se possa fazer em contrário, luta que só cessará com a vitória". Rodrigues (2003, p.94).

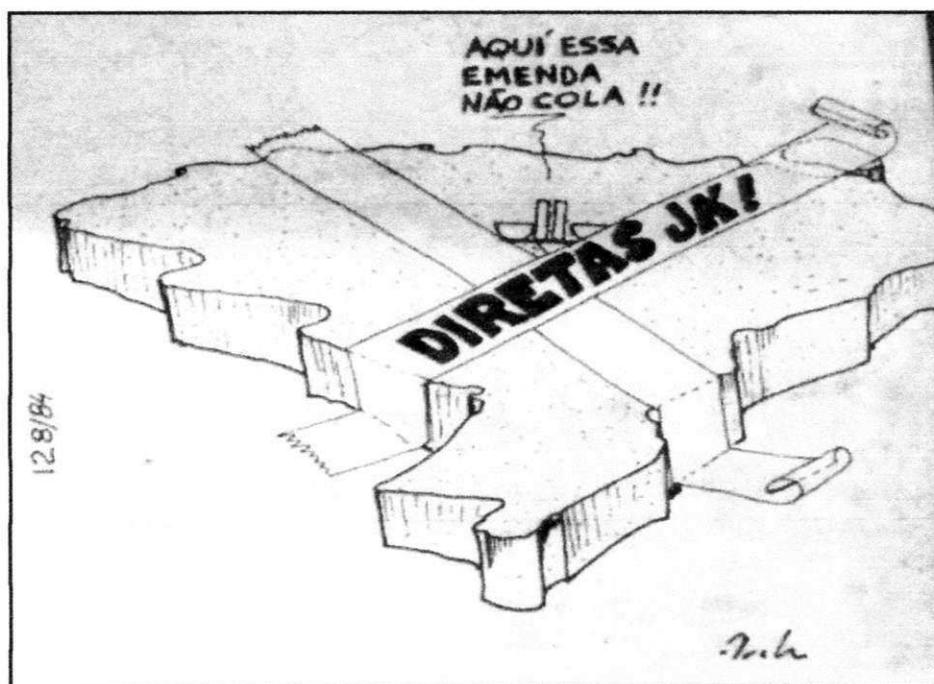


Figura 33 - DIÁRIO DA BORBOREMA 14 MAI. 1984

No quadro acima o chargista aborda sobre a rejeição da Emenda Dante de Oliveira, pelo Colégio Eleitoral. Ele retrata o recorte geográfico do Brasil, atribuindo o Congresso Nacional no centro do País. Neste recorte espacial ele sobrepõe duas faixas se cruzando, simbolizando uma emenda no País, em uma das faixas está escrito "Diretas Já", representando assim a Emenda do Deputado Dante de Oliveira. Como resposta sai uma frase de dentro do Congresso dizendo: "Aqui essa emenda

não cola”, a intenção do cronista do traço é apresentar que veio do Congresso Nacional a decisão de não aprovar a emenda que assegurava realização de Eleições Diretas para Presidente, pois como já afirmamos anteriormente, a mesma foi rejeitada por que necessitava da aprovação de dois terços dos Deputados na Câmara, inalcançados por apenas 22 votos.

Na charge seguinte temos a figura de um homem sentado e escorado em uma urna de votação, sua fisionomia física e de cansaço e de decepção essa aparência e reforçada na sua fala quando diz: “Sei não... algo me diz que eles venceram...”, apesar de poucas pessoas ainda acreditar nessa possibilidade, o chargista Fred retrata estas pessoas como se dando por derrotas, que apesar dessas pessoas ter se manifestado em comício, enterros simbólicos, nada adiantou a vontade popular não foi atendida e quem saiu como vencedores foram aqueles que já estavam no poder no caso o Presidente Figueiredo e seus aliados.



Figura 34 - DIÁRIO DA BORBOREMA 02 JUL. 1984

A referida charge foi publicada no mês de julho chegando ao terceiro mês que a Emenda Dante de Oliveira tinha sido “rejeitada”, porém o chargista utiliza-se do humor da charge pra apresentar e abordar como tema a esperança de alguns brasileiros com a realização das Eleições Diretas, até mesmo os mais otimistas já estavam se dando como derrotados, demonstrando que a vontade de muitos em poder se manifestar e escolher o seu próximo representante, foi frustrada.

Em uma matéria do jornal Diário da Borborema (3 Jul. 1984), com o título: “Brizola: o regime não suportará as pressões do povo pelas Diretas Já”, nessa matéria foi colocada que ainda havia a possibilidade de reviravolta no cenário político e quem sairia vencedor dessa batalha seria o povo na concepção de Brizola. Mas, no olhar do chargista esse reviravolta não aconteceria a oposição e os manifestantes das “Diretas Já” estavam derrotados.



Figura 35 - DIÁRIO DA BORBOREMA 07 JUL. 1984

No quadro acima o chargista, Fred utiliza-se de um diálogo entre o Presidente Figueiredo e um personagem do chargista. Abordagem da charge é referente à rejeição da Emenda Dante de Oliveira, embora a imagem tenha sido publicada após quase três meses da reprovação da emenda, as manifestações Pró-Diretas continuaram mesmo que de forma tímida apoiada pela oposição ao governo militar.

Na charge Figueiredo afirma: “Você tem que entender... nem tudo na vida é como a gente quer...”, em resposta o manifestante com expressão apática que segura uma placa: “Diretas Já”, diz: “concordo, mas também não se pode aceitar tudo que os outros querem...”. Através desse diálogo podemos notar que o chargista passa a ideia de que o Presidente tenta convencer o manifestante a se conformar com a derrota da Emenda Dante de Oliveira, porém o manifestante se posiciona

contrário para ações que o governo deliberando, e muitos delas, contra os interesses e vontade do povo brasileiro.

Na imagem abaixo, podemos observar através do traço novamente a utilização do recorte geográfico do País, esse simbolismo recorrente é no intuito de expressar uma ideia, uma vontade nacional, e assim mostrar que não é uma coisa isolada. Na charge Fred retrata um diálogo entre os manifestantes que se encontra no centro do País segurando uma faixa, "Diretas Já". Um dos manifestantes diz: "Precisamos encontrar uma saída ou estaremos perdidos...". Como resposta outro manifestante responde com um questionamento: "E já não estamos?".

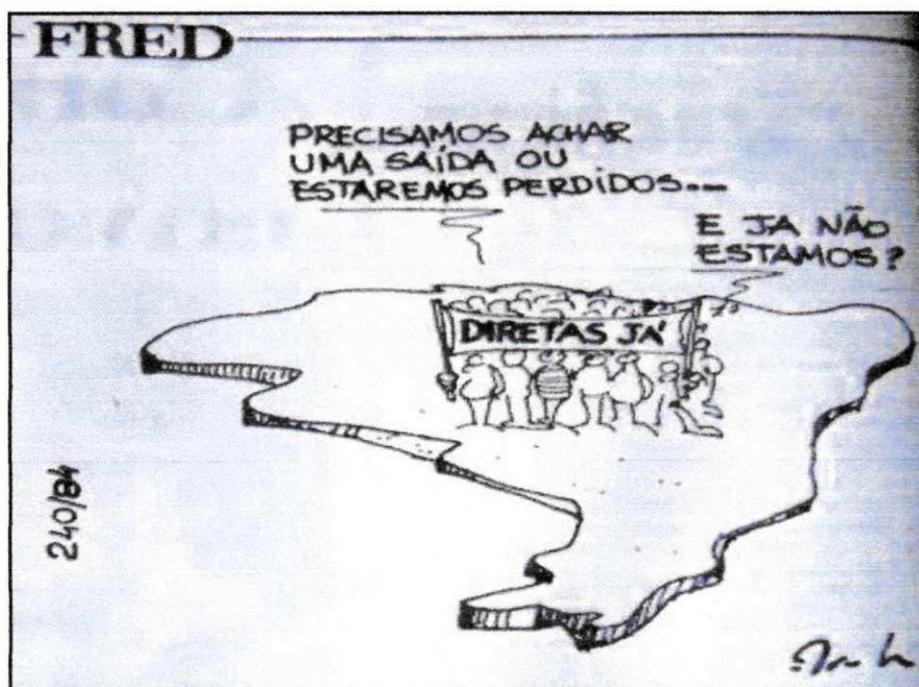


Figura 36 - DIÁRIO DA BORBOREMA 06 SET. 1984

Essa compreensão tida pelo chargista se deve pela "inacabável" luta pela redemocratização no País, como já apresentamos ao longo desta dissertação a derrota da Emenda Dante de Oliveira, em 25 de Abril de 1984, não impediu que alguns setores como: a oposição, parte da imprensa e mídia, bem como parte da população, permanecesse "sonhando" com a realização das Eleições Diretas para Presidente.

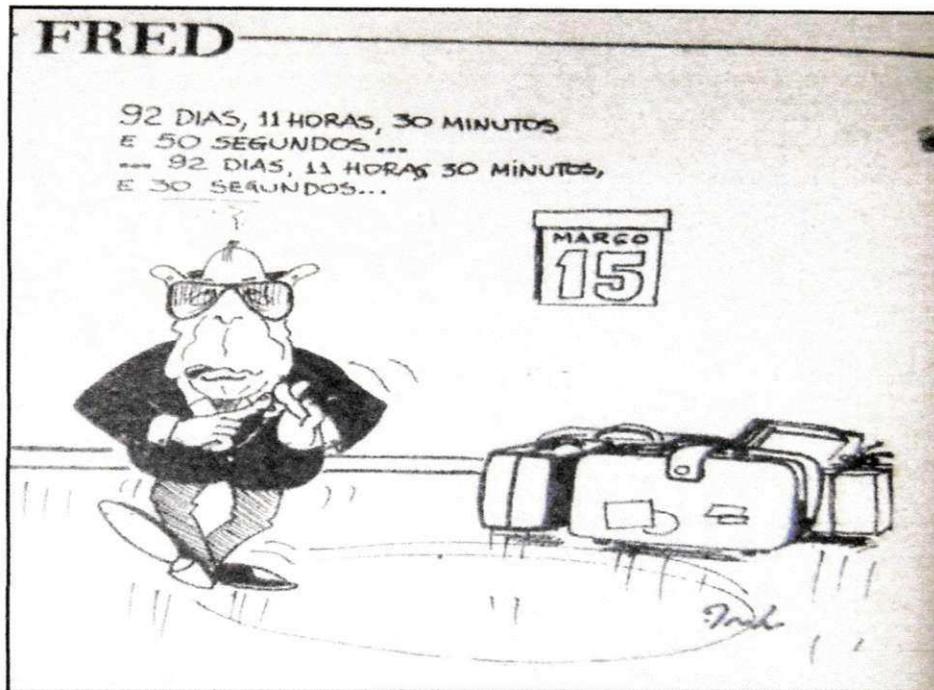


Figura 37 - DIÁRIO DA BORBOREMA 13 DEZ. 1984

Nesta iconografia humorística que se configura como uma charge uma vez que é datada e contextual, podemos identificar dois tipos de texto que se inter cruzam, o texto verbal que tem como intuito enriquecer o quadro e o texto visual. Em uma leitura visual, alguns elementos como as malas reunidas, o calendário, o andar em círculos, a forma como os dedos estão representados, aliados a linguagem verbal de contagem regressiva, permite a identificação de um comportamento característico daqueles que ocupam um cargo, e não mais respondem as necessidades da sociedade civil.

Neste sentido observamos que o chargista Fred Ozan apresentou através do humor a contagem regressiva para a saída do Presidente. O personagem caricaturado, Figueiredo, aparece ao redor das suas malas prontas e apenas aguardando o dia 15 de março de 1985, data que completava seus seis anos como governante, já que este assumiu a Presidência no dia 15 de março de 1979. Após esses seis anos como Presidente o País vivenciaria um novo momento em sua política, começaria a partir daquele momento a fase que compreendemos como Nova República, com Tancredo Neves, porém por motivos de saúde o Presidente eleito pelo Colegiado não assumiu, seu vice José Sarney é quem assume a Presidência da República .

A última charge que analisamos trás a imagem caricaturada de dois personagens, o primeiro carregando um saco é o Papai Noel e o outro, dentro do saco, trata-se do candidato futuramente eleito Tancredo Neves. Pois como já informamos, as eleições do Colégio Eleitoral só acontecem no dia 15 de Janeiro e a charge é publicada no dia de Natal, 24 de Dezembro de 1984. Nesta data Papai Noel é o responsável pela entrega dos presentes.



Figura 38 - DIÁRIO DA BORBOREMA 25 DEZ. 1984

A interpretação que podemos inferir dessa imagem é quanto ao aspecto da fisionomia do Papai Noel, onde se encontra cansado devidamente pelo peso de estar carregando uma pessoa nas costas, a interpretação que podemos fazer desse peso no olhar do chargista Fred é a de que presentear carregando uma pessoa no saco do Papai Noel é um verdadeiro peso nas costas, mas não é qualquer pessoa que é carregada, é m dos prováveis eleitos pelo Colégio Eleitoral, o possível novo Presidente do Brasil. Temos ainda nessa imagem uma placa indicando: "Palácio do Planalto", nessa charge não temos a presença do dialogo da linguagem verbal. Para o leitor compreender, essa imagem ele deverá fazer suas próprias interpretações e a partir da sua compreensão do contexto da época ele traçará as formas de leituras desse campo visual.

Outra leitura possível é que estaria associada ao presente de Tancredo Neves no dia de Natal, deixando ele no Palácio do Planalto antes mesmo de acontecer às eleições que decidiria o futuro do novo Presidente. Como a imprensa divulgava a provável vitória de Tancredo Neves, Fred retratou em vários desenhos a figura de Tancredo como um homem cauteloso com a possível vitória, já a figura do seu adversário político, Paulo Maluf, passava a imagem de derrotado, mesmo que as eleições ainda não tivessem sido realizadas, o aprofundamento dessas representações não é do nosso objetivo no momento, deixamos em aberto para uma futura pesquisa ou para aqueles que pretendem dar continuidade a esse estudo.

Nas eleições para o novo Presidente civil, o processo eleitoral foi disputado por dois candidatos civis. Tancredo Neves, candidato apoiado pelos grupos democráticos, venceu o pleito. Com uma diferença de 300 votos, Tancredo Neves derrotou a chapa de Paulo Maluf e, assim, foi eleito como novo Presidente da República. Apesar das estranhas feições deste acontecimento histórico, um civil voltou ao poder após 21 anos de Regime Militar no Brasil. Um novo momento de expectativas e discussões se formulava no País.

Embora a Emenda Dante de Oliveira não tenha sido aprovada, em 25 de Abril de 1984, no dia 15 de janeiro de 1985, ocorreram eleições indiretas e Tancredo Neves foi eleito Presidente do Brasil. Porém, em função de uma doença, Tancredo faleceu antes de assumir o cargo, sendo o vice, José Sarney, tornou-se o primeiro Presidente Civil após o regime de Ditadura Militar (1964-1985). As Eleições Diretas para Presidente do Brasil só ocorreriam em 1989, após ser estabelecida na Constituição de 1988.

3.5 “Diretas Já” na Paraíba

Nossa discussão em torno das manifestações e participação do movimento das Diretas na Paraíba é realizada através das fontes impressas dos jornais: Diário da Borborema e Jornal da Paraíba, aliada aos relatos da oralidade em entrevistas realizadas com seus respectivos ex-chargistas de cada periódico; Afonso Marreiro e Fred Ozanan pelo Diário da Borborema e Kenny Alex pelo Jornal da Paraíba.

Ressaltamos que identificamos maior presença de discussão sobre a Emenda Dante de Oliveira, o movimento das Diretas, a participação popular e política em torno deste movimento nas páginas do Jornal Diário da Borborema do que no Jornal da Paraíba. Nossa hipótese é de que a linha editorial do jornal estava, mas atrelada as discussões da política e economia local. Outro ponto que nos leva a levantar essa consideração é o fato do Jornal da Paraíba ter como Presidente, o Vice-Governador do Estado da Paraíba, José Carlos da Silva Júnior do PDS, neste sentido por ter o Presidente do jornal aliado ao governo militar não seria de interesse mostrar as críticas e as manifestações das Diretas nas páginas do Jornal da Paraíba.

Destacamos ainda que a discussão relacionada às Diretas encontra-se em sua maioria com olhar voltado para cidade de Campina Grande, são poucos os relatos de manifestações e apoio por parte dos pessoenses nesses jornais. Isso se deve pelo fato de tanto o Jornal Diário da Borborema como o Jornal da Paraíba serem produzidos e fabricados na cidade de Campina Grande.

Desde a elaboração da Emenda Dante de Oliveira até os primeiros comícios, os jornais do qual nos propomos a pesquisar, mostram as notícias relacionada a essa temática de forma tímida. A discussão que já circundava as grandes cidades do País não tem a mesma repercussão no Estado da Paraíba, em cidades como João Pessoa e Campina Grande. No final do ano de 1983 as discussões sobre as Diretas caem no gosto da imprensa campinense, sendo reportada com maior ênfase pelo Diário da Borborema.

Abaixo uma imagem que apresenta uma reunião dos vereadores de Campina Grande na Câmara Municipal desta cidade, "Casa de Felix Araújo". Traçando um calendário detalhado de atividades visando uma ampla mobilização da comunidade campinense em torno do restabelecimento do pleito em todos os níveis. Além disto estabeleceu a criação de um Comitê Pró Eleições Diretas.



**Figura 39 – Imagem de representantes políticos definindo a campanha pelas eleições diretas.
JP - 18-01-84**

A criação de um comitê Pró-Diretas só acontece em Julho de 1983 pelo PMDB da Paraíba, não temos a certeza exatamente de quando ocorreu o primeiro comício das Diretas na Paraíba, a intenção do comitê era que iniciasse as manifestações na quinzena de agosto de 1983 na capital e logo em seguida espalhasse por todo o estado. Mas isso iria depender do material de divulgação concedido pelo PMDB nacional. Na imagem acima os vereadores de Campina Grande

Nosso registro é de que as primeiras manifestações públicas só vieram a acontecer no ano de 1984. Numa matéria divulgada no Jornal da Paraíba, intitulada: *Campina nas Diretas*, escrito por Felix Araújo Sobrinho, lemos que

As grandes manifestações públicas realizadas em todo o País pelas Eleições Diretas notadamente nos grandes centros urbanos tem modificado a correlação de forças entre o regime autoritário e a nação brasileira. Incorporando à luta segmentos representativos da vida social a política do País. Aprofundou-se especialmente após a grande concentração dos trezentos mil na Praça da Sé, em São Paulo o profundo divórcio já existente entre os detentores do poder que administram os interesses antinacionais e antipopulares e o conjunto do nosso povo que compreende a necessidade do restabelecimento do pleito livre e direto para a Presidência da República e têm firmada convicção de que este é o caminho para as mudanças que urgem. Os movimentos Pró-Diretas em todos os estados da Federação vêm se firmando através da constituição de Comitês amplos suprapartidários

articulando os mais diversos setores da sociedade brasileira, incorporando à luta novos organismos e até mesmo personalidades importantes do Governo. Em Campina Grande [...] o comitê Teotônio Vilela estará realizando uma concentração popular em defesa das Eleições Diretas. Neste sentido, um diversificado esquema de divulgação e propaganda há mais de mês está montando com a realização de concentração nos bairros através de comícios relâmpagos distribuição do Manifesto da Campanha e cerca de cinquenta mil boletins para distribuição nos principais pontos da cidade, nas feiras livres e nos pontos de ônibus etc. (JORNAL DA PARAÍBA, 27 de Fev. 1984)

Em um dos comícios realizados em João Pessoa, destacamos o que marcou como sendo o maior comício Pró-Diretas na Paraíba, segundo os organizadores do evento e repórteres cerca de vinte mil pessoas compareceram ao ato público, embora que este número seja mostrado de forma contrária na obra de Leonelli & Oliveira (2004, p. 379), quando afirma que: "em João Pessoa, dia 26, 10 mil pessoas compareceram ao comício realizado na praça da Lagoa pelo Comitê Teotônio Vilela, formado pelos partidos da oposição e entidades da sociedade civil".



Figura 40 – Imagem do Comício das Diretas na Lagoa do Parque Sólton de Lucena – João Pessoa. DB - 26/01/1984

As esperadas atrações constituídas pelos astros da música popular brasileira e da televisão terminaram não aparecendo ao contrário do que foi anunciado mas os organizadores do grande comício Pró-Diretas, ontem à noite, na Lagoa do Parque Sólton de Lucena manifestaram seu contentamento durante e depois o ato público realizado no centro de João Pessoa: cerca de vinte mil pessoas no calculo dos repórteres e dos políticos presentes, compareceram à manifestação, uma das maiores já realizadas

na Capital paraibana, nos últimos anos. (Diário da Borborema, 27 Jan. 1984).

Além dessa marca *record* para os comitês da Paraíba, o que nos chama atenção é o fato de que essa manifestação iria contar com a presença de vários artistas renomados do País como: Chico Buarque, Fafá de Belém e Ruth Escobar, porém estes não participaram desse comício, acreditamos que muitas das pessoas que foram ao Parque Sólton de Lucena não foram no intuito de apenas manifestar, de expressar seu desejo pelas Eleições Diretas. O “*showmício*” que contaria com a presença de grandes artistas, elevou o número de pessoas na realização deste ato, embora não se tenha registro na imprensa que pesquisamos notícias de vaias do público ao noticiar a não participação desses artistas. Foi de responsabilidade de violeiros a missão de substituir os artistas renomados. No discurso político marcaram a presença: Ulysses Guimarães, Luiz Inácio Lula da Silva, Freitas Nobre, Francisco Julião, entre outros.

Em uma leitura panorâmica do Jornal Diário da Borborema, observamos várias matérias que reportam ao contexto do movimento das “Diretas Já”. Como: “*Estudantes pedem Diretas Já*” e “*Comício Pró-Diretas reúne 6 mil pessoas*”. Nesta última matéria, que foi capa do jornal do dia, diz



Figura 41 – Imagem do comício das Diretas no Parque Evaldo Cruz (Açude Novo) – Campina Grande. DB - 28/03/1984

Com o parque do açude novo parcialmente lotado para onde ocorreram cerca de seis mil pessoas o comitê "Teotônio Vilela" realizou, ontem a noite o segundo comício "gigante" pró Eleições Diretas a Presidência da Republica, cuja atuação maior foi o governador de São Paulo, André Franco Montoro [...]. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 29 Mar. 1984)

O que podemos destacar dessa matéria do Diário da Borborema é a participação popular dos campinenses nas ruas da cidade em defesa das Eleições Diretas. Quando abordamos essa temática logo vem em nossa mente à participação popular dos grandes comícios nas capitais brasileiras como: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Curitiba, entre outras. Dessa forma chegamos a pensar que no Estado da Paraíba não houve essa mobilização popular em Pró-Eleições Diretas, mas o nosso contato com as fontes de mídia de massa, os jornais nos mostra que houve manifestação e participação de políticos, estudantes, professores e cidadãos paraibanos a favor das Diretas. Esses atos públicos aconteceram pelos bairros e nas praças, principalmente nas cidades de João Pessoa e Campina Grande.

Nesta matéria exibida pelo Diário da Borborema intitulada: *Povo campinense manifesta apoio às Eleições Diretas*. (04 Fev. 1984)

Com muitas críticas ao Governo foi realizado ontem a tarde, em Campina Grande, o primeiro comício "relâmpago" Pró-Eleições Diretas, promovido pelo Comitê "Teotônio Vilela", reunindo grande número de pessoas, na principal Calçada da rua Cardoso Vieira. Além da concentração foi realizada uma eleição simulada cujo resultado foi favorável ao pleito direto em todos os níveis. Mais de mil pessoas voltaram sendo que apenas cinquenta e cinco externaram o desejo de ver o sucessor de Figueiredo sendo eleito mesmo por via indireta.

Na matéria acima podemos observar o desejo da maioria dos cidadãos campinenses na realização das Eleições Diretas no País. Neste sentido pretendemos analisar uma das representações políticas que foram utilizadas pelos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba em relação à campanha das "Diretas Já", a charge. Estas representações semióticas podem nos ajudar a entender o significado histórico do movimento, pois serviram para reelaborar alguns conteúdos da tradição política brasileira, através do traço dos seus chargistas. Através dos desenhos humorísticos identificaremos como as "Diretas Já", marcaram um novo tipo de expressão política no espaço público da sociedade brasileira.

Questionamos em entrevistas os chargistas Afonso Marreiro, Fred Ozanan e Kenno Alex se eles acreditavam que as eleições do País seriam Diretas? Por quê?”. Tivemos como resposta o seguinte

AFONSO - Não tinha tanta certeza, a gente se mantinha bem informado, mas uma hora víamos que o governo estava aberto a mudança na outra mudava a opinião, daí ficava difícil saber, a gente esperava que sim. Eu chegava a produzir várias charges em consonância com o editorial do jornal, dando assim um “bom casamento”. (Entrevista realizada com Afonso no dia 20, Jul. 2011)

FRED - Não, pelo andar da carruagem a gente sabia que dificilmente iria haver alguma manobra, ela poderia vir, mas com outra forma. Eu não acreditava jamais que a abertura se daria com aquela facilidade. (Entrevista realizada com Fred no dia 21, Mai. 2011)

KENNYO - Não, no momento sabíamos que tinha um setor que não queria, tanto é que não aconteceu. É essa história a juventude tem uma força muito grande, mas ela não reflete muito para o que tá acontecendo no momento, existia aquela ânsia em ter as eleições, mas eu via como uma coisa tão bagunçada do lado institucional que me dava medo. E foi tanto que não aconteceu. (Entrevista realizada com Kenno no dia 11, Abr. 2011)

Observamos nos depoimentos dos chargistas entrevistados que todos apresentam o mesmo pensamento, suas reflexões para aprovação da emenda é a de que não aconteceria. Já apresentamos anteriormente que até mesmo a oposição nas vésperas das eleições mantinha esse mesmo pensamento, pelos motivos dos quais também já apresentamos no descrever deste capítulo. Neste sentido a imprensa campinense divulga e noticia a esperança de parte da população, para aprovação da Emenda Dante de Oliveira. Como podemos observar na matéria seguinte divulgada pelo Diário da Borborema (26 Abr. de 1984), intitulada: *Campina em Vigília pede as Diretas Já*.

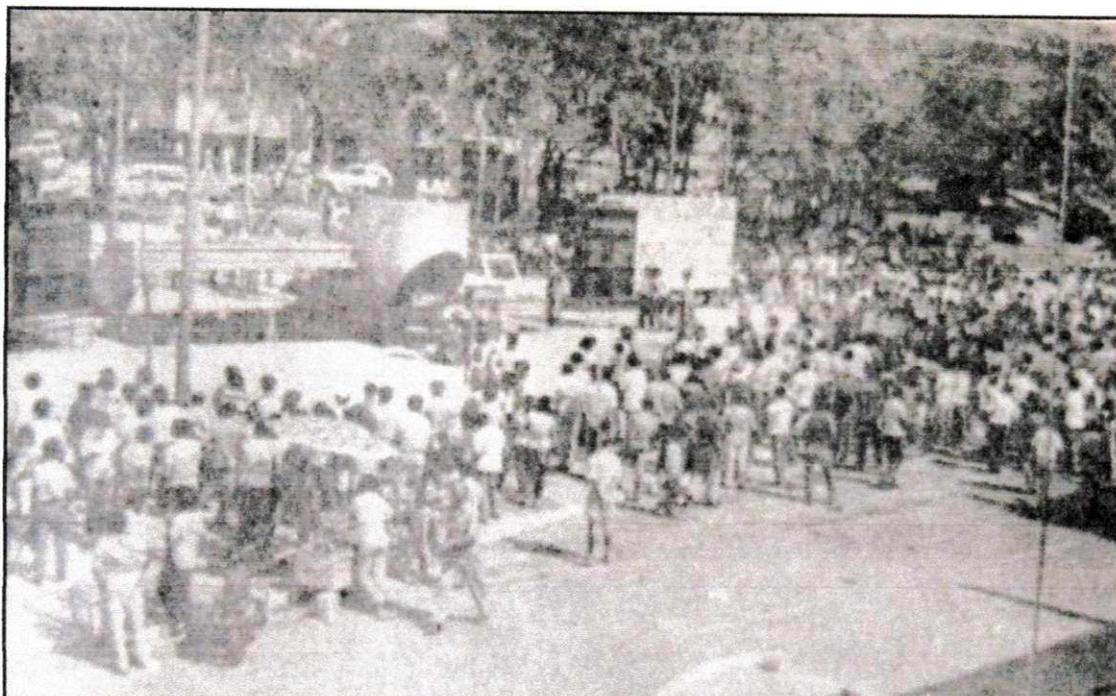


Figura 42 – Imagem de parte da população campinense na expectativa do resultado da Emenda Dante de Oliveira. DB – 25/04/2012

Temos na imagem acima uma mobilização de alguns campinenses em Pró-Eleições Diretas no País. Essa foi imagem do dia 25 de Abril, dia em que acontecia a votação para aprovação da Emenda Dante de Oliveira. Os manifestantes se reuniram na praça no intuito de mostrar o seu apoio e o desejo pelas Eleições Diretas para Presidente. Essa manifestação aconteceu na Praça da Bandeira, no centro da cidade de Campina Grande.

Não foi decepcionante para a oposição do governo o fato de ter sido a Emenda Dante de Oliveira rejeitada pela Câmara dos Deputados. Se não alcançou os dois terços da votação necessários à sua aprovação pelo menos o número de Deputados que votou favoravelmente a emenda foi dos mais expressivos.

O governo deve ter sentido embora não ouse revelar, a sua impopularidade. Em todas as capitais de Estados e nas cidades mais importantes realizaram-se durante os primeiros meses de 1984, bem como nas vésperas da votação, manifestações populares em favor das Eleições Diretas Já. A derrota da emenda Dante de Oliveira não enfraqueceu de modo algum os partidos oposicionistas. Muito pelo contrário o governo é que teve, que aceitar as Eleições Diretas atendendo aos anseios do País que vinha acontecendo através das manifestações públicas: realizadas por “toda a nação”.

Após vários meses de manifestações de comícios, de reuniões no comitê Teotônio Vilela, enfim, nesse momento a decepção de muitas pessoas foi registrada nas páginas do Diário da Borborema. Na matéria intitulada: *Rejeição das Diretas: Vereadores e o povo criticam Deputados que foram omissos*. (27 Abr. 1984), é possível ler-se

A ausência de alguns Deputados do PDS paraibano no plenário da Câmara dos Deputados, no momento da votação da emenda Dante de Oliveira, foi criticada ontem, por toda a bancada do PMDB na Câmara Municipal. O DB ouviu várias pessoas sobre o que achavam da atitude dos Deputados em se omitirem da votação. A maioria dos entrevistados reprovou o comportamento dos parlamentares e aplaudiram o Deputado Tarcísio Burity, o único do PDS paraibano que votou favorável.

Assim os manifestantes demonstraram a sua insatisfação com aqueles representantes do povo paraibano que se ausentaram no dia da votação da Emenda Dante de Oliveira. Observamos abaixo o quadro que apresenta os Deputados Paraibanos que se posicionaram contra, a favor e ausentes da votação.

DEPUTADOS PARAIBANOS		
CONTRA	A FAVOR	AUSENTES
Joacil Pereira (PDS)	Aluizio Campos (PMDB)	Adauto Pereira (PDS)
	Carneiro Arnaud (PMDB)	Álvaro Gaudêncio (PDS)
	João Agripino (PMDB)	Antônio Gomes (PDS)
	José Maranhão (PMDB)	Edme Tavares (PDS)
	Tarcísio Burity (PDS)	Ernani Sátiro (PDS)
	Raimundo Asfora (PMDB)	

Quadro demonstrativo da votação dos Deputados Paraibanos referente à Emenda Dante de Oliveira

Sendo a maioria dos Deputados do partido do governo militar, apenas o Deputado Tarcísio Burity se manifestou a favor da emenda os demais se abstiveram do voto, exceto o Deputado Joacil Pereira que manifestou publicamente ser contrário a Emenda Dante de Oliveira.

Nesta compreensão, identificamos ainda através das matérias divulgadas diariamente pelo jornal Diário da Borborema e Jornal da Paraíba a participação popular dos paraibanos em defesa das Eleições Diretas no País. Identificamos ainda a participação de cidades como: João Pessoa, Campina Grande, Gurjão, Souza e Patos, acreditamos que outras cidades também se manifestaram a favor das Diretas,

porém não encontramos registro da participação de outras cidades, além dessas já citadas.

Portanto, percebemos que a participação popular que era registrada nos grandes centros do País, também foi marcada no Estado da Paraíba. As ações políticas e populares não foram diferentes em comparação as grandes manifestações em defesa das Diretas, com ressalva para o número de pessoas que participavam intensamente desta campanha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho dissertativo, realizamos uma leitura de um momento histórico, de uma maneira diferente tomando o humor presente nas charges como um texto, analisando as representações dos chargistas com relação às ações dos governantes e das manifestações populares em defesa do movimento “Diretas Já”, observando que a dimensão deste movimento vai além do Centro ao Sul do País.

Trabalhamos ao longo deste trabalho com a utilização da imprensa como fonte, mas precisamente dois jornais, o DB (Diário da Borborema) e o JP (Jornal da Paraíba), ambos se instalaram em Campina Grande após a década de 50.

Justificamos a nossa recorrência quase que frequente na utilização do Diário da Borborema, tanto nas charges como nas matérias, por três motivos: primeiro esse veículo de comunicação era o mais antigo em circulação, tinha uma aceitação maior do público, os leitores de jornais. A sua qualidade em narrar os acontecimentos da época acabava sobre-pondo o concorrente, o Jornal da Paraíba. Segundo a linha editorial do Diário da Borborema pertence a uma rede de Associados por todo o país, isso implica que esse jornal abordava os fatos nacionais com certa facilidade. O último motivo trata-se do acervo deste periódico, identificamos tanto na parte chargística como nas matérias veiculadas ao movimento das “Diretas Já”, uma maior quantidade de informações no Diário da Borborema em relação ao Jornal da Paraíba, ocasionando um uso frequente do DB no nosso trabalho.

Albuquerque Fávero (2000) para se trabalhar com fontes históricas é necessário saber que não há uma predominância de uma verdade, absoluta. Daí a importância do historiador nessa investigação, este é o mediador neutro entre a verdade da fonte e a verdade da história, o profissional capaz de formular uma problemática e de gerar uma interpretação, diante do documento utilizado. “a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida quando estes existem [...]”. Como tudo o que pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra sua presença”. (LE GOFF, 1992, p.540). Assim o documento é o ponto de partida para se conhecer um fato histórico. É através dele que podemos visitar o passado e reinterpretá-lo sob uma nova ótica.

Neste sentido as diversas fontes/documentos como: matérias, artigos editoriais e as charges divulgadas pelos periódicos campinense, nos remeteram ao posicionamento dos jornais em Pró das Diretas. Identificamos a postura desses periódicos e de seus respectivos chargistas em relação ao movimento das Diretas, para os chargista a recorrência na utilização do humor, já para os editoriais do jornais ficam as críticas e opiniões de seus respectivos colunistas, visualizamos ainda opiniões da sociedade campinense, bem como dos políticos que se mostraram contra ou favoráveis pelas "Diretas Já". Para Duarte (2011, p.42)

A campanha tem suas bases construídas no ano de 1983. No entanto, é no ano de 1984 que o movimento se expande e ganha milhões de aliados, inclusive com uma ampla cobertura da mídia, que exerceu forte influência junto à opinião pública em favor dessa reivindicação. Na fase final do regime militar, a grande imprensa passou a criticar com mais intensidade o governo, principalmente na questão econômica, devido ao grande aumento da inflação, do desemprego e da crise em geral pela qual passava o País.

Outro olhar significativo da nossa discussão foi às entrevistas realizadas com os chargistas, Afonso Marreiro, Fred Ozanan e Kenyo Alex. Assim podemos compreender o lugar social que os mesmos desempenhavam dentro e fora dos jornais, bem como obtivemos uma abrangência do ofício do chargista, além de identificar a postura e a visão que eles tinham em relação ao governo de João Baptista Figueiredo e à redemocratização do País através do movimento "Diretas Já".

Por conseguinte, investigamos a postura e a linha editorial dos jornais em questão para identificarmos se os traços produzidos pelos seus respectivos chargistas estavam de acordo com um caráter de ataque, de defesa ou de neutralidade em relação ao Governo Militar. Assim, podemos observar ao longo da discussão, mas precisamente nos dois últimos capítulos que tanto as charges como o editorial dos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba se mostraram favoráveis ao retorno das Eleições Diretas no País.

As charges lançada no período do movimento das Diretas, pelos cronistas do traço, de caráter cômico e político expressa um pouco a realidade do momento em que o País vivenciava o povo em busca das Eleições Diretas e sendo "sempre" rejeitados por aqueles que estão no poder. Políticos como os candidatos à Presidência Paulo Maluf e o Tancredo Neves, como também o próprio Figueiredo,

além de José Sarney, Ulysses Guimarães entre outros, foram alvos constantes na satirização desses chargistas.

É interessante ainda destacarmos que não encontramos charges sobre o movimento das “Diretas Já”, ligadas ao contexto do Estado da Paraíba, todas as charges catalogadas ligadas ao movimento das Diretas, são repercutidas na esfera nacional, ou seja, representa o povo, o governo de Figueiredo, mas não identificamos uma única charge que retrate o cenário da política paraibana correlacionada ao contexto das Diretas.

Compreendemos que a charge é uma crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a percepção do desenhista. Apresenta-se tanto através de imagens quanto combinando imagem e texto. A charge por muitas vezes acaba absolvendo a caricatura em seu ambiente ilustrativo.

É importante destacar que a charge, além do seu caráter humorístico, e embora pareça ser um texto ingênuo e despretensioso, constitui uma ferramenta de conscientização, pois ao mesmo tempo em que diverte, informa, denuncia e crítica, constitui-se um recurso discursivo e ideológico.

Neste trabalho, procuramos abordar a importância do uso da charge para as leituras dos fatos históricos, de uma maneira diferente, através da satirização reportado no humor das charges. Em algumas circunstâncias, o riso pode servir para desanuviar o ambiente político nos contextos de crise, funcionando como “válvula de escape” para liberar tensões. Assim a charge, embora traga o riso para alguns, pode trazer ódio para outros, tratando-se de uma “arma política”.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que as opiniões expressas nesta dissertação são as do autor e que podem não ser as suas. Caso você julgue a necessidade de escrever outro estudo sobre o mesmo tema, estaremos dispostos a estudar sua publicação. Neste sentido, esse estudo não se encerra por aqui deixamos em aberto para futuros pesquisadores se aprofundarem e se debruçarem sobre a temática, como por exemplo, analisando a conjuntura do movimento das Diretas Já no Estado da Paraíba.

REFERÊNCIAS

❖ FONTES DE PESQUISA

ENTREVISTAS REALIZADAS

- Kennyo Alex – 11 de abril de 2011
- Fred Ozanan – 21 de maio de 2011
- Júlio César – 07 de junho de 2011
- Afonso Marreiro – 20 de julho de 2011

JORNAIS PESQUISADOS

- Jornal Diário da Borborema – (1958-1985)
- Jornal da Paraíba – (1979-1985)

ARQUIVOS E BIBLIOTECAS PESQUISADOS

- Arquivo do Jornal Diário da Borborema
- Arquivo do Jornal da Paraíba
- Arquivo do Museu Histórico de Campina Grande
- Biblioteca Central da Universidade Federal de Campina Grande – Campus I
- Biblioteca Central da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I
- Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba – Campus I
- Biblioteca do curso de Comunicação Social da UEPB

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. "Histórias dentro da História" in PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBUQUERQUE FÁVERO, Maria de Lourdes de. Pesquisa, Memória e Documentação: Desafios de novas tecnologias. In: **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias** – questões para a história da educação.

ARAÚJO, Fátima. **História e ideologia da Imprensa na Paraíba**. João Pessoa – Paraíba. Edição ilustrada. A UNIÃO – Cia. Editora. 1983.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: Novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes; São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

_____. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru; São Paulo: EDUSC, 2004.

CITTADINO, Monique. A política paraibana e o estado autoritário (1964/1986). In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **Estrutura de poder na Paraíba**. João Pessoa, UFPB, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CRUZ, Marília B. A. O ensino de História no contexto das tradições paradigmáticas da História e de Educação. In: NIKITIUK, Sônia L. (org). **Repensando o ensino de história**. 4º Ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nova Época; v.52)

DUARTE, Rafaela. **Diretas Já em Santa Catarina: O movimento de redemocratização nos textos e imagens dos jornais o Estado, A notícia e Jornal de Santa Catarina (1984)**. PPGH – UFSC. Florianópolis, 2011.

EUGÊNIO, Marcos Francisco Napolitano. Artigo: Representações políticas no movimento Diretas-Já, **Revista Brasileira de História** - Órgão da Associação Nacional de História. ANPUH/contexto, vol.15, nº 29, 1995. São Paulo. p. 207-219

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias** - questões para a História da Educação. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista, SP; Universidade São Francisco: 2000. (Coleção Memória da Educação).

FICO, Carlos. Artigo: Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar, **Revista Brasileira de História** - Órgão da Associação Nacional de História. ANPUH/contexto, vol.24, nº 47, 2004. São Paulo. p. 29-60

_____. A pluralidade das censuras e das propagandas da ditadura. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). **O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964 – 2004)**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FLORES, ÉLIO Chaves. **A Condição Republicana: eventos de ironia e sátira**. João Pessoa: Editora Manufatura, 2003.

_____. **Jornalismo e história: estradas das evidências compartilhadas**. Palestra proferida no Seminário Jornalismo e Saberes Circundantes, coordenado pelo Prof. Wellington Pereira e realizado no CCHLA/UFPB, no semestre 2005.2.

FLÔRES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas: Ed. Ulbra, 2002

GARCIA, Sheila. N. **Revista Careta: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1937 – 1945)**. 2005. 239f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2005. Disponível em: <<http://www.biblioteca.unesp.br/bibliotecadigital>> Acesso 10 Out. 2010.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais - morfologia e história**, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRUDZINSKI, Silvia Cristina. **Critérios jornalísticos de noticiabilidade presentes na rotina produtiva charge**. Biblioteca online de ciências da comunicação, 2009. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-kika-criterios.pdf> Acessado em 05 Mai. 2011.

JANOTTI, M^a. de Lourdes Monaco. **Imprensa e Ensino na Ditadura**. In: Antonio C. Ferreira, Holien G. Bezerra e Tânia de Luca. (Orgs.) **O historiador e seu tempo**. SP: UNESP, 2008.

KELLNER, Douglas. **Guerras entre teorias e estudos culturais**. In: **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**, Bauru, SP: EDUSC, 2001. (p. 25-74).

KOTSCHO, Ricardo. **Explode um novo Brasil: Diário da Campanha das Diretas**. Brasiliense: São Paulo, 1984.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed da UNICAMP, 1992.

LEONELLI, D; OLIVEIRA, D. **Diretas Já: 15 meses que abalaram a ditadura**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LIMA, Damião de. **Impactos e repercussões sócio-econômicas das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984)**. Tese (Doutorado em História Econômica) – USP / FFLCH. São Paulo, 2004. 300 p.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. Surpresa, humor e o desnudamento da política: as charges do Jornal da Paraíba. In: **Ensaio de Antropologia da Política**. Campina Grande, EDUEPB, 2011. p.151 a 205.

LIMA, Herman. **Historia da Caricatura no Brasil**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. 1 vol.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. (p.111-133).

MARTINS, A. L. & DE LUCA, T. R. (Org.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4º. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual: Balanço Provisório, Propostas Cautelares. In: **Revista Brasileira de História**, vol 23, nº 45. Associação Nacional de História. São Paulo, Brasil, 2003.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **Charge**: uma prática discursiva e ideológica. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande, 2001. Disponível em: <<http://repositorio.portcom.intercom.org.br>> Acessado em: 22 Set. 2010.

MONTEIRO, Manuel. **A história de Fred**. Campina Grande: Carlos Martins, 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango é o Golpe de 1964 na Caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2006.

PAIVA, Eduardo Augusto, **História & Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PROST, Antoine. Social e Cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editora Stampa, 1998.

RABAÇA, C.A & BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 2001.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

REIS, José Carlos. **História & Teoria**: Historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RÉMOND, René. Uma História Presente. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Diretas Já**: O grito preso na garganta. 1ªed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia. Maringá: Eduem, 2000

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão Cômica na Vida Privada na República. In: NOVAES, Fernando A. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. Vol. 3, 1998.

SILVA, Marcos A. da. **Prazer e poder do Amigo da Onça (1943 – 1962)**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Castelo a Tancredo (1964-1985). 4ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SODRÉ, Néelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, Maria. Lindaci G. de. **Iconografia humorístico no ensino de história**: modalidades de uso no cotidiano da sala de aula. Tese (Doutorado em Educação). Natal: UFRN, 2004.

TÁVORA, Araken. **Pedro II através da caricatura**. Rio de Janeiro, Bloch editores S.A, 1975.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **O traço como texto**: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930 FCBR, 2001. Disponível em:<
http://casaruibarbosa.gov.br/dados/doc/artigos/a-z/FCRB_LuizGuilhermeSodreTeixeira_História-charge.pdf > Acesso em 08. Mar. 2010.

_____. **Sentidos do humor, traças da razão: a charge**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

TEIXEIRA, Tattiana. A Comédia do Traço. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; BENTZ, Ione Maria Ghoslen; PINTO, José Milton (orgs). **Produção e recepção dos sentidos midiáticos**. Petrópolis – RJ, Vozes, 1998.

BIOGRAFIAS CONSULTADAS PELA INTERNET

Dante de Oliveira - http://pt.wikipedia.org/wiki/Dante_de_Oliveira. Acesso em 14 Fev. 2012.

João Baptista Figueiredo – http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Figueiredo. Acesso em 14 Fev. 2012.

José Sarney – <http://josesarney.org/category/js/biografia/>. Acesso em 14 Fev. 2012.

Paulo Maluf – http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Maluf. Acesso em 14 Fev. 2012.

Tancredo Neves – http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/Tancredo_Neves. Acesso em 14 Fev. 2012.

Ulysses Guimarães - http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/ulisses_quimaraes. Acesso em 14 Fev. 2012.